ISSN: 2318-6852

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2015**

Monitoramento agrícola – cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – Safra 2015/16

Presidência da República
Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)
Kátia Abreu

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Lineu Olímpio de Souza (Presidente em exercício)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
João Marcelo Intini

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)
Marcelo de Araújo Melo

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)
Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)
Lineu Olímpio de Souza

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa
Bernardo Nogueira Schlemper
Eledon Pereira de Oliveira
Francisco Olavo Batista de Sousa
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Marisson de Melo Marinho
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote
Clovis Campos de Oliveira
Divino Cristino de Figueiredo
Fernando Arthur Santos Lima
Giovana Freitas de Castro (estagiária)
Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)
Guilherme Queiroz Micas (estagiário)
Joaquim Gasparino Neto
Nayara Sousa Marinho (estagiária)
Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais
Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 1 -Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2015**

Monitoramento agrícola – cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852
Acomp. safra bras. grãos, v. 3- Safra 2015/16 - primeiro levantamento, Brasília, p. 1-104, outubro 2015.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Asdrúbal de Carvalho Jacobina (Gecup)
João Marcelo Brito Alves (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gerab - Feijão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole - Milho)
Miriam Rodrigues da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Alessandro Lúcio Marques (Geint)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)
Leonardo Amazonas (Geole -Soja)
Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab - Arroz)
André Luiz Farias de Souza (Assessor Dipai)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem (AC); Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca (AL); Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva (BA); Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos (GO); Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo (MA); Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes (MS); Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho (MT); Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto (PR); Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva (PI); Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva (PE); Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Anderson Gomes (RO); Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida (RR); Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto (RS); Cézar Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); Fausto Almeida (SE); Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafras/Conab, https://br.dollarphotoclub.com

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)
Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal
Disponível em: http://www.conab.gov.br
Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).
ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO

1. Resumo executivo----------10

2. Introdução---------- 12
2.1. Metodologia ----------13
2.1.1. Modelo estatístico ----------13
2.1.2. Pacotes tecnológicos----------13
2.1.3. Modelo meteorológico e espectral ---------- 14
2.1.4. Monitoramento da situação climática ---------- 14
2.1.5. Metodologia subjetiva ---------- 14
2.1.6. Outras informações ---------- 14

3. Estimativa de área plantada ---------- 15

4. Estimativa de produtividade ---------- 17

5. Estimativa de produção ---------- 19

6.Crédito rural ----------22
6.1. Arroz---------- 24
6.2. Milho---------- 29
6.3. Soja---------- 33
6.4. Algodão---------- 38
6.5. Feijão ---------- 41
6.6. Informações a respeito da liberação de crédito em 2015 ----------46

7. Mercado de insumos ----------47
7.1. Fertilizantes ---------- 47
7.2. Máquinas agrícolas ----------48
7.3. Informações a respeito do mercado de insumos----------49

8. Câmbio---------- 51

9. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo ----------53

10. Vazio Sanitário ---------- 56

11. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) - setembro de 2014 a agosto de 2015 ----------59
11.1. Condições meteorológicas recentes---------- 60
11.2. Condições oceânicas recentes e tendência---------- 61
11.3. Prognóstico climático para o trimestre out-nov-dez/2015 ----------62
11.4. Monitoramento agrometeorológico----------63
11.4. Monitoramento Espectral----------64

11. Análise das culturas---------- 70
11.1. Culturas de verão ---------- 70
11.1.1. Algodão---------- 70
11.1.1.1. Oferta e demanda ---------- 76
11.1.2. Amendoim ---------- 81
11.1.2.1. Amendoim primeira safra---------- 81
11.1.2.2. Amendoim segunda safra ---------- 83
11.1.2.3. Amendoim total ---------- 84
11.1.3. Arroz ----------85
11.1.3.1. Oferta e demanda ---------- 91

1.1.4. Feijão ---------- 91
11.1.4.1. Feijão primeira safra ---------- 91
11.1.4.2. Feijão segunda safra ---------- 96
11.1.4.3. Feijão terceira safra ---------- 99
11.1.4.4. Feijão total ---------- 102
11.1.4.5. Oferta e demanda ----------104
11.1.5. Girassol ---------- 104
11.1.6. Mamona ---------- 106
11.1.7. Milho ---------- 107
11.1.7.1. Milho primeira safra ---------- 107
11.1.7.2. Milho segunda safra ---------- 112
11.1.7.3. Milho total ---------- 116
11.1.7.4. Oferta e demanda ---------- 118
11.1.8. Soja ----------121
11.1.8.1. Oferta e demanda ---------- 127
11.1.9. Sorgo ---------- 130
11.2. Culturas de inverno ---------- 131
11.2.1. Aveia ---------- 132
11.2.2. Canola ---------- 135
11.2.3. Centeio ---------- 137
1.2.4. Cevada ----------138
11.2.5. Trigo ----------140
11.2.5.1. Oferta e demanda ---------- 145
11.2.6. Triticale ---------- 145

12. Balanço de oferta e demanda ---------- 147

13. Anexos ---------- 149

1. Resumo executivo

A estimativa da produção de grãos para a safra 2015/16 poderá atingir entre 210,3 a 213,5 milhões de toneladas. O crescimento poderá ser de até 1,7% em relação à safra anterior.

A área plantada está prevista situar-se entre 58,1 e 59 milhões de hectares. O crescimento previsto poderá ser de até 1,5% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção poderá permanecer semelhante à da safra anterior ou aumentar em até 2%.

Amendoim: a estimativa é de safra muito idêntica a 2014/15.

Arroz: há perspectivas de redução de área, mas a produção prevista é próxima à da safra passada.

Feijão: a estimativa é de aumento de até 2,3% em relação ao período anterior. O feijão primeira safra poderá ter um ganho de até 4%.

Girassol: crescimento de até 14% em relação à safra passada.

Mamona: estimativa de aumento na produção.

Milho: perspectiva de redução de até 8,9% no milho primeira safra em comparação com 2014/15.

Soja: projeção de crescimento de até 5,9% na produção, podendo atingir 101,9 milhões de toneladas.

Safra de inverno 2015

Aveia: significativo aumento de área e produtividade.

Canola: mesmo com redução de área, a produção será superior 69% em relação à safra anterior.

Cevada: redução de área plantada e aumento de produtividade resultam numa produção de 9,6% maior que à da safra passada.

Centeio: manutenção de área com ganho de produtividade resultam em aumento de 2,9% na produção.

Trigo: a produção será maior que a safra 2014, mas haverá redução de área. Fatores climáticos foram prejudiciais à cultura. Produção de 6,65 milhões de toneladas (11,4% superior à safra passada).

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n. 1 - primeiro levantamento, outubro 2015.

2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza acompanhamento mensal da safra brasileira de grãos. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação da políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes oficiais e privados do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Neste boletim do primeiro levantamento da safra brasileira de grãos consta o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra, soja e projeções para as culturas de segunda e terceira safras, cujo os plantios são realizados a partir de janeiro até junho. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, crédito rural, câmbio, exportações, monitoramento agrícola, além da oferta e demanda dos principais produtos avaliados, além da safra da Região Nordeste (feijão e milho). Há também o acompanhamento da safra de inverno 2015 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) com dados evolução do desenvolvimento das culturas, evolução da colheita, influência climática.

Este boletim também contém a metodologia empregada para as estimativas de área e produtividade, que leva em consideração modelo estatístico, o uso de pacotes tecnológicos, modelo agrometereológico e

espectral, monitoramento da situação climática, além da própria metodologia subjetiva de pesquisa a campo. Essas pesquisas a campo são realizadas graças à colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, secretarias de agricultura, órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), agentes financeiros e revendedores de insumos, que subsidiam os técnicos desta Companhia com informações pertinentes aos levantamentos.

Além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio por parte dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio.

Vale destacar também que, o presente Boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Na oportunidade, agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos, que direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

2.1. Metodologia

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

2.1.1. Modelo estatístico

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o "R", que é um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões deste estudo foram utilizados os pacotes "Forecast" e "Astsa".
Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (http://www.conab.gov.br/). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de 1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.
As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e predizer o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e UF, foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Esta é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor "real". Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

2.1.2. Pacotes tecnológicos

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos, se faz a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados

nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

2.1.3. Modelo agrometeorológico e espectral

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

A Companhia tem os mapeamentos das principais culturas de verão, de segunda safra e de inverno, destacando o arroz, café, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo, que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.

2.1.4. Monitoramento da situação climática

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.

2.1.5. Metodologia subjetiva

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores, que de uma forma geral já procedem a primeira consolidação dos dados.
A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do desenho segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.
As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia.
Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estádio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

2.1.6. Outras informações

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como: o crédito rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.

3. Estimativa de área plantada (58,16 a 59,02 milhões de hectares)

A área de plantio para a safra 2015/16 estimada entre 58,16 e 59,02 milhões de hectares, representa crescimento de até 1,5%, em relação à cultivada na safra 2014/15, que totalizou 58,15 milhões de hectares (Tabela 1).

Destaque, mais uma vez, para a cultura da soja, principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de um crescimento na área cultivada com a oleaginosa entre 1,7 e 3,6% (550,8 a 1.150,6 mil hectares). O algodão apresenta uma redução entre 0,1 e 2,3% (1 a 23,6 mil hectares). Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução na área entre 6,7 e 4,2% (420,5 e 261,5 mil hectares), área passando a ser cultivada com soja. Para o feijão primeira safra, a estimstiva é redução de 1,2% (13,1 mil hectares) a um crescimento de 0,8% (8,6 mil hectares).

Esta é a primeira previsão para a safra 2015/16. Apenas as culturas de primeira safra tiveram o plantio iniciado, e se estende até dezembro, as demais culturas de segunda e terceira safras, além das culturas de inverno, têm os plantios finalizados em junho, portanto, a área estimada neste levantamento poderá sofrer alterações.

É importante ressaltar que o calendário de plantio da safra brasileira é bastante dinâmico, para tanto, é dividido em:

a) culturas de verão primeira safra, para as culturas de algodão, amendoim, arroz, feijão, milho e soja, com

início do plantio em fins de agosto na Região Sul, com as culturas de feijão e milho, finalizando em dezembro nas Regiões Centro-Oeste, Sul, Sudeste, Matopiba e Rondônia;

b) culturas de verão de segunda safra: culturas de algodão, amendoim, feijão e milho e plantios de janeiro a abril;

c) culturas de terceira safra, com plantios entre maio e julho;

d) culturas de inverno: plantios realizados entre abril e julho.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	14/15	15/16		Percentual		Absoluta	
	(a)	Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	1.017,1	993,5	1.016,1	(2,3)	(0,1)	(23,6)	(1,0)
AMENDOIM TOTAL	108,9	106,6	109,0	(2,1)	0,1	(2,3)	0,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	95,3	97,3	(2,5)	(0,4)	(2,4)	(0,4)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	11,3	11,7	0,9	4,5	0,1	0,5
ARROZ	2.295,0	2.220,7	2.271,0	(3,2)	(1,0)	(74,3)	(24,0)
FEIJÃO TOTAL	3.034,4	3.021,3	3.043,0	(0,4)	0,3	(13,1)	8,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,4	1,040,3	1.062,0	(1,2)	0,8	(13,1)	8,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,3	1.318,3	1.318,3				
FEIJÃO 3ª SAFRA	662,7	662,7	662,7				
GIRASSOL	111,5	109,4	109,5	(1,9)	(1,8)	(2,1)	(2,0)
MAMONA	82,1	85,6	89,1	4,3	8,5	3,5	7,0
MILHO TOTAL	15,822,3	15.401,8	15.560,8	(2,7)	(1,7)	(420,5)	(261,5)
MILHO 1ª SAFRA	6.234,7	5.814,2	5.973,2	(6,7)	(4,2)	(420,5)	(261,5)
MILHO 2ª SAFRA	9.587,6	9.587,6	9.587,6				
SOJA	32.093,1	32.643,9	33.243,7	1,7	3,6	550,8	1.150,6
SORGO	722,6	722,4	722,6			(0,2)	
SUBTOTAL	55.287,0	55.305,2	56.164,8		1,6	18,2	877,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2015	2016		Percentual		Absoluta	
	(a)	Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	184,5	184,5	184,5				
CANOLA	43,1	43,1	43,1				
CENTEIO	1,8	1,8	1,8				
CEVADA	103,6	103,6	103,6				
TRIGO	2.487,4	2.487,4	2.487,4				
TRITICALE	39,1	39,1	39,1				
SUBTOTAL	2.859,5	2.859,5	2.859,5				
BRASIL (2)	58.146,5	58.164,7	59.024,3		1,5	18,2	877,8

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em outubro/2015

4. Estimativa de produtividade

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n. 1 - primeiro levantamento, outubro 2015.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – grãos

(Em kg/ha)

PRODUTOS - CULTURA DE VERÃO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	14/15 (a)	15/16 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.322	2.372	2,2	50,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.507	1.540	2,2	33,0
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.213	1,0	30,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.308	1,2	40,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.419	(0,9)	(21,9)
ARROZ	5.424	5.383	(0,8)	(41,3)
FEIJÃO TOTAL	1.050	1.070	1,9	19,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.106	2,9	31,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	932	964	3,5	32,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.246	1.222	(1,9)	(23,8)
GIRASSOL	1.374	1.598	16,3	224,6
MAMONA	573	269	(53,0)	(303,7)
MILHO TOTAL	5.401	5.368	(0,6)	(32,7)
MILHO 1ª SAFRA	4.929	4.832	(2,0)	(96,7)
MILHO 2ª SAFRA	5.708	5.698	(0,2)	(10,1)
SOJA	2.999	3.066	2,2	66,7
SORGO	2.844	2.695	(5,3)	(149,4)
PRODUTOS - CULTURA DE INVERNO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2015 (a)	2016 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.096	2.096	-	-
CANOLA	1.425	1.425	-	-
CENTEIO	2.000	2.000	-	-
CEVADA	3.231	3.231	-	-
TRIGO	2.675	2.675	-	-
TRITICALE	2.619	2.619	-	-
BRASIL (2)	3.609	3.616	0,2	7,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em outubro/2015.

5. Estimativa de produção (210,31 a 213,47 milhões de toneladas)

Neste primeiro levantamento, para a safra 2015/16, a produção estimada é de um volume entre 210,31 e 213,47 milhões de toneladas, variação entre 0,2 e 1,7%, (Tabela 3). Esse resultado representa um aumento na produção entre 471,5 e 3.626,4 mil toneladas, sobre a safra colhida em 2014/15.

Tabela 3 – Estimativa de produção – grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	14/15 (a)	15/16		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.362,0	2.356,5	2.410,1	(0,2)	2,0	(5,5)	48,1
ALGODÃO - PLU-MA	1.532,8	1.529,6	1.564,3	(0,2)	2,1	(3,2)	31,5
AMENDOIM TOTAL	346,8	342,5	350,2	(1,2)	1,0	(4,3)	3,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	315,4	321,8	(1,2)	0,8	(3,9)	2,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	27,1	28,4	(1,5)	3,3	(0,4)	0,9
ARROZ	12.448,6	11.961,9	12.216,8	(3,9)	(1,9)	(486,7)	(231,8)
FEIJÃO TOTAL	3.185,1	3.228,1	3.258,1	1,4	2,3	43,0	73,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,8	1.147,0	1.177,0	1,3	4,0	15,2	45,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.228,0	1.271,4	1.271,4	3,5	3,5	43,4	43,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	825,6	809,7	809,7	(1,9)	(1,9)	(15,9)	(15,9)
GIRASSOL	153,2	174,8	175,0	14,1	14,2	21,6	21,8
MAMONA	47,0	60,1	62,8	27,9	33,6	13,1	15,8
MILHO TOTAL	85.456,5	82.624,7	83.592,6	(3,3)	(2,2)	(2.831,8)	(1.863,9)
MILHO 1ª SAFRA	30.731,4	27.996,4	28.964,3	(8,9)	(5,8)	(2.735,0)	1.767,1)
MILHO 2ª SAFRA	54.725,2	54.628,3	54.628,3	(0,2)	(0,2)	(96,9)	(96,9)
SOJA	96.243,3	100.074,2	101.911,7	4,0	5,9	3.830,9	5.668,4
SORGO	2.055,3	1.946,9	1.947,3	(5,3)	(5,3)	(108,4)	(108,0)
SUBTOTAL	202.298,2	202.769,7	205.924,6	0,2	1,8	471,5	3.626,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2015 (a)	2016		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	386,8	386,8	386,8	-	-	-	-
CANOLA	61,4	61,4	61,4	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	334,7	334,7	334,7	-	-	-	-
TRIGO	6.652,6	6.652,6	6.652,6	-	-	-	-
TRITICALE	102,4	102,4	102,4	-	-	-	-
SUBTOTAL	7.541,5	7.541,5	7.541,5	-	-	-	-
BRASIL (2)	209.839,8	210.311,2	213.466,1	0,2	1,7	471,5	3.626,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em outubro2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	2.499,0	2.472,2	2.535,5	(1,1)	1,5	3.203	3.242	1,2	8.003,8	7.997,6	8.236,9	(0,1)	2,9
RR	44,9	44,9	44,9	-	-	3.886	3.962	2,0	174,5	177,9	177,9	1,9	1,9
RO	463,3	463,7	465,5	0,1	0,5	3.297	3.411	3,5	1.527,6	1.582,2	1.587,5	3,6	3,9
AC	55,5	55,5	55,5	-	-	1.959	2.002	2,2	108,7	111,1	111,1	2,2	2,2
AM	23,8	23,8	23,8	-	-	2.185	2.227	1,9	52,0	53,0	53,0	1,9	1,9
AP	5,0	5,0	5,0	-	-	880	960	9,1	4,4	4,8	4,8	9,1	9,1
PA	658,3	658,3	658,3	-	-	2.914	2.959	1,5	1.918,2	1.947,7	1.947,7	1,5	1,5
TO	1.248,2	1.221,0	1.282,5	(2,2)	2,7	3.380	3.386	0,2	4.218,4	4.120,9	4.354,9	(2,3)	3,2
NORDESTE	8.204,0	8.267,8	8.425,5	0,8	2,7	2.049	2.081	1,6	16.809,7	17.150,0	17.585,0	2,0	4,6
MA	1.728,7	1.710,5	1.752,8	(1,1)	1,4	2.392	2.468	3,2	4.135,5	4.225,5	4.323,4	2,2	4,5
PI	1.410,6	1.430,8	1.451,0	1,4	2,9	2.222	2.265	1,9	3.134,3	3.234,9	3.293,2	3,2	5,1
CE	903,7	903,7	903,7	-	-	282	444	57,5	254,8	401,4	401,4	57,5	57,5
RN	62,7	62,7	62,7	-	-	285	451	58,4	17,9	28,3	28,3	58,1	58,1
PB	122,9	122,9	122,9	-	-	247	389	57,5	30,3	47,8	47,8	57,8	57,8
PE	466,6	466,6	466,6	-	-	354	401	13,3	165,1	187,1	187,1	13,3	13,3
AL	66,3	66,3	66,3	-	-	952	796	(16,3)	63,1	52,8	52,8	(16,3)	(16,3)
SE	199,1	199,1	199,1	-	-	4.025	4.153	3,2	801,3	826,9	826,9	3,2	3,2
BA	3.243,4	3.305,2	3.400,4	1,9	4,8	2.530	2.471	(2,3)	8.207,4	8.145,3	8.424,1	(0,8)	2,6
CENTRO-OESTE	22.851,5	22.944,0	23.222,1	0,4	1,6	3.858	3.913	1,4	88.165,4	89.851,1	90.784,8	1,9	3,0
MT	13.568,9	13.648,0	13.837,9	0,6	2,0	3.805	3.797	(0,2)	51.624,5	51.876,5	52.485,6	0,5	1,7
MS	4.038,3	4.057,9	4.106,1	0,5	1,7	4.154	4.043	(2,7)	16.774,4	16.429,2	16.579,5	(2,1)	(1,2)
GO	5.103,9	5.097,6	5.134,9	(0,1)	0,6	3.718	4.063	9,3	18.974,5	20.707,6	20.863,6	9,1	10,0
DF	140,4	140,5	143,2	0,1	2,0	5.641	5.971	5,8	792,0	837,8	856,1	5,8	8,1
SUDESTE	5.109,5	5.109,9	5.174,5	-	1,3	3.773	3.920	3,9	19.278,5	20.026,4	20.285,1	3,9	5,2
MG	3.226,3	3.212,6	3.238,4	(0,4)	0,4	3.665	3.969	8,3	11.824,8	12.747,7	12.858,0	7,8	8,7
ES	32,5	32,5	32,5	-	-	1.185	1.788	50,9	38,5	58,1	58,1	50,9	50,9
RJ	4,1	4,1	4,1	-	-	1.659	1.780	7,3	6,8	7,3	7,3	7,4	7,4
SP	1.846,6	1.860,7	1.899,5	0,8	2,9	4.012	3.876	(3,4)	7.408,4	7.213,3	7.361,7	(2,6)	(0,6)
SUL	19.482,5	19.370,8	19.666,7	(0,6)	0,9	3.982	3.890	(2,3)	77.582,3	75.286,1	76.574,3	(3,0)	(1,3)
PR	9.585,5	9.577,5	9.706,6	(0,1)	1,3	3.962	3.972	0,2	37.974,6	38.040,3	38.550,7	0,2	1,5
SC	1.300,8	1.276,8	1.323,3	(1,8)	1,7	5.012	5.072	1,2	6.519,7	6.445,1	6.741,8	(1,1)	3,4
RS	8.596,2	8.516,5	8.636,8	(0,9)	0,5	3.849	3.619	(6,0)	33.088,0	30.800,7	31.281,8	(6,9)	(5,5)
NORTE/ NORDESTE	10.703,0	10.740,0	10.961,0	0,3	2,4	2.318	2.349	1,3	24.813,5	25.147,6	25.821,9	1,3	4,1
CENTRO-SUL	47.443,5	47.424,7	48.063,3	-	1,3	3.900	3.904	0,1	185.026,2	185.163,6	187.644,2	0,1	1,4
BRASIL	58.146,5	58.164,7	59.024,3	-	1,5	3.609	3.616	0,2	209.839,7	210.311,2	213.466,1	0,2	1,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em outubro/2015.

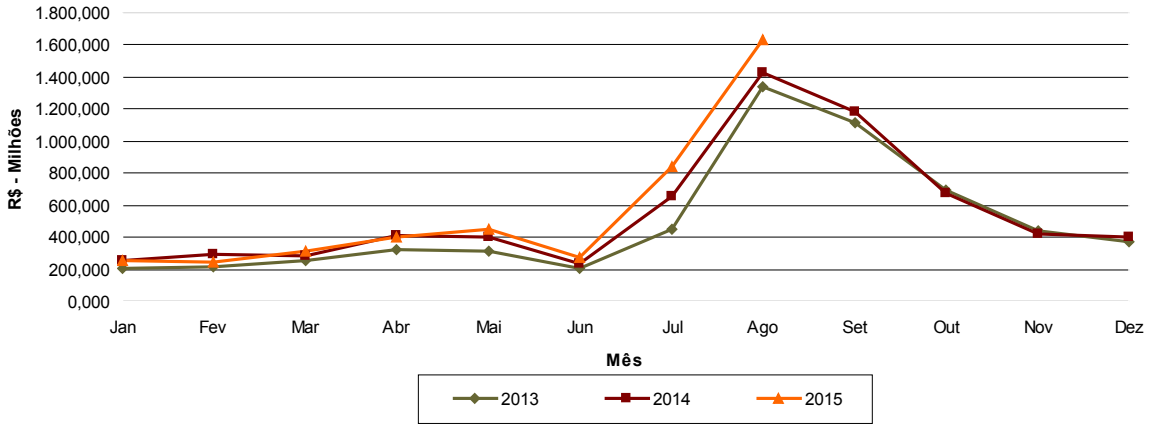
6. Crédito rural

O crédito rural é a variável importante no desenvolvimento da agricultura. No momento, a Conab utiliza dessas informações para orientar sua avaliação a respeito da escolha do produtor no plantio da safra 2015/16. A comparação entre os anos de 2013 a 2015 visa oferecer maior amplitude de análise. Na parte final há comentários a respeito da liberação de crédito nos estados produtores.

Deve-se ressaltar que a Conab se pauta nas informações do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo acesso final foi em 23 de setembro de 2015. Como é de conhecimento amplo, o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

A análise utiliza os financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronafo e Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. O período compreende de janeiro de 2013 a agosto de 2015 (último mês com dados disponíveis) para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja (Gráfico 1).

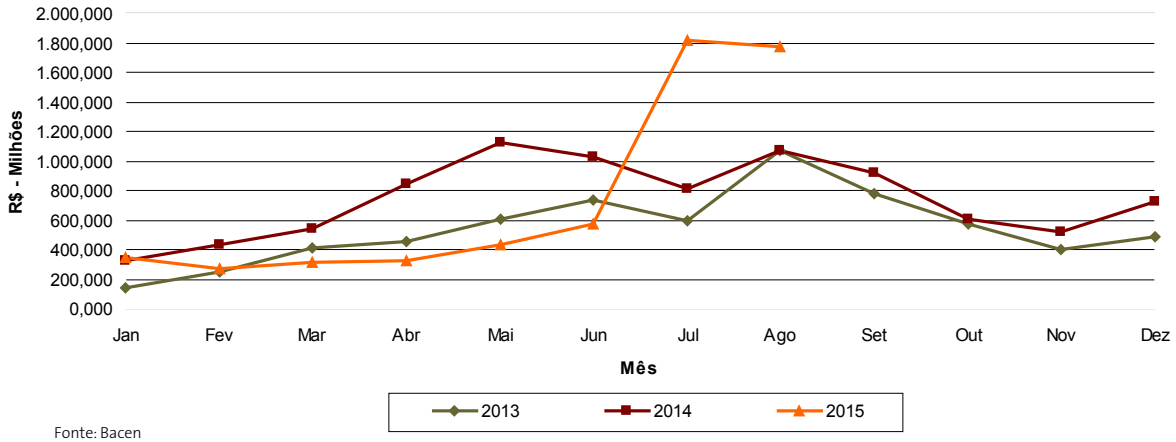
Gráfico 1 – Pronaf - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

O comportamento do crédito na linha do Pronaf entre janeiro e junho dos anos em análise se manteve semelhante, visto que em julho e agosto há maior utilização do crédito. No ano de 2015 percebe-se o maior uso do crédito do que nos anos anteriores (Gráfico 2).

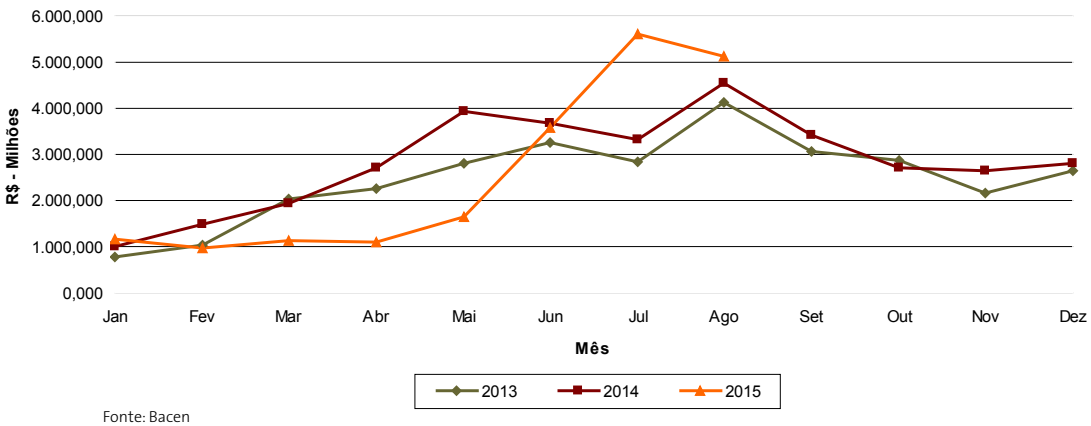
Gráfico 2 – Pronamp - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Os recursos do Pronamp têm a tendência de maior utilização no ano de 2015. O comportamento que se observa é de que, diferente dos anos anteriores, os recursos são mais utilizados a partir de julho de 2015. Observa-se, também, que os créditos em 2014 já demonstravam tendência de melhoria, quando comparados com 2013 (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Seguindo a tendência dos outros tipos de financiamentos comentados, nesse ano, o comportamento é diferente dos anos anteriores, pois o aumento de crédito se destaca em julho e agosto. No ano de 2014 os valores aportados foram superiores a 2013.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.

6.1. Arroz

A Tabela 5 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

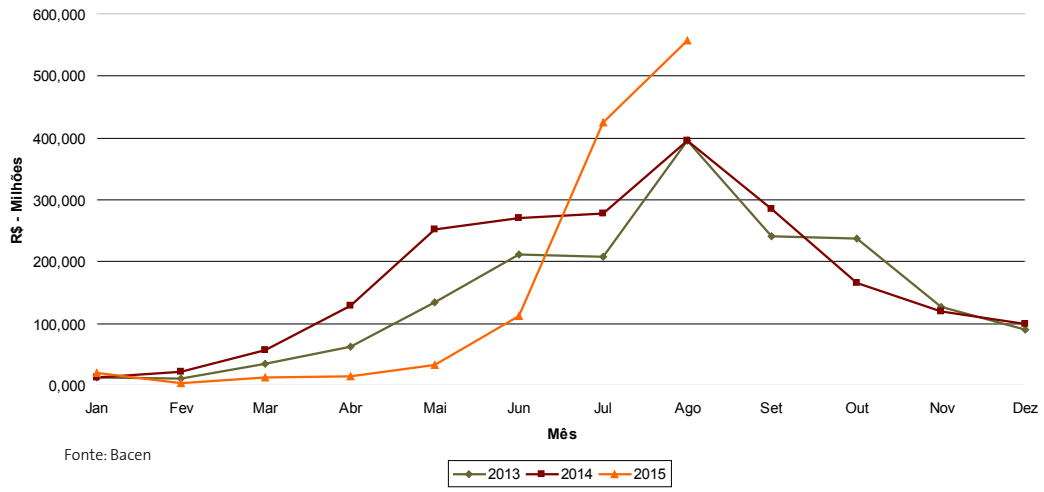
Tabela 5 – Arroz - tipo de financiamento – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,097
Sem Vinc. Espec.	6,086	17,154	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago				
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	37,011				
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	116,025	176,181				
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	300,487	344,517				
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	425,373	557,710				

Fonte: Bacen

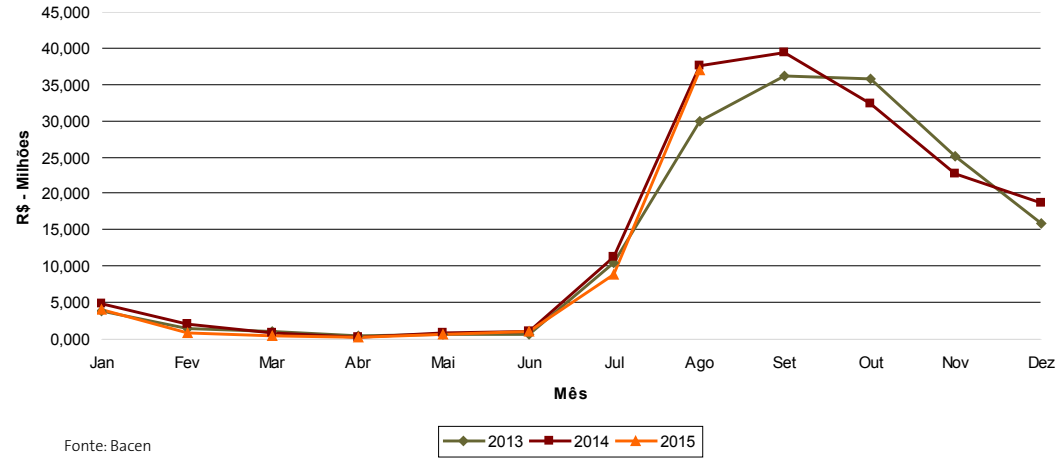
Os Gráficos 4, 5, 6 e 7 apresentam o total dos valores disponibilizados para o produto e os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 4 - Arroz – total de financiamento - janeiro de 2013 a agosto de 2015



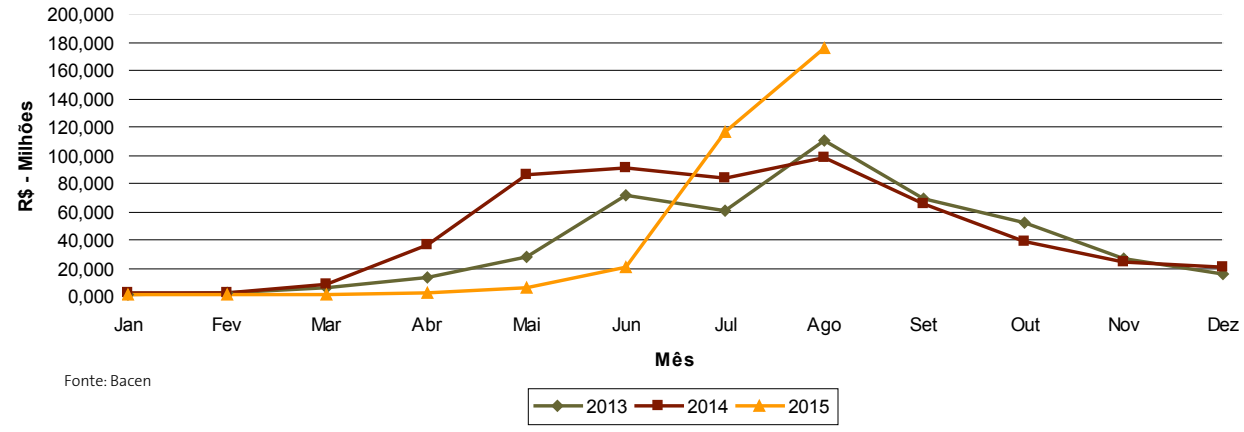
Fonte: Bacen

Gráfico 5 - Arroz - Pronaf - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



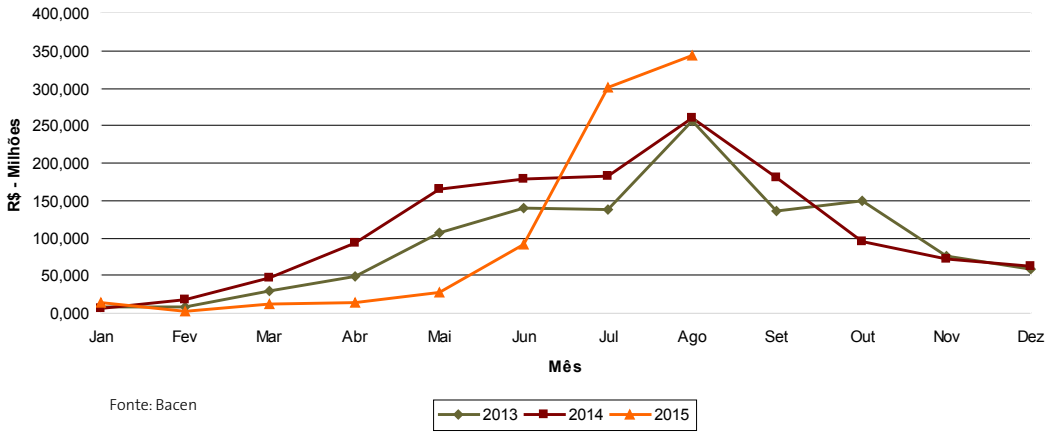
Fonte: Bacen

Gráfico 6 - Arroz - Pronamp - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico: 7 - Arroz - financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito – Janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Percebe-se que o crédito de janeiro a junho de 2015 foi inferior, se comparados com o mesmo período de 2014 e 2013, porém em julho e agosto observa-se aumento do valor disponibilizado em 2015, em relação aos anos anteriores. Esse mesmo comportamento é verificado quando observado pela ótica dos tipos de financiamento pelo Pronamp e sem vínculo a programa específico. Já no Pronaf o aporte em 2015 permanece, relativamente, idêntico ao observado em 2014 (Tabela 6).

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz.

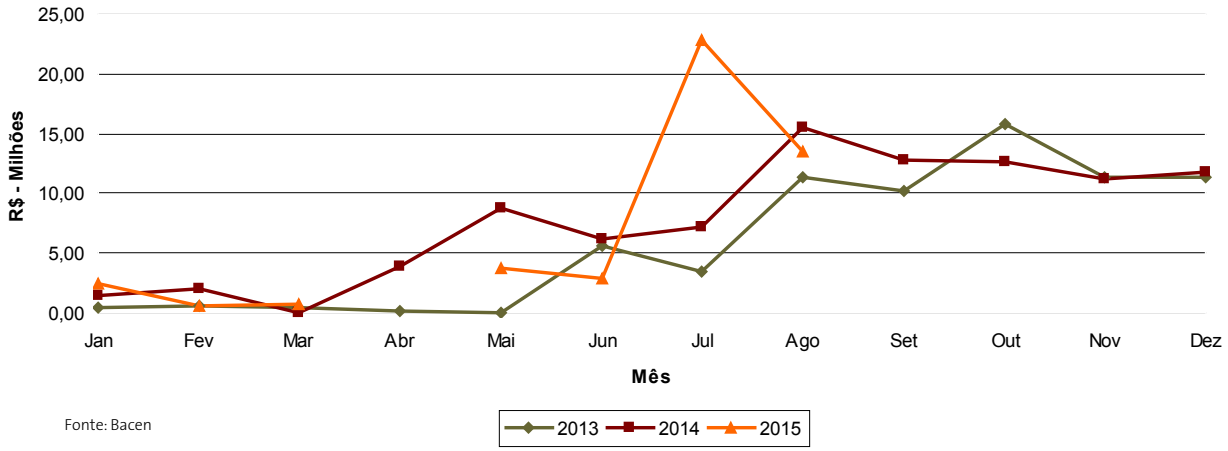
Tabela 6 - Arroz - região – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703
NORTE	1,371	2,040	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago				
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626				
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,350				
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,843	13,439				
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621				
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	397,115	534,674				
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	425,373	557,710				

Fonte: Bacen

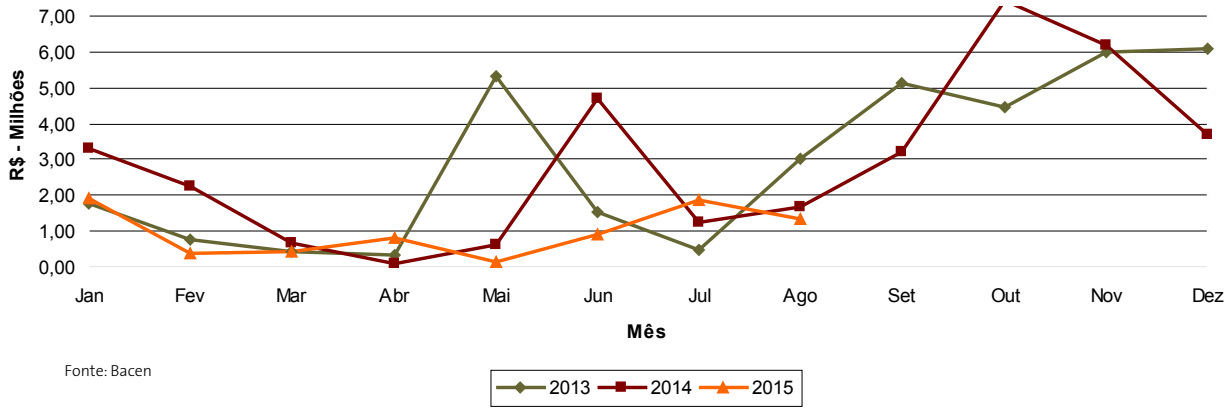
Os Gráficos 8, 9, 10, 11 e 12 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras para o produto arroz.

Gráfico 8 - Arroz – Norte - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



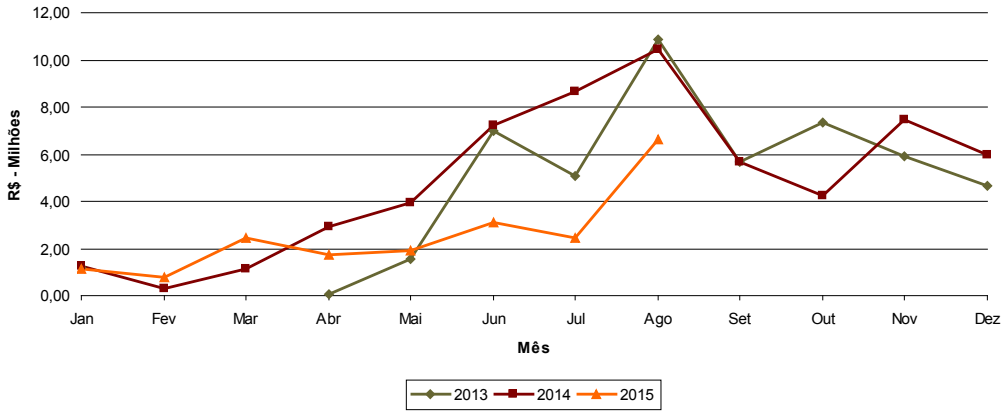
Fonte: Bacen

Gráfico 9 - Arroz – Nordeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



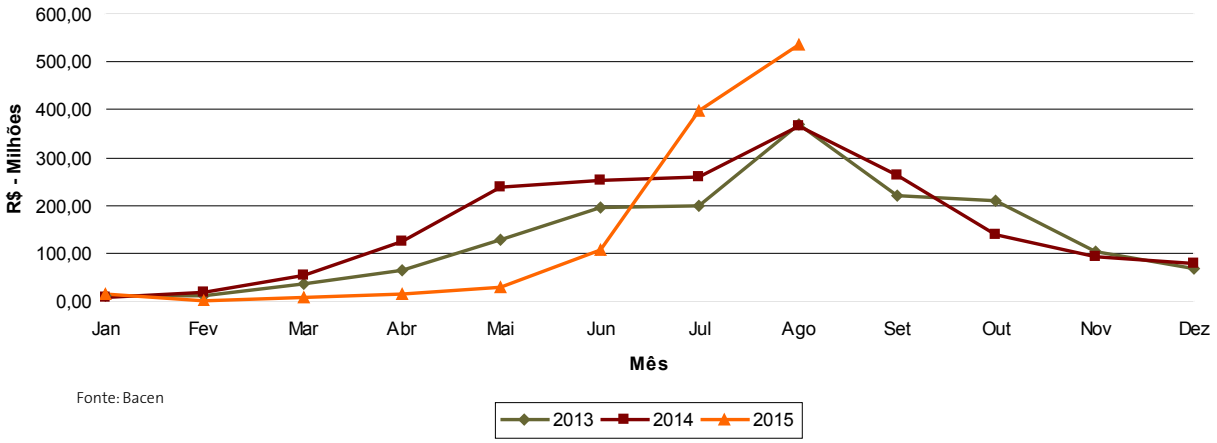
Fonte: Bacen

Gráfico 10 - Arroz – Centro-Oeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



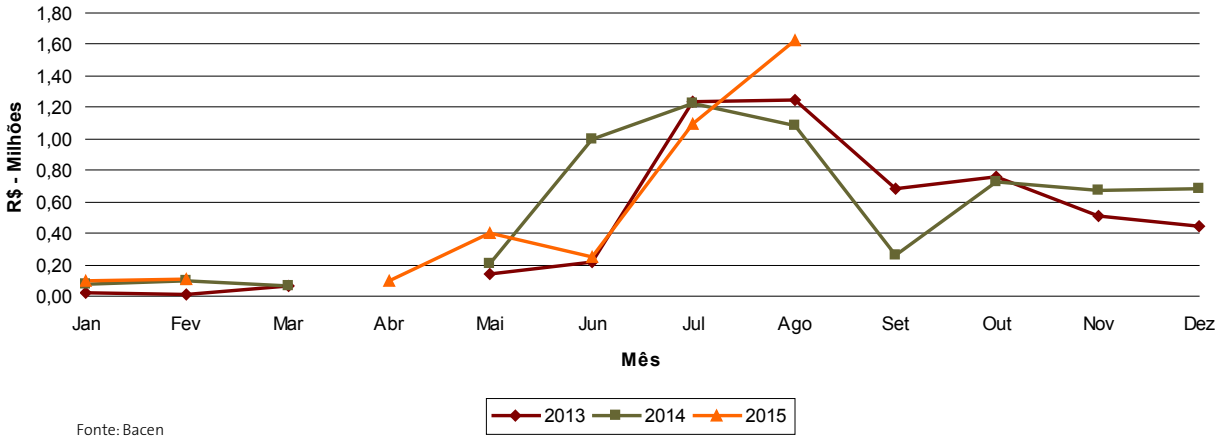
Fonte: Bacen

Gráfico 11 - Arroz – Sul - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 12 - Arroz – Sudeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

A produção de arroz se concentra na Região Sul e o calendário de plantio, no Brasil, tem seu início em setembro e se estende até dezembro. A utilização do crédito, na maioria das regiões a partir de junho está compatível com o processo de produção. Nas Regiões Sul e Sudeste o crescimento é destaque a partir de julho e agosto. O decréscimo de recursos para as Regiões Nordeste e Centro-Oeste, em 2015, pode indicar a redução do plantio de arroz para abertura de novas áreas, mas persiste a aplicação de recursos na cultura. Na Região Norte, que tem Tocantins e Rondônia como grandes produtores, a disponibilidade de crédito tem em julho o destaque no aporte de recursos.

6.2. Milho

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho.

Tabela 7 – Milho - tipo de financiamento – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	94,760	110,327	64,880	29,528	27,278	7,913	129,519	476,370	367,179	192,774	93,984	99,481
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,513	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637

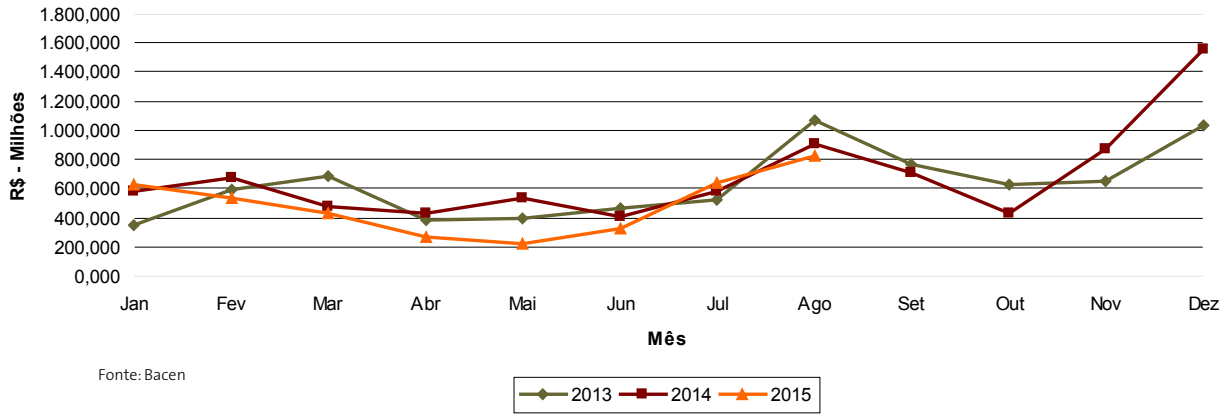
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,702	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,290	218,811	645,995	1.088,766
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739

2015								
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	168,007	374,168
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,778	123,032
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	272,051	369,889	330,295
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,558	320,907	640,674	827,496

Fonte: Bacen

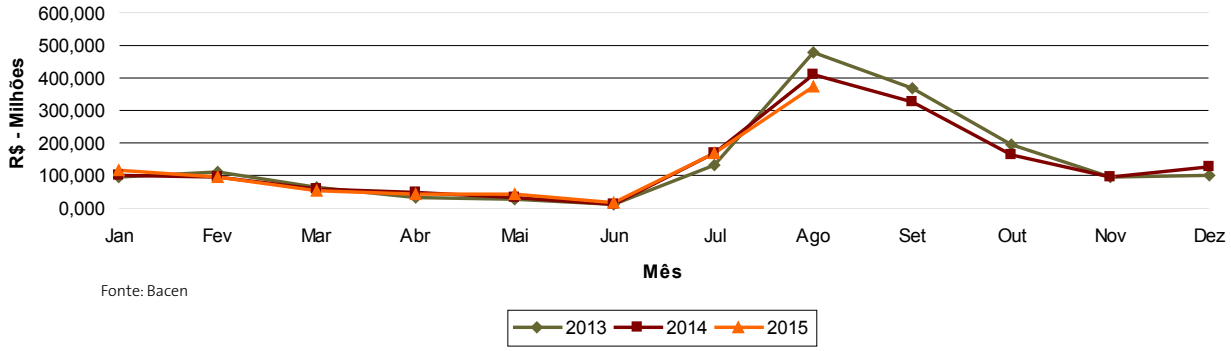
Os Gráficos 13, 14, 15 e 16 apresentam para o produto milho, o total dos valores disponibilizados os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 13 – Milho – Total de investimento - janeiro de 2013 a agosto de 2015



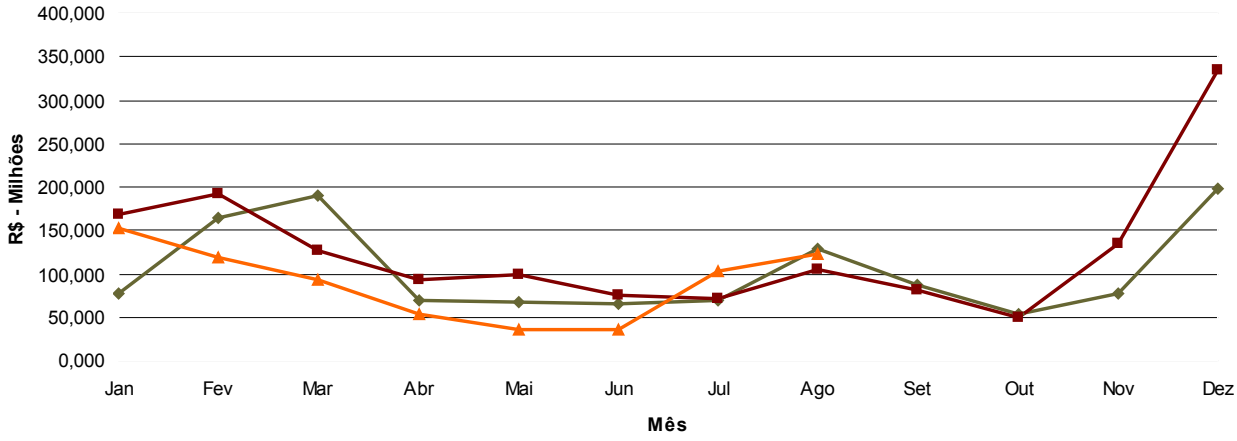
Fonte: Bacen

Gráfico 14 – Milho – Pronaf - janeiro de 2013 a agosto de 2015



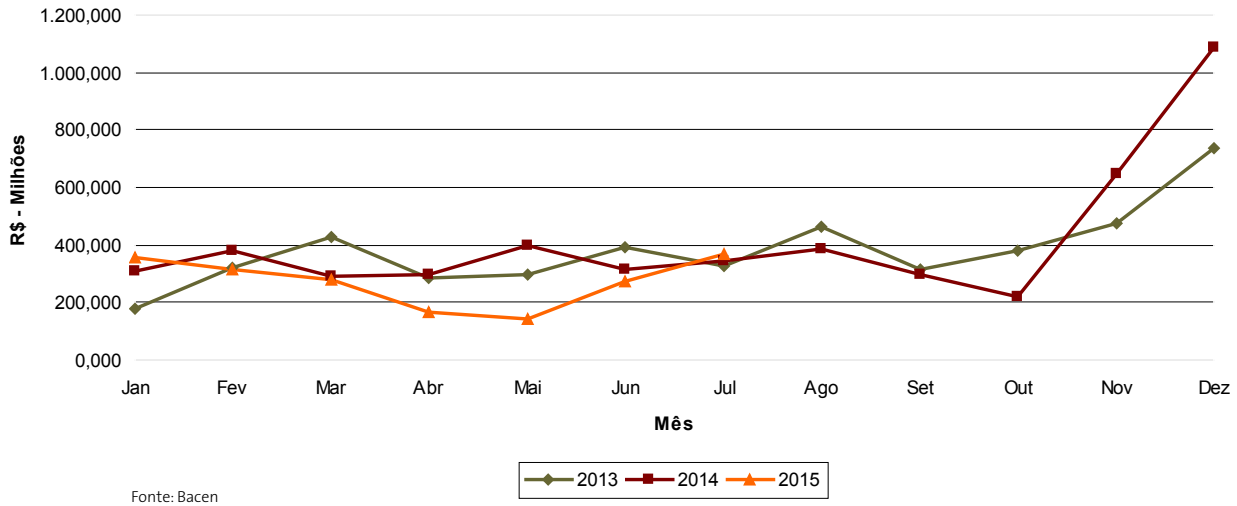
Fonte: Bacen

Gráfico 15 – Milho – Pronamp - janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 16 – Milho – financiamento sem vínculo a programa específico - janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Observa-se que o total de crédito disponibilizado em 2015 foi inferior aos anos de 2014 e 2013. No Pronaf o aporte de recursos manteve-se, em 2015, um pouco abaixo do observado em 2014. No Pronamp observa-se uma queda no valor disponibilizado entre janeiro a junho de 2015, quando comparado ao mesmo período de 2014, e sutil aumento em julho e agosto. O tipo de financiamento sem vínculo a programa específico, apresenta, em geral, queda em relação aos mesmos períodos de 2014 e 2013 (Tabela 8).

Tabela 8 – Milho - tipo de financiamento – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658
NORTE	6,039	3,286	1,915	2,271	7,102	3,067	8,543	7,380	9,175	8,780	13,622	11,465
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637

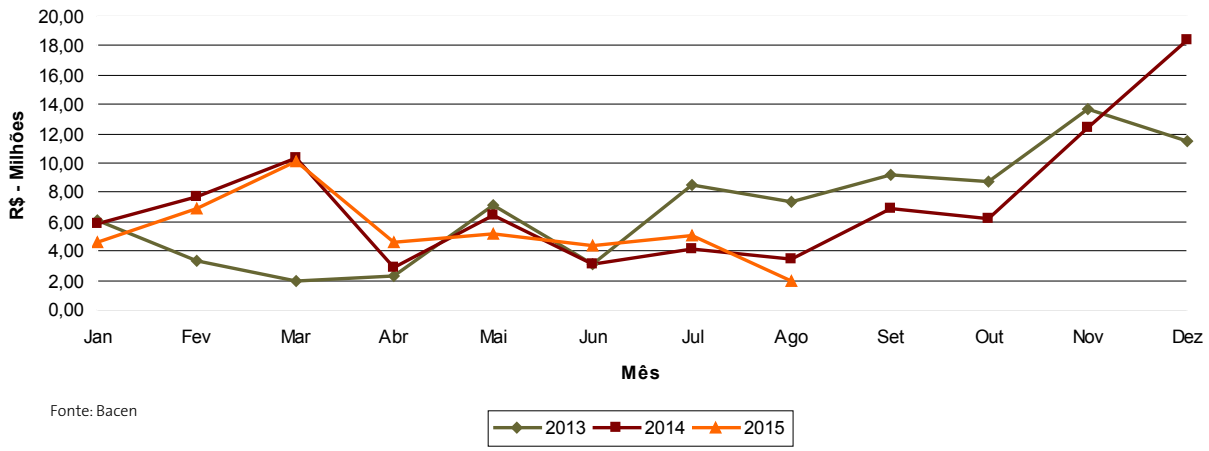
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739

2015								
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,306
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,940	45,551
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,942
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	42,025	120,194	131,590
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,473	380,499	592,107
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,558	320,907	640,674	827,496

Fonte: Bacen

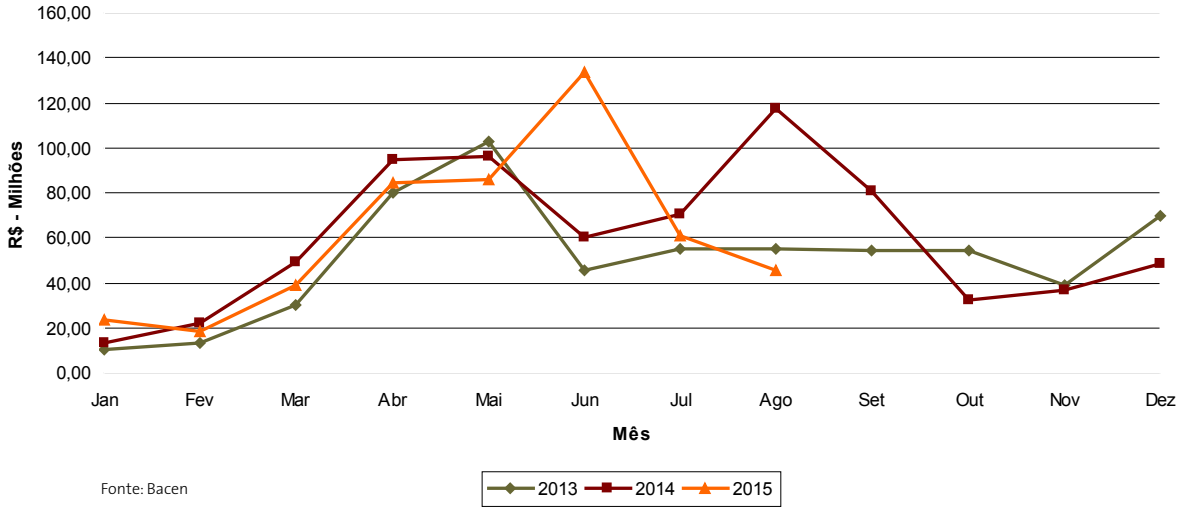
Os Gráficos 17, 18, 19, 20 e 21 apresentam para o produto milho os valores disponibilizados nas diferentes regiões brasileiras.

Gráfico 17 – Milho – Norte - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



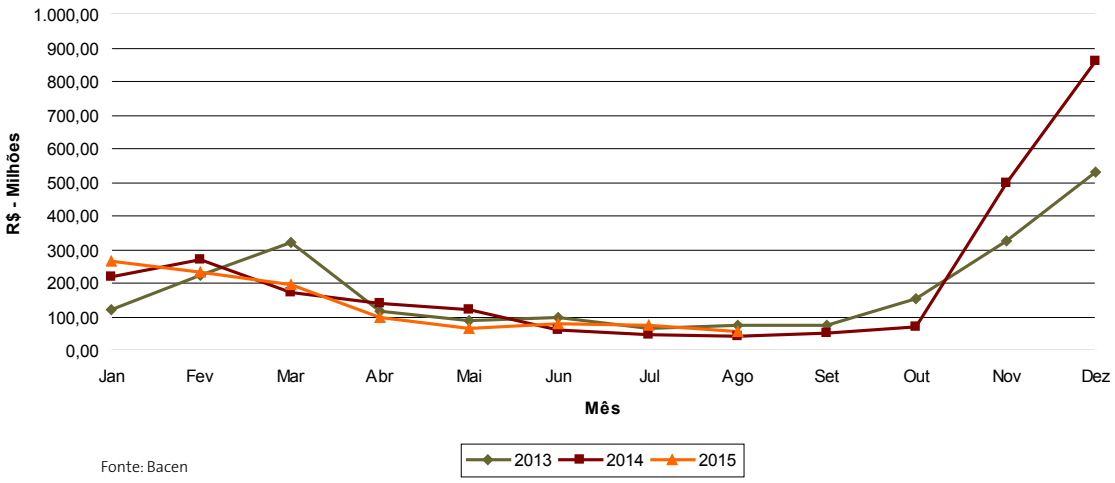
Fonte: Bacen

Gráfico 18 – Milho – Nordeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



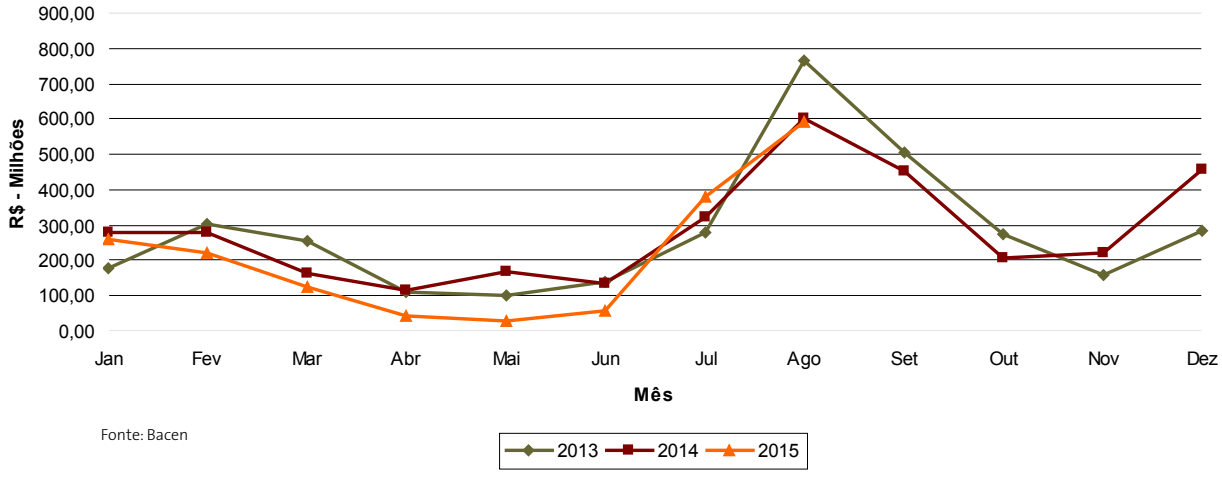
Fonte: Bacen

Gráfico 19 – Milho – Centro-Oeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



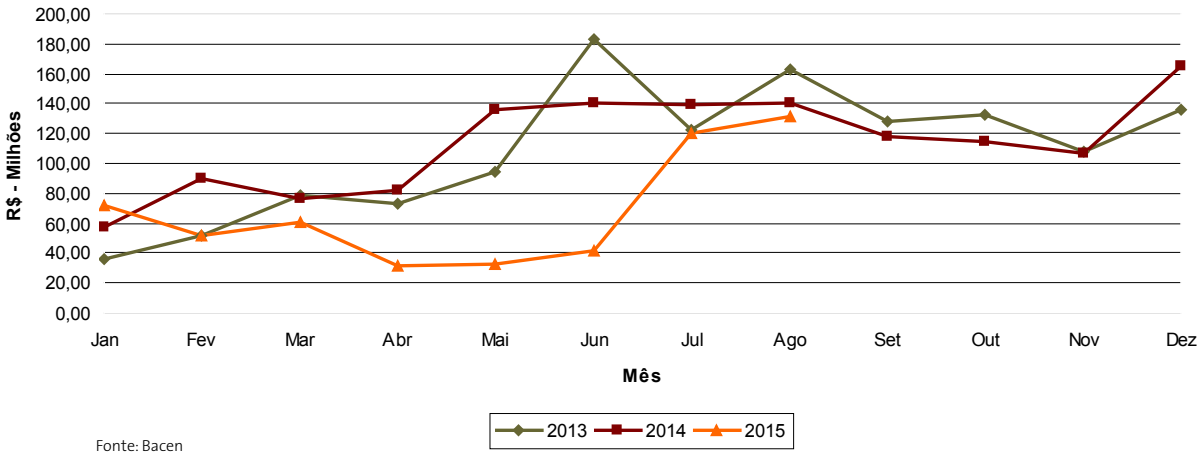
Fonte: Bacen

Gráfico 20 – Milho – Sul - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 21 – Milho – Sudeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

O calendário de plantio do milho primeira safra, no Centro-Sul, tem, no geral, o início em agosto e término em dezembro. Outro aspecto da cultura é que a segunda safra de milho tem maior destaque no total da produção, especialmente na Região Centro-Oeste e no Paraná. Nesse contexto, o uso do crédito é compatível com a situação observada. Destaque para a Região Sudeste e Norte, onde o uso do crédito é menor do que nos anos 2013 e 2014. Nas demais regiões a utilização do crédito guarda semelhança nos anos sob análise. No Sudeste registre-se pico de aplicação de crédito a partir de julho e na Norte há maior disponibilidade de crédito em junho.

6.3. Soja

A Tabela 9 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - tipo de financiamento – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,797
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234
Sem Vinc. Espec.	87,403	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,875	1.388,044	2.048,040	1.204,513	938,132	553,577	566,786
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817

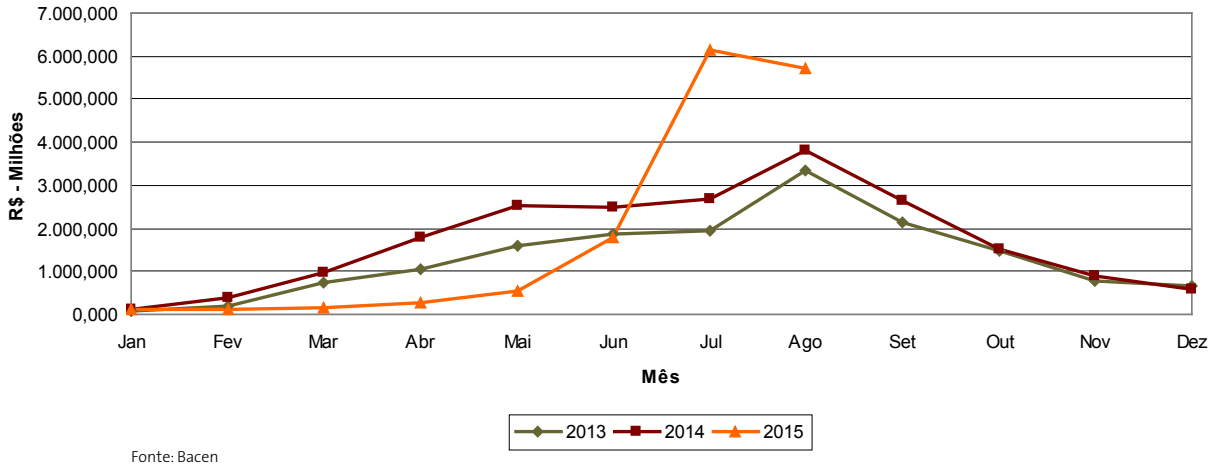
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652
Sem Vinc. Espec.	116,860	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224

2015								
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,712	1.044,016
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.456,851	1.206,989
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.569,540	4.150,600	3.470,542
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.807,448	6.130,163	5.721,547

Fonte: Bacen

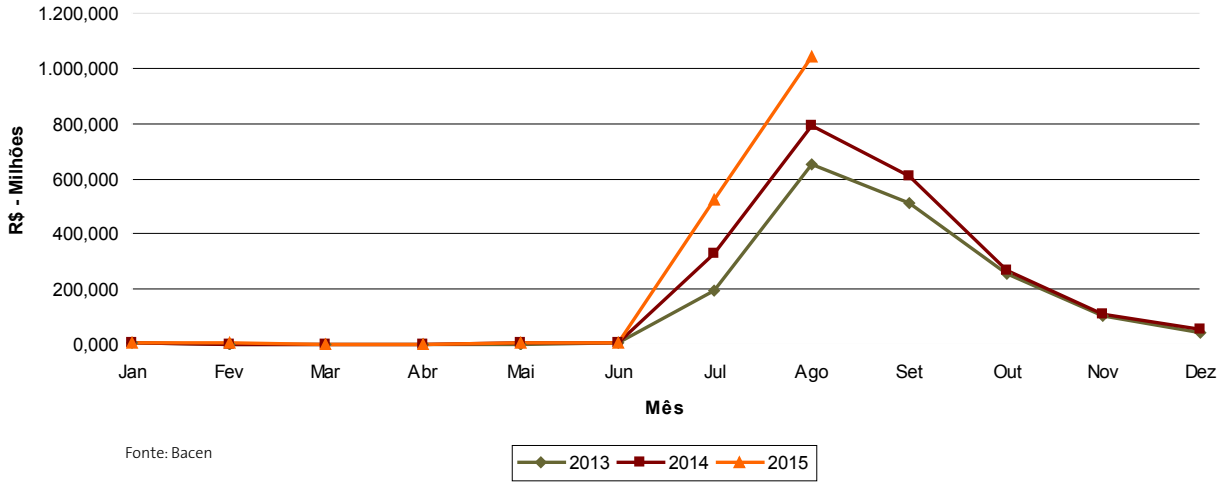
Os Gráficos 22, 23, 24 e 25 apresentam os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 22 - Soja– total de investimento - janeiro de 2013 a agosto de 2015



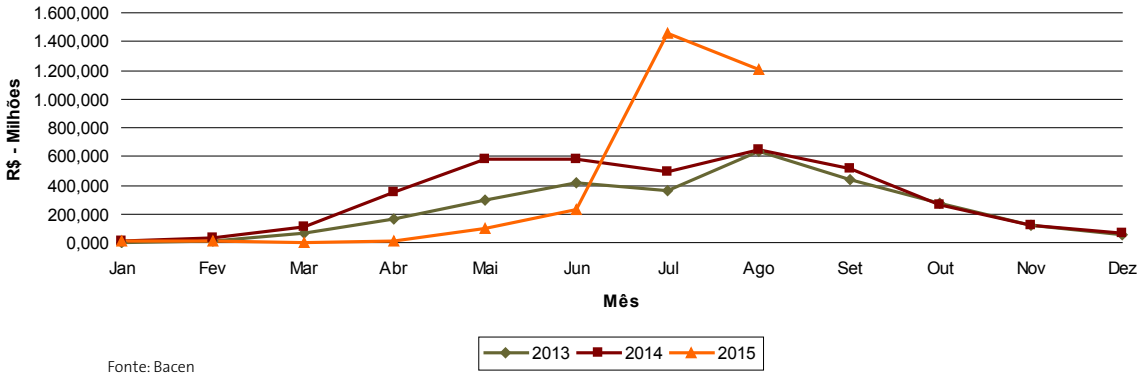
Fonte: Bacen

Gráfico 23 - Soja– Pronaf - janeiro de 2013 a agosto de 2015



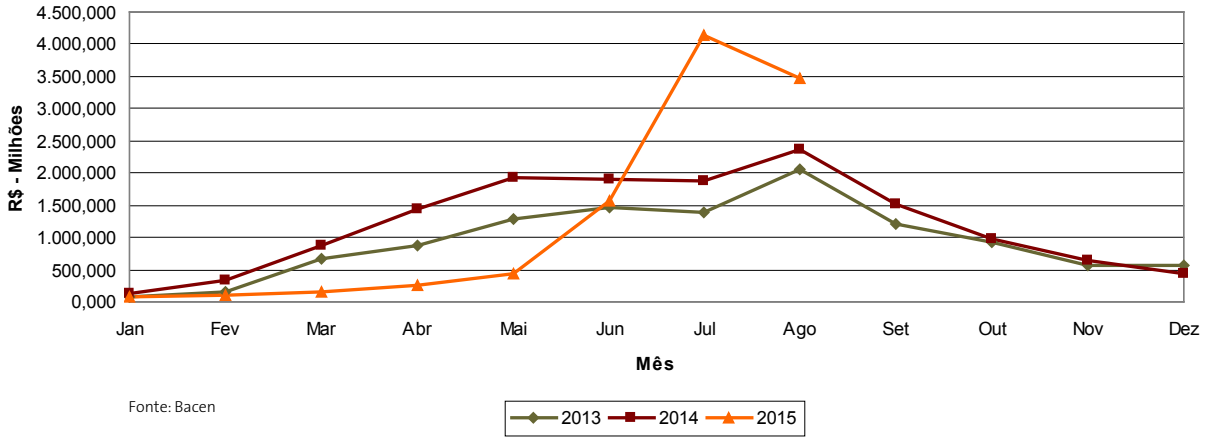
Fonte: Bacen

Gráfico 24 - Soja– Pronamp - janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 25 - Soja– Financiamento sem vínculo a programa específico - Janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

A disponibilidade de crédito mostra-se superior em 2015 em comparação com 2013 e ligeiramente superior a 2014. O que caracteriza o comportamento das diversas fontes é a semelhança no aumento do uso de recursos a partir de junho de 15, diferente do observado nos anos anteriores, quando havia tendência de distribuição no uso do financiamento.

A Tabela 10 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto soja.

Tabela 10 – Soja -Região – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757
NORTE	4,310	8,610	13,671	17,962	45,696	77,326	60,380	77,688	52,060	55,856	43,585	27,923
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817

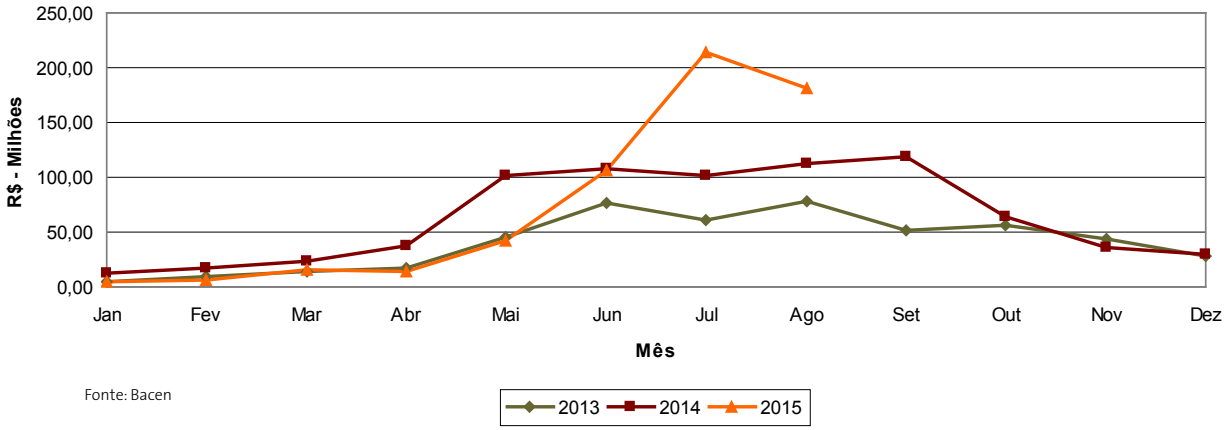
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441
NORTE	12,202	16,982	24,083	37,368	101,423	108,502	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224

2015								
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	709,106	2.561,763	1.810,886
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	442,106	397,717	498,982
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	214,607	180,830
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	120,493	460,096	413,947
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	429,257	2.495,980	2.816,902
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.807,448	6.130,163	5.721,547

Fonte: Bacen

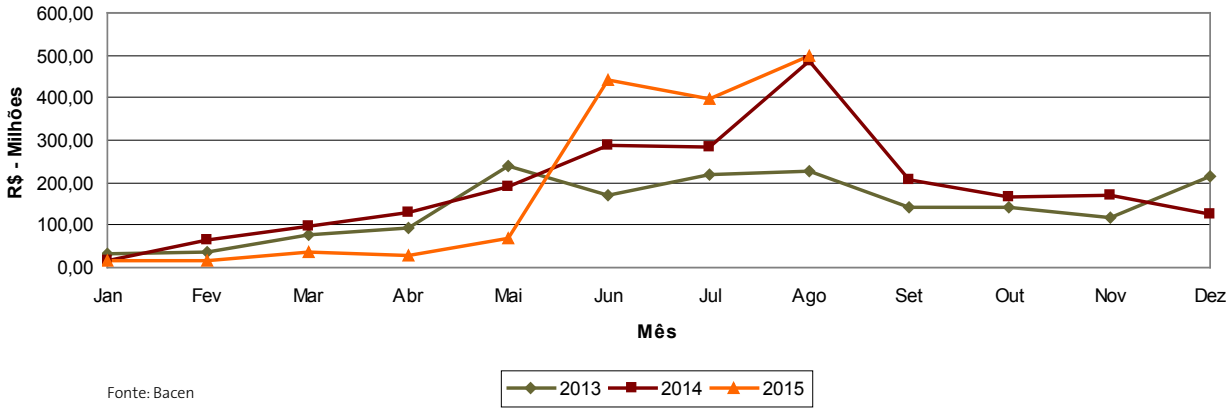
Os gráficos 26 a 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras

Gráfico 26 - Soja – Norte - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



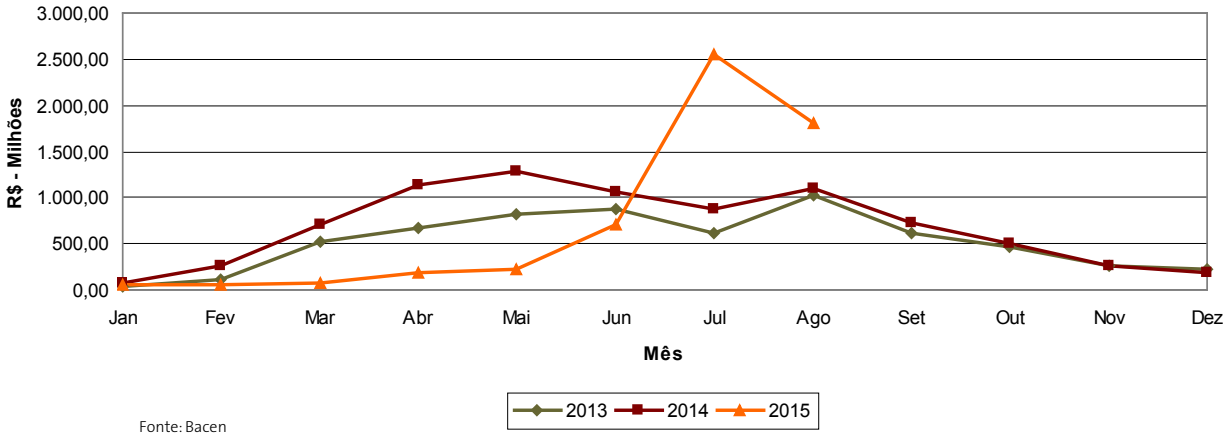
Fonte: Bacen

Gráfico 27 - Soja – Nordeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



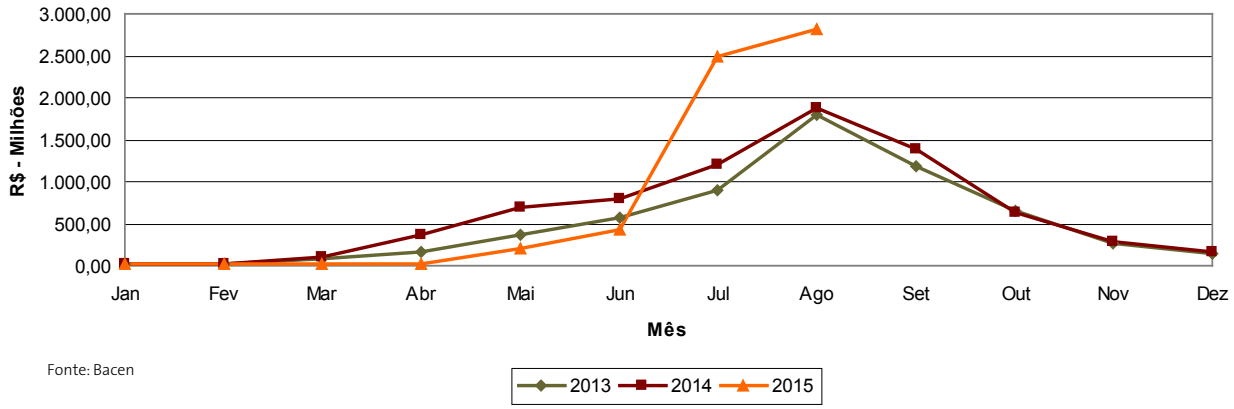
Fonte: Bacen

Gráfico 28 - Soja – Centro-Oeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



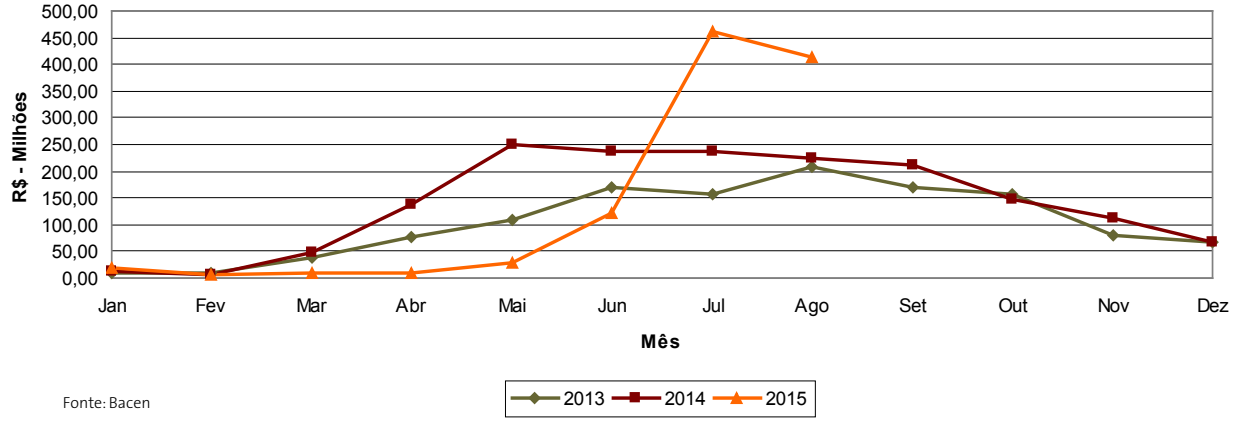
Fonte: Bacen

Gráfico 29 - Soja – Sul - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 30 - Soja – Sudeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Observa-se que a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. O comportamento da disponibilidade do crédito em 2014, bem superior a 2013 corrobora com tal afirmativa. A situação do financiamento em 2015 (muito parecido com 2014) demonstra a tendência de escolha pelo produtor. A produção de soja se concentra no Centro-Oeste e no Sul, com aumento significativo em todas as regiões geográficas. O comportamento da utilização do crédito é compatível com as informações anteriores e encontra-se dentro do calendário de plantio.

6.4. Algodão

A Tabela 11 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto algodão.

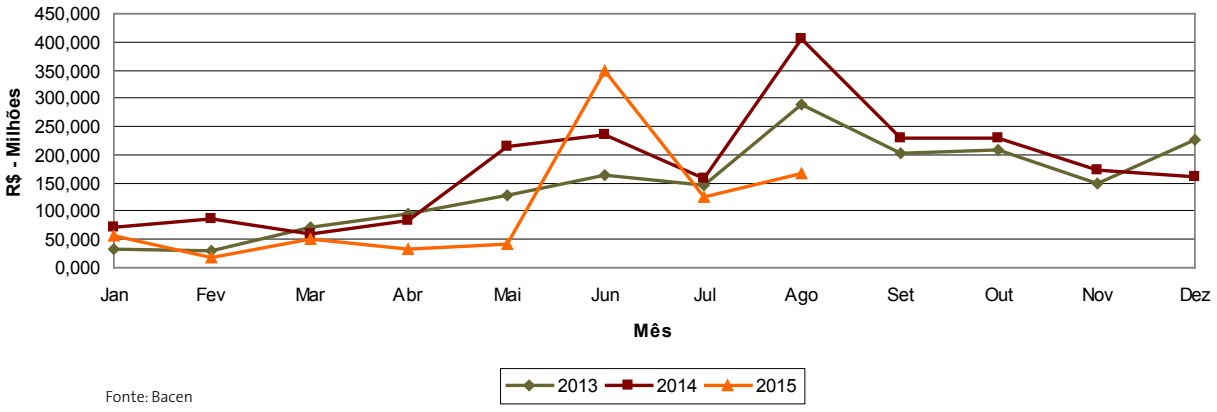
Tabela 11 – Algodão - tipo de financiamento – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,163
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									0,009			
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236		
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago				
Pronaf												
Pronamp								1,643				
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	123,713	164,627				
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	123,713	166,270				

Fonte: Bacen

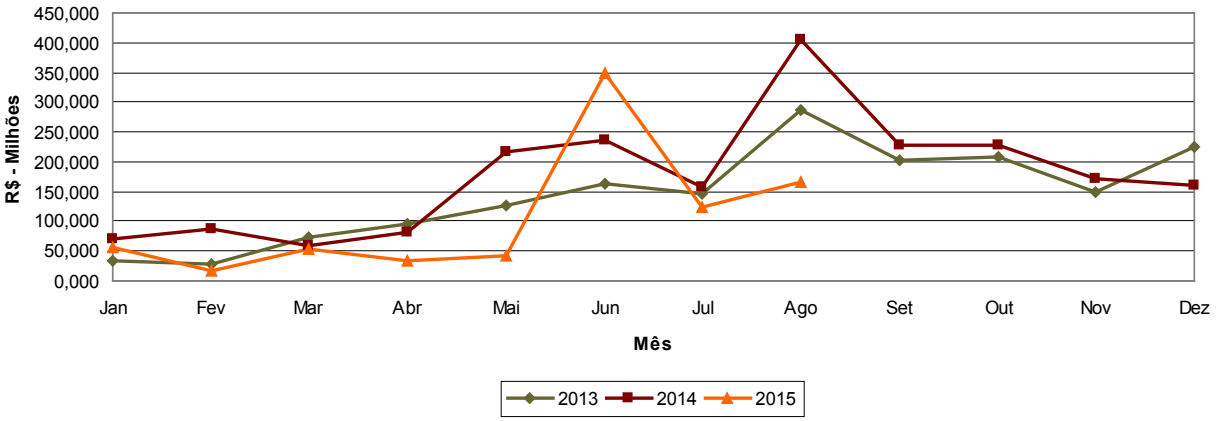
Como observado na Tabela 7, a parte majoritária dos aportes financeiros para a lavoura de algodão está sob o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. Apresentam-se, a seguir, apenas os Gráficos 31 e 32.

Gráficos 31– Algodão– total de financiamento - janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 32– Algodão– financiamento sem vínculo a programa específico - janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Os valores disponibilizados em 2015 são inferiores a 2013 e 2014. Assim como nas análises anteriores, se observa comportamento de uso de crédito diferente no ano de 2015, neste caso com pico de utilização em junho.

A Tabela 12 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto algodão.

Tabela 12 – Algodão - região – crédito - janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812
NORTE								0,200	0,472		3,335	
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280
SUL												
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755

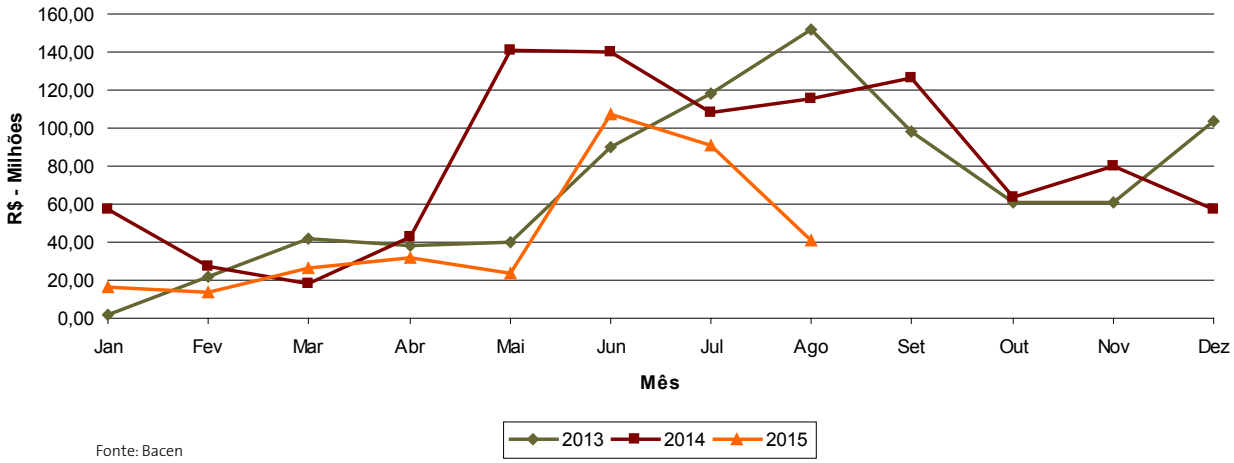
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436
SUL				2,803								
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617

2015								
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119
NORTE	0,203					0,996		
SUDESTE	0,695		10,720				1,313	0,945
SUL								
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	123,713	166,270

Fonte: Bacen

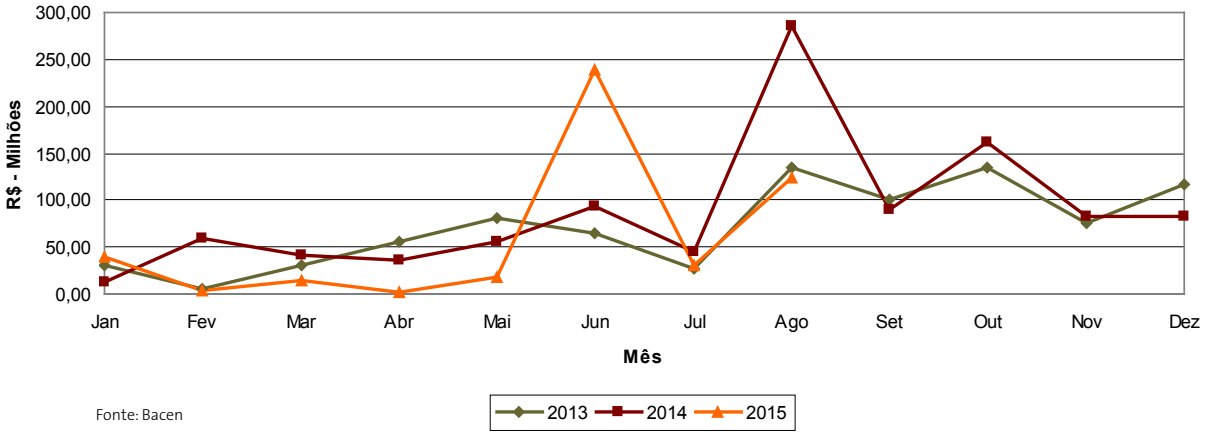
Observa-se que a maior parte do crédito disponibilizado está retido nas Regiões Centro–Oeste e Nordeste. Isto posto, apresenta-se a seguir os Gráficos 33 e 34, as quais ilustram graficamente os valores mensais aportados nessas regiões.

Gráfico 33 – Algodão– Centro-Oeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 34 – Algodão – Nordeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

A Bahia e o Mato Grosso detém 85% da produção nacional de algodão. Na Região Centro–Oeste, principalmente no Mato Grosso, já se observa a migração de cultivo do algodão para a segunda safra. Outro ponto importante é que o calendário agrícola indica o período de plantio a partir de setembro para São Paulo e Paraná; novembro na Bahia, Goias, Mato Grosso do Sul e dezembro para o Mato Grosso. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o contexto dessa cultura.

6.5. Feijão

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto feijão.

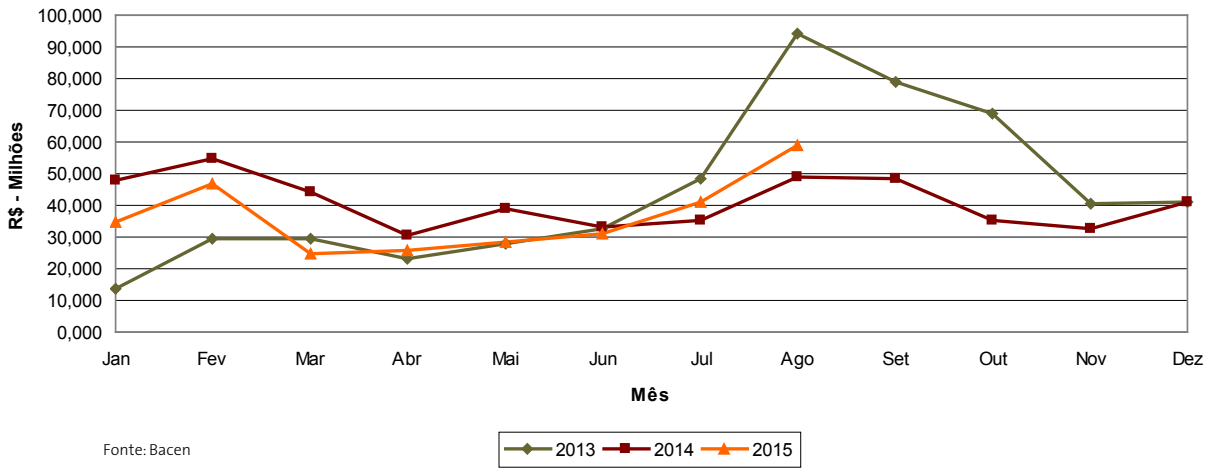
Tabela 13 – Feijão -Tipo de financiamento – Crédito - Janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,917	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago				
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,152	14,188				
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,486	10,437				
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	34,388				
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,290	59,013				

Fonte: Bacen

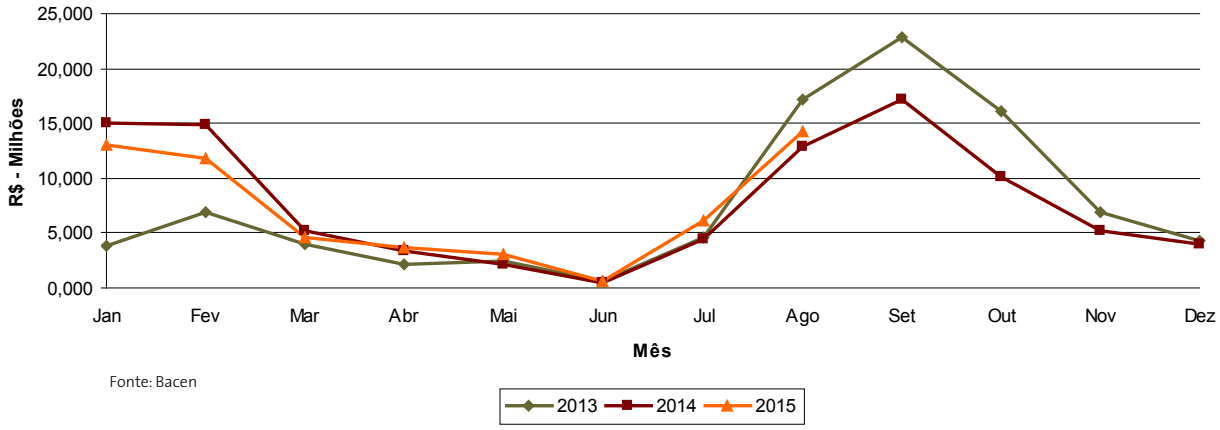
Os Gráficos 35 a 38 apresentam para o produto soja, o total dos valores disponibilizados para o arroz e os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 35 – Feijão – Total de financiamento - Janeiro de 2013 a agosto de 2015



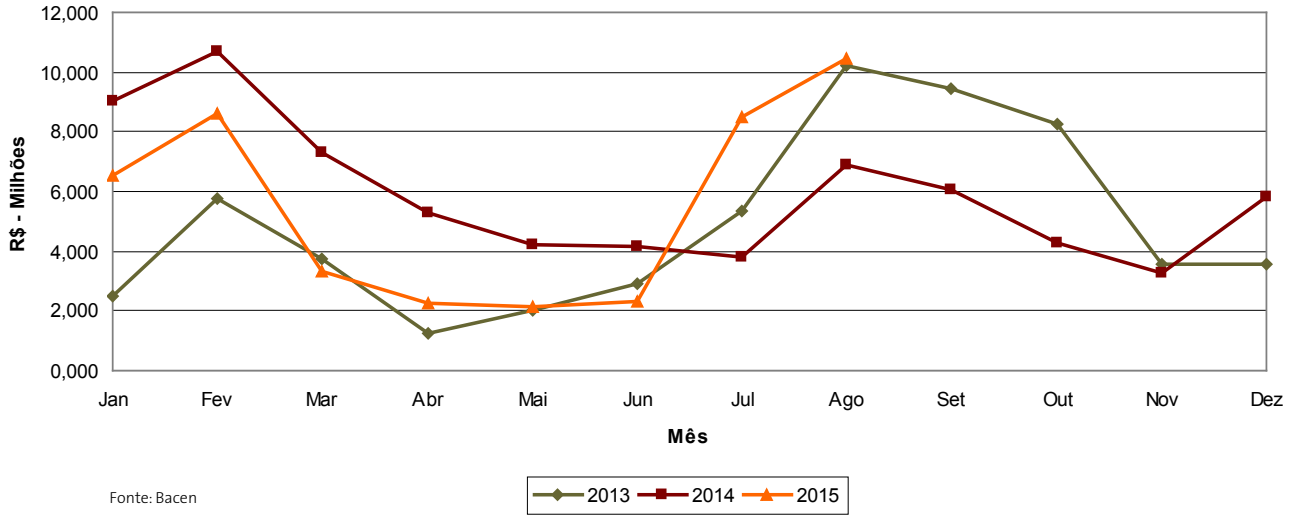
Fonte: Bacen

Gráfico 36 – Feijão – Pronaf - Janeiro de 2013 a agosto de 2015



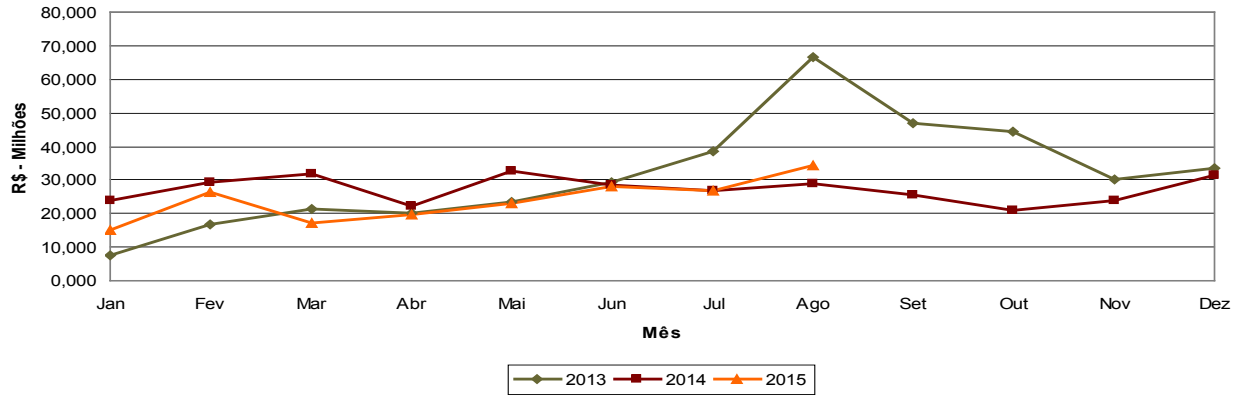
Fonte: Bacen

Gráfico 37 – Feijão – Pronamp - Janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 38 – Feijão – Financiamento sem vínculo a programa específico - Janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

A disponibilização de crédito no ano de 2015 é inferior a 2014 e 2013, para o período de janeiro a agosto. Os valores relativos à Pronaf tem comportamento semelhante para os anos sob análise. Sob a ótica dos recursos do Pronamp, os valores concedidos entre janeiro e junho de 2015 foram substancialmente menores em relação aos valores de 2014. Mesmo com o incremento em julho e agosto de 2015, o valor total utilizado é inferior ao ano de 2014. O tipo de financiamento sem vínculo a programa específico, o crédito concedido é inferior a 2014.

A Tabela 14 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto feijão.

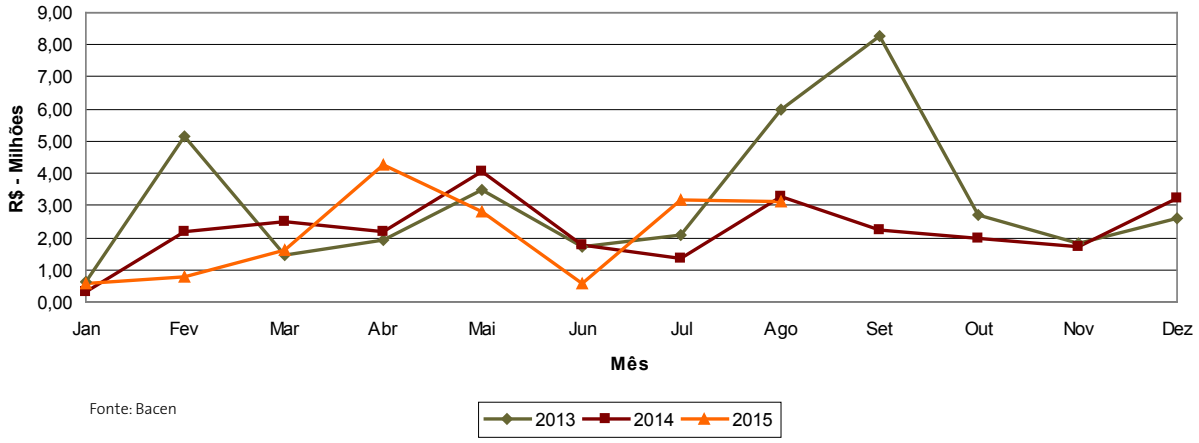
Tabela 14 – Feijão - região – crédito - Janeiro de 2013 a agosto de 2015

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500		
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200		
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015								
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,778
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959		
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,601
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,295	35,529
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,290	59,013

Fonte: Bacen

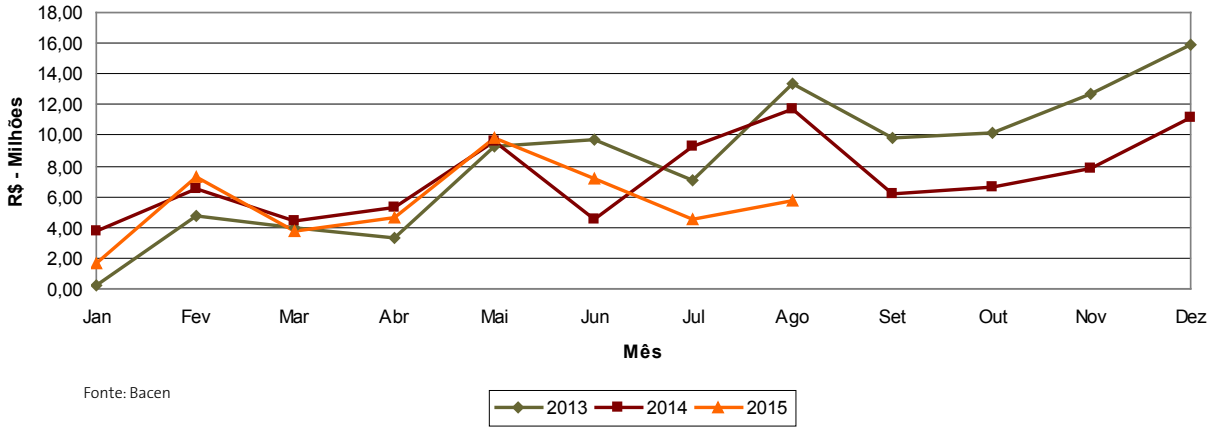
Os Gráficos 39, 40, 41 e 42 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras(exceto a região Norte, na qual, o aporte é de magnitude diminuta).

Gráfico 39 – Feijão – Nordeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



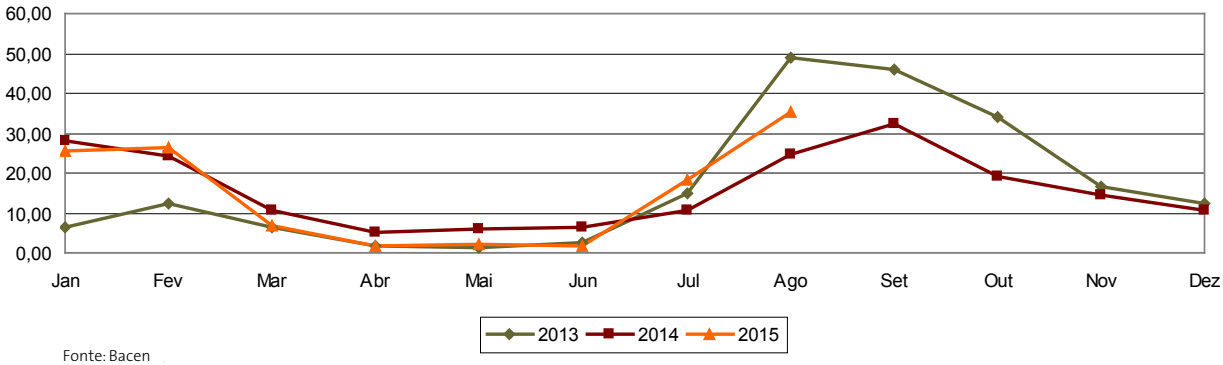
Fonte: Bacen

Gráfico 40 – Feijão – Centro-Oeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



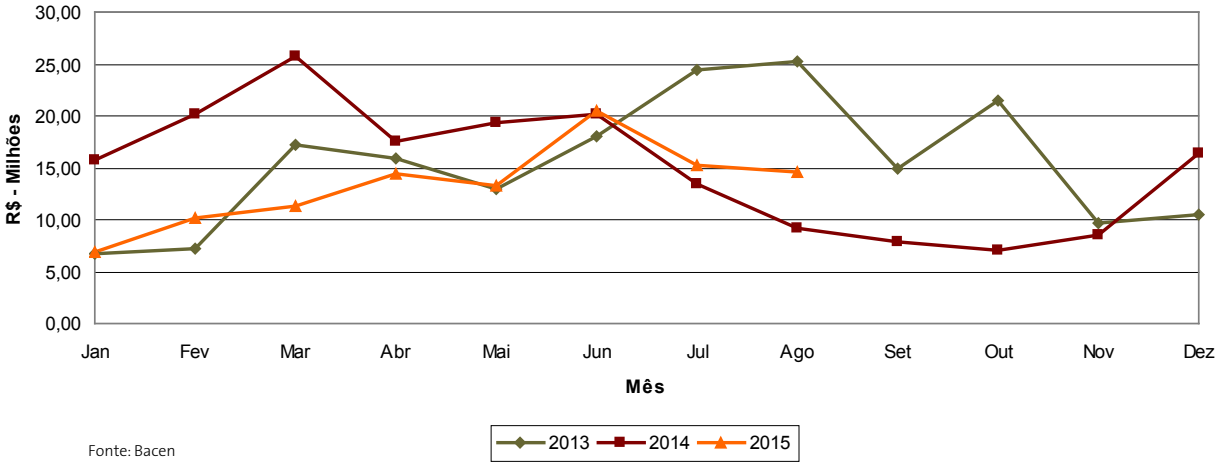
Fonte: Bacen

Gráfico 41 – Feijão – Sul - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 42 – Feijão – Sudeste - crédito – janeiro de 2013 a agosto de 2015



Fonte: Bacen

A cultura do feijão primeira safra tem o seu plantio de outubro a dezembro. Os altos riscos inerentes ao cultivo do feijão, somados com a dificuldade de comercialização e aos preços competitivos de outras culturas têm influenciado na produção do feijão nacional. Os principais produtores são: Paraná, Minas Gerais, Bahia, Goiás e Santa Catarina. A disponibilização dos recursos está compatível com a situação expressa anteriormente. Na Região Sul os recursos utilizados são ligeiramente superiores a 2014 e 2013. No Sudeste a disponibilidade é menor que o mesmo período (janeiro a agosto) de 2014 e 2013. No Nordeste os recursos são um pouco superiores a 2014. Para o Centro-Oeste os recursos se apresentam inferiores a 2013 e 2014.

6.6. Informações a respeito da liberação de crédito em 2015

No Acre as informações são de que os maiores entraves são a burocracia e o tempo até a liberação dos recursos. As exigências bancárias incluem a apresentação do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

No Distrito Federal a liberação de crédito ocorreu dentro das necessidades dos produtores. Há relatos de dificuldade na análise de crédito para o financiamento pelas instituições financeiras. Alguns produtores utilizaram recursos próprios e oriundos dos fornecedores de insumos.

Em Goiás os comentários indicam que a oferta de crédito de custeio foi tardia na maior parte dos municípios. Houve maiores restrições quanto acesso ao crédito, principalmente exigências de mais garantias e, em algumas regiões, não houve inclusive liberação do pré-custeio.

Em Mato Grosso foi observada dificuldade de acesso ao crédito de custeio, em razão das exigências por parte dos bancos. Há informações de atraso na liberação do crédito.

No plantio de arroz no Mato Grosso do Sul há registros de dificuldades para liberação de crédito para custeio dada as exigências documentais, principalmente relacionadas ao meio ambiente e às condições cadastrais do produtor (carteira agrícola). Em resumo, poucos produtores conseguem utilizar o crédito para custeio junto às instituições bancárias para esta cultura.

No Maranhão o crédito de custeio apresenta-se dentro da normalidade, mas indisponível para os inadimplentes da rede bancária financiadora, principalmente pequenos produtores. Para o grande e médio produtor existe dificuldade em adquirir crédito de custeio antecipado, devido à falta de fundos de financiamento por parte dos bancos ou pelos altos índices de juros que estão sendo praticados por estas instituições. Predomina, no ramo das commodities, o financiamento pelas *tradings*.

No Piauí os produtores têm procurado recursos junto aos agentes financeiros e empresas de insumos. No segmento da agricultura familiar é norma o uso dos recursos do Pronaf. Pelas informações disponíveis a origem dos recursos para os financiamentos devem ser de 40% pelos bancos, 45% por meios de terceiros e 15% utilizarão recursos próprios.

No Paraná, pelas informações obtidas, o principal problema relacionado ao crédito agrícola foi o represamento de fundos para antecipação do financiamento das culturas de verão. A situação só foi normalizada com a divulgação do Plano Agrícola 2015/16. Outro problema citado foi que as análises de crédito estão

mais restritivas, que muitas vezes acaba por inviabilizar o crédito. Há informações de participação de cooperativas na troca de pacotes tecnológicos por grãos e de uso de recursos próprios pelos produtores.

Em Santa Catarina, para a cultura do arroz, o crédito de custeio é ofertado de acordo com as necessidades dos produtores, que utilizam financiamento na grande maioria do Pronaf, mesmo com a alta da taxa de juros este ano. Segundo informações coletadas, não haverá redução nos financiamentos. Para o feijão, o crédito de custeio está dentro da normalidade.

Há relatos de dificuldade na liberação de crédito de custeio por parte das instituições bancárias para muitos produtores de milho e soja. Segundo informações, as regras de financiamentos estão mais rígidas e há necessidade de maiores garantias para liberação dos recursos. Para o milho, a situação tem se repetido quando da negociação entre os produtores e as empresas agrícolas (cooperativas e cerealistas), via contrato de financiamento privado, para pagamento na época da colheita, com a entrega de parte da produção.

7. Mercado de insumos

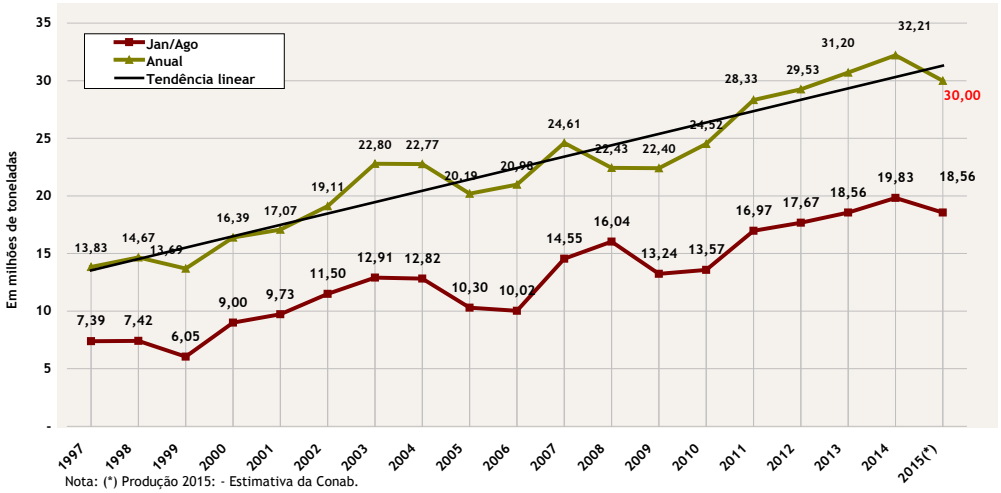
7.1. Fertilizantes

No mês de agosto/2015, as entregas de fertilizantes ao consumidor final totalizaram 3,59 milhões de toneladas, ou seja, elas foram 10,2 % superiores aos 3,26 milhões de toneladas registradas em julho e representa o decréscimo de 0,82% em relação ao volume de 3,61 mil toneladas de agosto do ano passado.

No período de janeiro a agosto de 2015, as entregas somaram 18,56 milhões de toneladas, inferior em 6,41% do volume de igual período de 2014, quando foram comercializados 19,83 milhões de toneladas. Essa queda sinaliza, segundo estimativa da Conab, que as entregas totais deste ano alcançarão o volume de 30,0 milhões de toneladas, ou 6,86% abaixo dos 32,21 milhões de toneladas entregues em 2014, número esse até então era considerado o recorde.

De acordo com a Anda – Associação Nacional para a Difusão de Adubos, "os números indicam gradativa recuperação da demanda no segundo semestre, pois no primeiro semestre a queda foi acentuada em 9,6%. Os produtores rurais estão mais retraídos neste ano devido as dificuldades em obterem os financiamentos e devido aos custos mais altos, principalmente dos produtos importados influenciados pela alta do dólar, como é o caso das matérias-primas dos adubos".

Gráfico 43 - Fertilizante entregues ao consumidor - 1997 a 2015



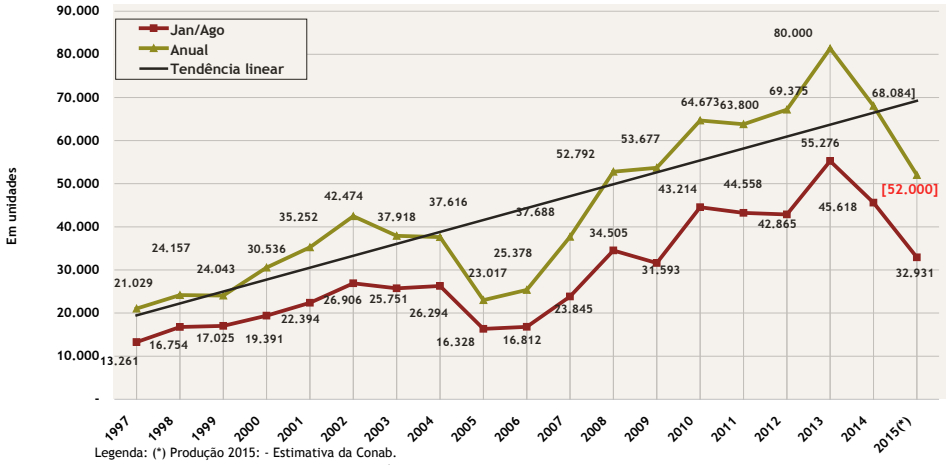
Nota: (*) Produção 2015: - Estimativa da Conab.
Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

7.2. Máquinas agrícolas

Em Agosto/2014 as vendas internas no atacado de máquinas agrícola (tratores de rodas e de esteiras, colheitadeiras, cultivadores motorizados e retroescavadeiras) foram de 4,2 mil unidades, superior em 5,7% ao volume comercializado em julho que foi de 4,0 mil unidades. O acumulado do ano (janeiro a agosto), registra que as vendas foram de 32,9 mil máquinas, representando um decréscimo de 38,5% relativamente ao quantitativo comercializado em igual período do ano anterior, que foi de 45,6 mil unidades.

A expectativa, da Conab é de que se ocorra significativa queda no mercado doméstico para o ano de 2015, podendo as vendas chegarem a 52,0 mil máquinas, número esse inferior em 30,9%, se comparado com o total comercializado de 68,0 mil unidades em 2014 e menor em 56,5% em relação ao recorde histórico que foi de 81,4 mil unidades vendidas em 2013.

Gráfico 44 - Tratores e Colheitadeiras entregues ao consumidor - 1997 a 2015



Legenda: (*) Produção 2015: - Estimativa da Conab.
Fonte: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

Segundo o setor o resultado negativo das vendas de maquinário especialmente em função de férias coletivas concedidas por algumas empresas e em decorrência das dificuldades na aprovação dos créditos pelos agentes financeiros, em especial pelo programa Mais Alimentos. Os produtores também estão retraídos em fazerem novas compras devido as variações constantes do dólar e dos preços das commodities no mercado internacional.

7.3. Informações a respeito do mercado de insumos

No Estado do Acre o preparo do solo tem início nos meses de agosto a outubro, dependendo das condições climáticas e umidade do solo. No caso dos corretivos e fertilizantes, o gargalo dos produtores acreanos é a aquisição de insumos agrícolas a preços justos e em tempo compatível com a necessidade da cultura.

Em Alagoas, a Secretaria de Agricultura do Estado de Alagoas distribui sementes de Feijão Anão Cores, Feijão Corda e Milho para as regiões produtoras, como parte da contribuição do Estado para os pequenos produtores que tem maior dificuldade em adquirir semente de boa qualidade. Para o Arroz, sementes selecionadas estão sendo utilizadas, o que vem mantendo uma boa produtividade. Segundo informação 50% das sementes utilizadas no perímetro de Itiuba e Boa Cica são fornecidas pelo governo do estado.

O plantio no Amazonas, na sua grande maioria é efetuado em áreas de várzeas com aproveiramento de pequenos avanços em áreas de fronteira agrícola e ainda derrubadas de capoeira, sem aplicação de tecnologia mecanizada no preparo e correção do solo para as culturas de arroz, feijão e milho.

Na Bahia, na região de Irecê, Oeste e Sudoeste o plantio ainda não foi iniciado. Na região nordeste, a principal praga na cultura do milho são as lagartas, principalmente a largata do cartucho (spodoptera spp), que pode impactar na perda de 10% na produtividade. Nas áreas se soja irrigada deve-se optar por variedades precoces e na de sequeiro por sojas tardias.

No Distrito Federal, o volume disponibilizado para a região foi suficiente para atender a demanda dos agricultores. No caso de sementes de ponta houve escassez temporária que está sendo superada pelos excedentes de outras áreas de concentração. Em termos de qualidade observa-se avanços e maior adoção de sementes de alta potencial e de elevada tolerância a doenças. No caso do milho, o uso de sementes mais produtivas deve ser menor que na safra anterior. Em se tratando de fertilizantes e corretivos, as vendas devem ser menores do que no ano anterior.

A oferta e a demanda dos insumos no Goiás encontra-se dentro da normalidade. Foi relatada aumento dos preços dos fertilizantes e adubos, o que gerou impactos em produtores menos capitalizados. Por outro lado, aqueles que utilizaram recursos próprios ou das tradings, conseguiram antecipar compra e garantir preços menores.

No Maranhão as ofertas de insumos estão normais, porém acredita-se que o consumo será inferior à safra passada, permanecendo o nível tecnológico. Observa-se que em determinadas regiões o plantio é realizado sem a utilização de técnicas adequadas para aplicações de adubos e defensivos e sementes de qualidade. Na região sul do estado, os produtores utilizam de técnicas agronômicas que demandam adubos, defensivos e sementes de alta qualidade. As sementes demandadas, em sua maioria, são do tipo "variedade" sem pureza genética, com exceção dos grandes e médios produtores que utilizam sementes de qualidade e certificadas.

No Mato Grosso do Sul, o plantio do milho é realizado, em sua maioria, por agricultores que adotam grande aporte tecnológico, os quais adquiriram insumos de acordo com suas necessidades, o que gera a expectativa de alta produtividade. O grande volume de agroquímicos e fertilizantes devem se manter para a presente safra. Na cultura do algodão, na região Norte ainda não iniciou o plantio (vazio sanitário) e na região Centro-Sul ainda há compra de sementes e insumos para o plantio.

A compra antecipada e a aquisição em grupo de insumos, além da troca direta com fertilizantes tem sido mecanismos utilizados pelos produtores no Mato Grosso para reduzir os impactos cambiais e as dificuldades na obtenção de crédito. Pelo que se obteve de informações os produtores estão melhor preparados para o controle e prevenção contra as pragas e doenças. Há informação de redução na comercialização de insumos.

Em Minas Gerais, há informações de morosidade na comercialização dos insumos. Para as sementes e defensivos, um pouco mais caros que na safra anterior, não vêm sendo relatados problemas de abastecimento. Para adubos, as compras estão bastante atrasadas, e tem explicação na redução do volume de aquisições antecipadas e normalmente atreladas às operações de pré-custeio no primeiro semestre. Há preocupação não só com o aumento de preços, pressionados pelas seguidas altas do dólar, como também pela logística de entrega, em face da grande concentração de compras no período já próximo ao plantio. Até o momento, no entanto, não há relatos de indisponibilidades.

No Piauí, as informações obtidas para o plantio da safra 2015/16 são de que preços das sementes de qualidade, dos fertilizantes e dos corretivos se apresentam superiores aos da safra anterior, o que tem influenciado as decisões de redução de área de determinados cultivos. Outro motivo tem sido as adversidades climáticas nos últimos anos.

As informações da utilização de insumos no Paraná são de normalidade. Nas lavouras de subsistência não há demanda de insumos. Em outras situações o suprimento está de acordo com as necessidades dos produtores.

Em Santa Catarina, a oferta de insumos para o plantio está dentro da normalidade. Há informações de que, no geral, os insumos foram adquiridos antes da desvalorização cambial, aproveitando campanhas de venda de fornecedores e empresas do ramo.

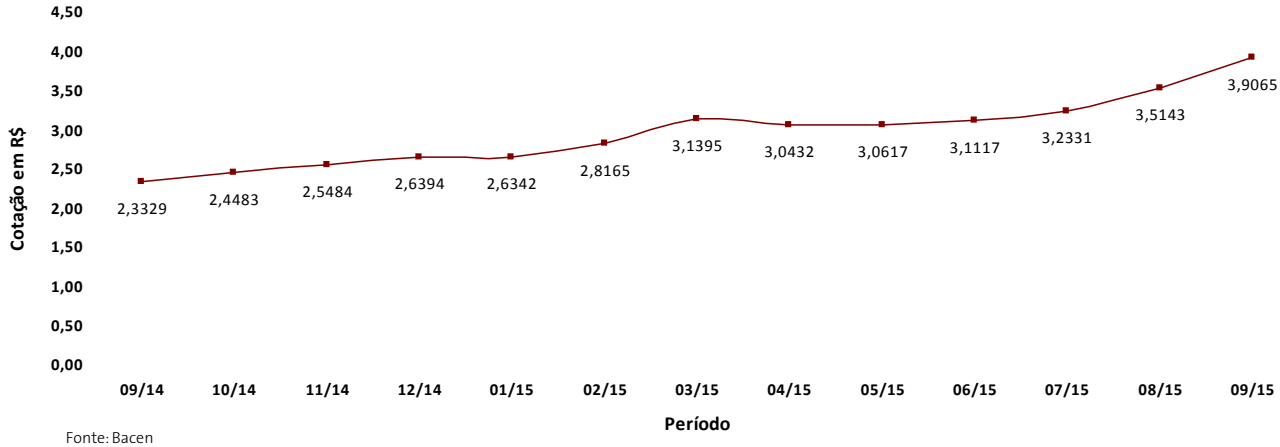
No Rio Grande do Sul não há comentários acerca de problemas no mercado de insumos. As informações são de que ocorrendo a dolarização de boa parte dos insumos agrícolas. Já aconteceu com o preço dos fertilizantes e os demais insumos estão seguindo o mesmo caminho. Segundo os fornecedores é a forma encontrada para evitar a variação praticamente diária dos preços.

As informações coletadas em São Paulo indicam que grande parte dos produtores procuram antecipar a compra de insumos na busca de minimização nos custos de produção. Os preços dos insumos encontram-se superiores à safra anterior.

8. Câmbio

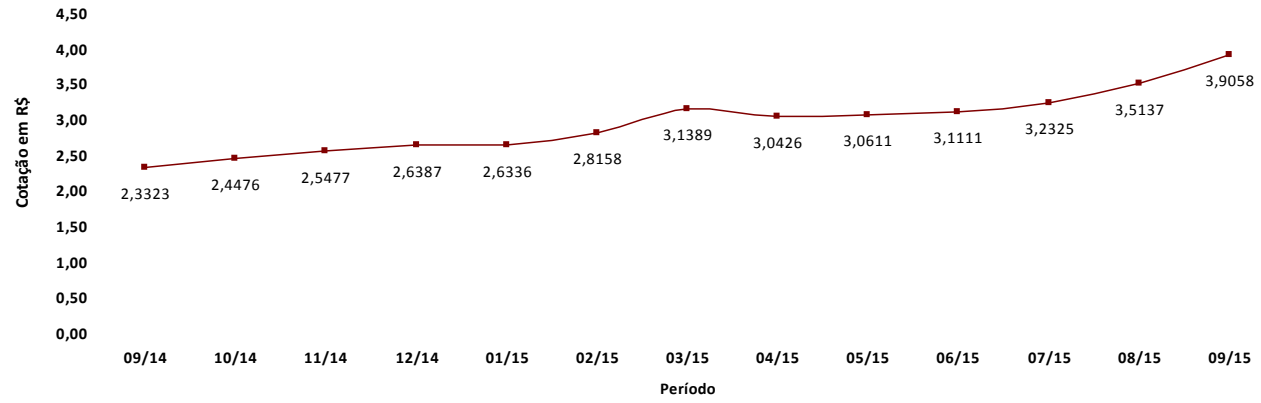
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de setembro de 2014 a agosto de 2015.

Gráfico 45 - Câmbio Venda - Setembro 2014 a Agosto 2015



Fonte: Bacen

Gráfico 46 - Câmbio Compra - Setembro 2014 a Agosto 2015



Fonte: Bacen

9. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

Gráfico 47 - Exportação brasileira de arroz - Principais países importadores

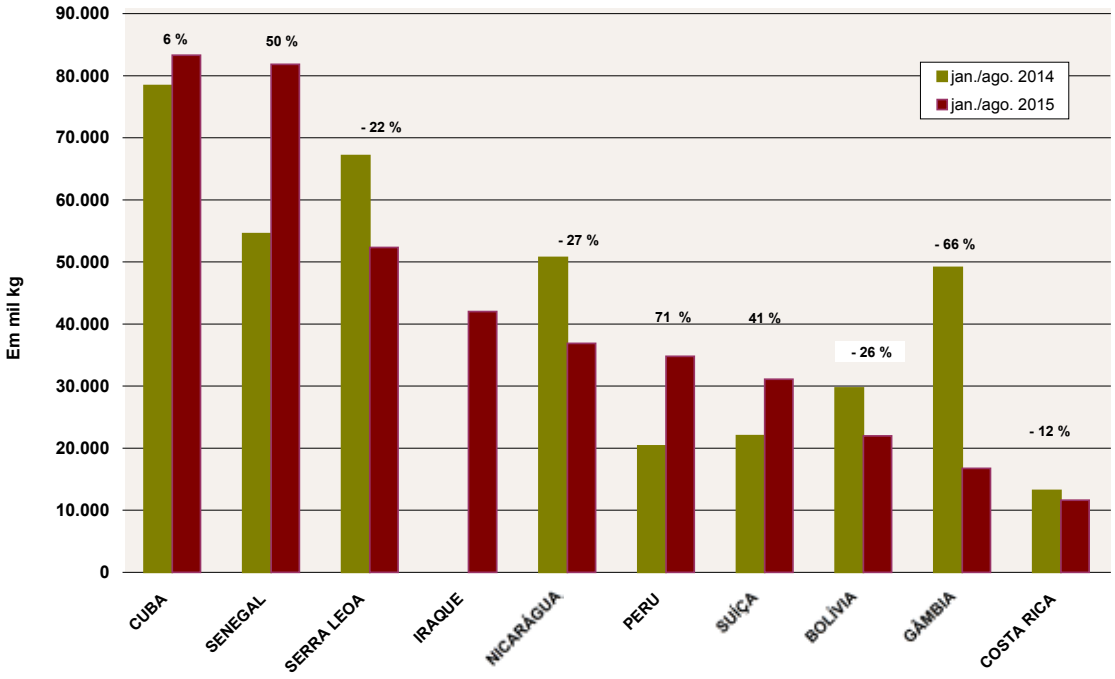


Gráfico 48 - Exportação brasileira de milho - Principais países importadores

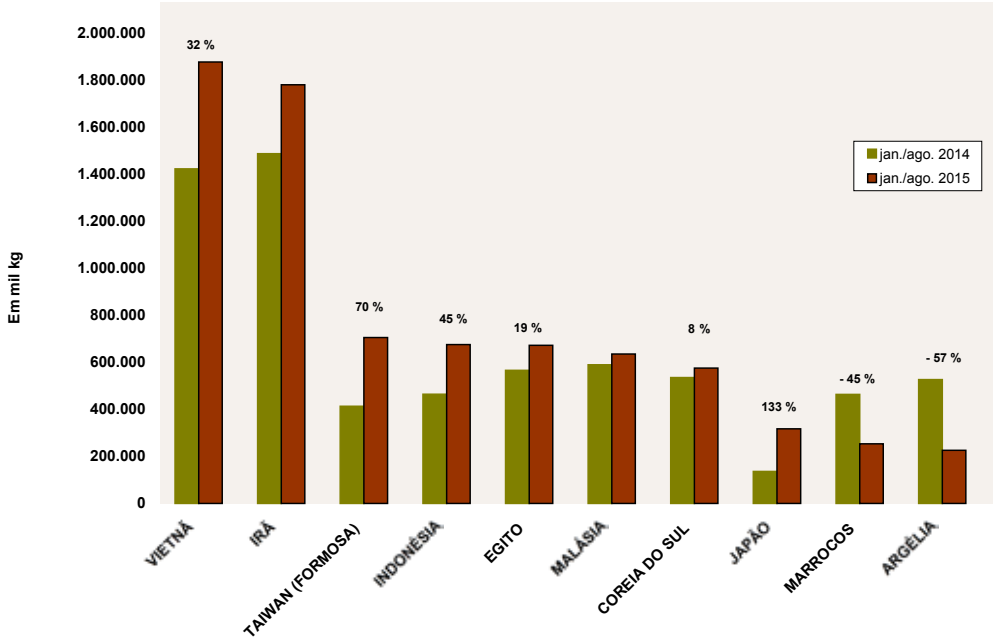


Gráfico 49 - Exportação brasileira do complexo soja - Principais países importadores

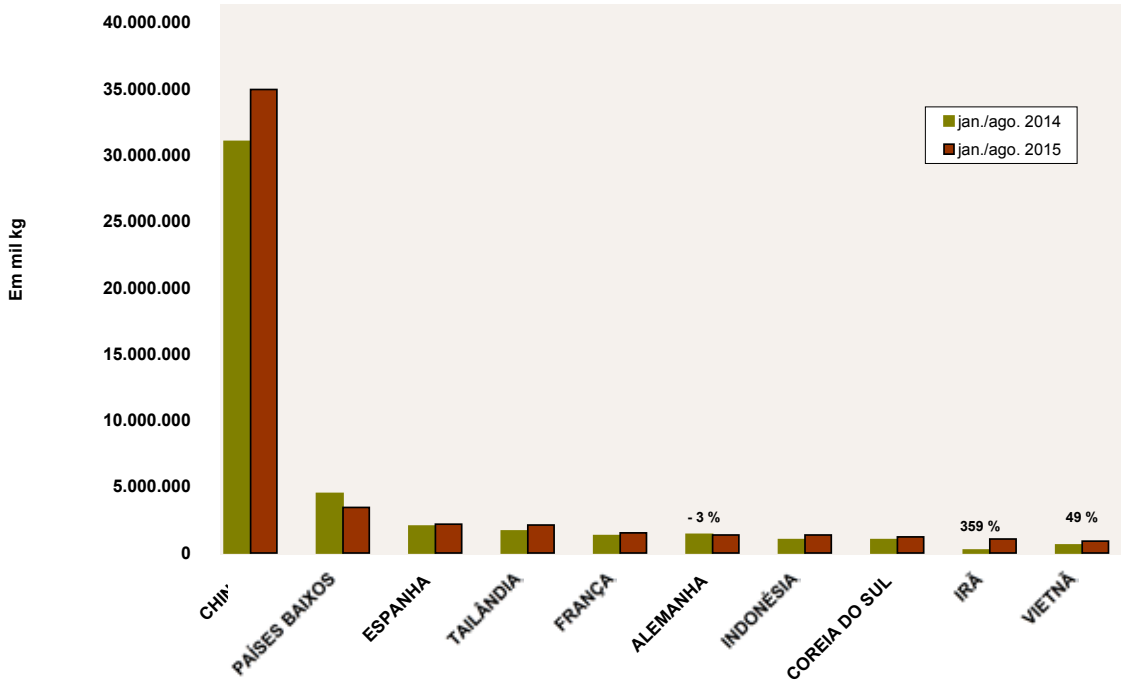
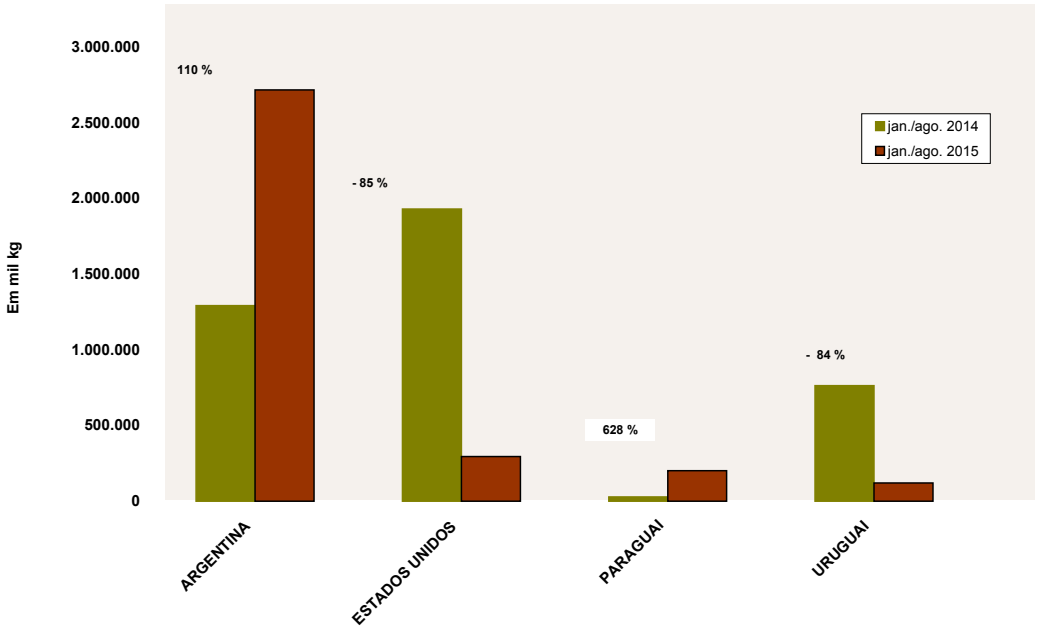


Gráfico 50 - Importação brasileira de trigo - Principais países exportadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

10. Vazio Sanitário

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

Na soja o vazio sanitário visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo Phakopsora pachyrhizi, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa1) é de 55 dias. Por isso o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema (www.cnpso.embrapa.br/alerta), a do-

ença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e por isso não adota o vazio sanitário. No Piauí a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas cinco safras no estado. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então optou-se pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (Faep, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente no Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, pelo menos, duas safras por ano (verão e inverno) com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática que encontra hospedeiro o ano todo (Faep, 2008).

Tabela 15 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz	1ª Quinz.	2ª Quinz	1ª Quinz.	2ª Quinz	1ª Quinz.	2ª Quinz	1ª Quinz.	2ª Quinz	1ª Quinz.	2ª Quinz		
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Norte													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA[1]														
MT													01/06	15/09
MS													15/06	15/09
GO													01/07	30/09
DF														
MG														
SP													15/06	15/09
PR														
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: 1 Para cultivos sob irrigação, o vazio sanitário vai até dia 30/09

PA/Sul: Conceição do Araguaia, Redenção, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão), Marabá e Altamira (distrito de Castelo dos Sonhos).

PA/Norte: Santarém, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), Paragominas, Bragantina, Guamá, Altamira (com exceção Distrito Castelo dos Sonhos).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Nota: Levantamento em outubro/2015.

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (Anthonomus grandis), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 este estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto no Mato Grosso, por exemplo, se plantava cerca de 30 mil hectares. Na safra 2014/15 o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 562,7 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.
Para facilitar os trabalhos dos cotonicultores e colaborar para a eficiência no combate ao bicudo, o Mato Grosso do Sul e Goiás adotaram 30 de setembro como

11. Monitoramento agrícola: culturas de segunda safra (safra 2014/15), de inverno (safra 2015) e de verão (safra 2015/2016) - Setembro de 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)[1] das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão terceira e milho segunda (safra 2014/2015); aveia, cevada e trigo

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

(safra 2015); arroz, feijão primeira, milho primeira e soja (safra 2015/2016).

*- Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

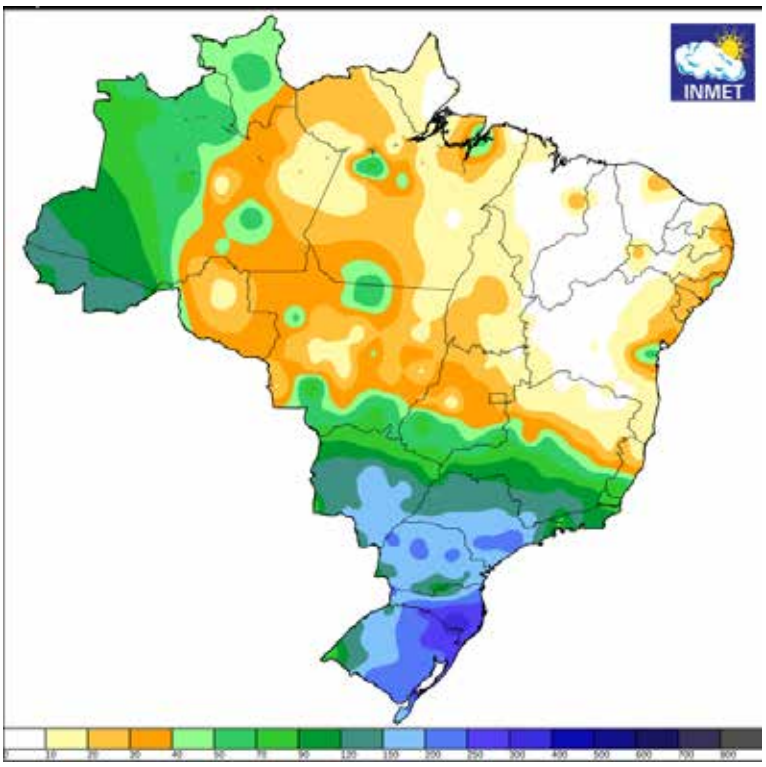
11.1. Condições meteorológicas recentes[2]

O mês de setembro manteve o padrão de chuvas semelhante aos dois meses anteriores, com os maiores volumes concentrados na Região Sul, costa leste do Nordeste e extremos oeste da Região Norte. Por outro lado, a ação de um sistema de alta pressão gerou uma condição de bloqueio atmosférico que impediu a formação de áreas de instabilidade e, por consequência, inibindo a precipitação e favorecendo a ocorrência de dias com temperaturas elevadas em uma extensa área que compreendeu grande parte das regiões Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste
.

Nos estados do Sul, onde as culturas de inverno estiveram nas fases reprodutivas, a precipitação acumulada em setembro ficou acima da média em quase todas as localidades da Região. Contudo, a distribuição espacial da chuva mensal foi bastante contrastante, variando dentro de uma faixa entre 90 e 500 mm. A localidade de São Joaquim, em Santa Catarina, cuja a média histórica de setembro é de 178 mm, teve um total de mais de 400 mm. Em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, com cerca de 280 mm, ficou bem acima dos 179 mm da sua média climatológica. Porém, apesar da maioria das localidades da região ficarem com acumulados acima da média, algumas no oeste e sudoeste do Rio Grande do Sul ficaram abaixo, como São Luiz Gonzaga e Uruguaiana.

Com a regularidade das chuvas em setembro e o fim do vazio sanitário no dia 15, várias regiões produtoras iniciaram o plantio das culturas de verão juntamente com as primeiras chuvas. No Paraná, as chuvas ficaram acima ou próximas à média do período em todo estado. Semelhantemente, no Estado do Mato Grosso do Sul, algumas estações meteorológicas também registraram volumes que ultrapassaram a média do mês, como, por exemplo, em Ponta Porã, onde o volume acumulado de mais de 150 mm superou a média climatológica de 111 mm. No Mato Grosso, em geral, as chuvas foram mais irregulares, resultando em baixos volumes acumulados, concentrados principalmente no centro-sul do estado, com totais que variaram em torno de 50 mm.

Figura 1 - Precipitação acumulada (em mm) no mês de setembro de 2015.



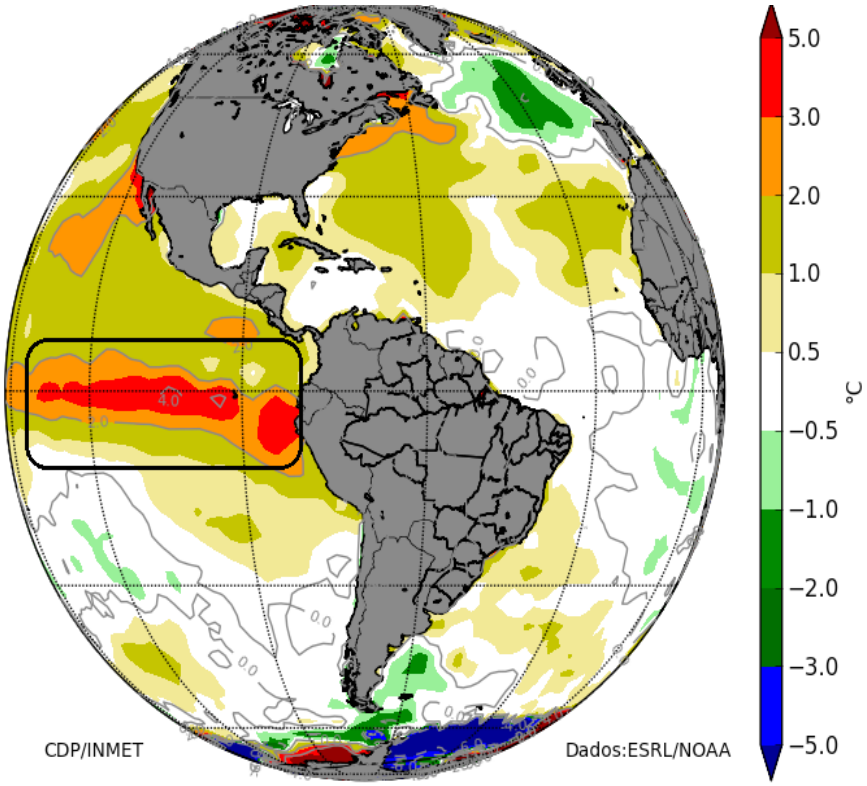
Fonte: Inmet

2- Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

11.2. Condições oceânicas recentes e tendência[3]

Dados da agência americana NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration) sobre os desvios de temperatura da superfície do mar (TSM) indicam que o fenômeno El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial – se manteve na categoria de moderado em setembro. Do mesmo modo que em agosto, anomalias de TSM em setembro cobriram toda a superfície do Oceano Pacífico Equatorial, porém com mais áreas apresentando desvios que ultrapassaram os 3°C (retângulo preto na Figura 1.2.1).

Figura 2 - Anomalia de TSM no mês de setembro de 2015.



Fonte: CDP/Inmet

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, indicando que as anomalias positivas de temperatura no Oceano Pacífico Equatorial podem persistir até o mês abril de 2016, e com a possibilidade de intensificação dessas anomalias até dezembro de 2015.

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste durante o verão. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum nos meses de novembro a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam, em média, um pouco mais elevadas.

Além das anomalias de temperatura na superfície do Oceano Pacífico, o mapa de anomalia de TSM (Figura 1.2.1) também revela um contraste entre o Oceano Atlântico Tropical Norte, com desvios positivos, e o Atlântico Tropical Sul, com desvios negativos. Esse padrão de contraste é chamado de gradiente térmico positivo do Atlântico Tropical. O gradiente positivo é especialmente desfavorável às chuvas nos meses de janeiro-abril em grande parte do semiárido nordestino e no centro-norte da Região do MATOPIBA. A persistência desse padrão térmico no Atlântico Tropical concomitantemente ao El Niño no início de 2016 potencializará o risco de veranicos e seca no primeiro semestre nessas regiões.

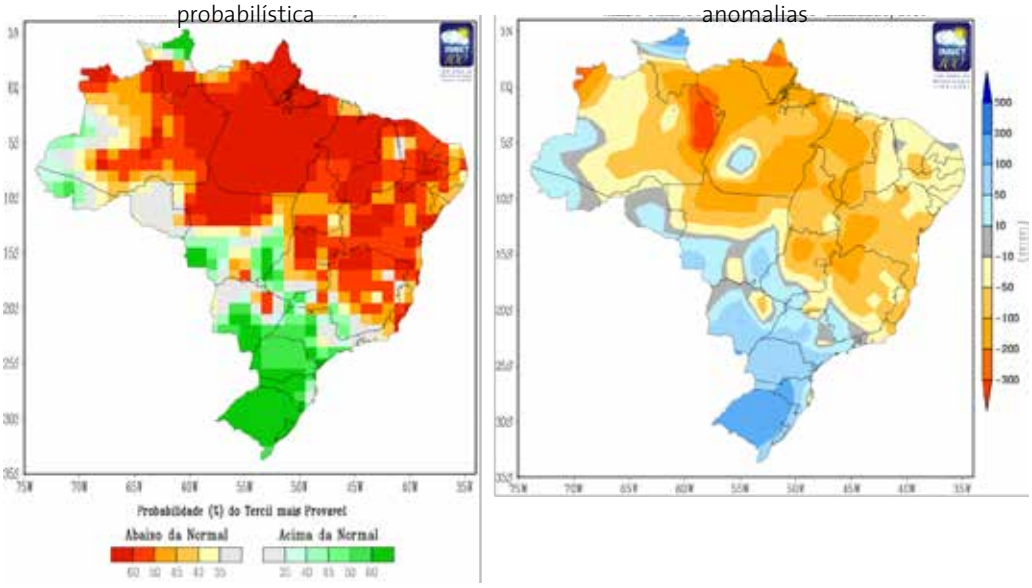
3- Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

11.3. Prognóstico climático para o trimestre outubro-novembro-dezembro/2015[4]

O modelo estatístico climático do INMET (Figuras 1.3.1) indica uma forte probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre pode ficar acima da média na maior parte da Região Sul. O modelo apresenta, ainda, probabilidade significativa indicando que o acumulado de chuvas fique na faixa normal ou acima nos estados do Mato Grosso do Sul e de São Paulo e no sul dos Estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Nos primeiros quinze dias de outubro, a precipitação acumulada poderá ultrapassar os 100 mm em várias áreas do centro-sul do Brasil, principalmente nos Estados de São Paulo e Paraná.

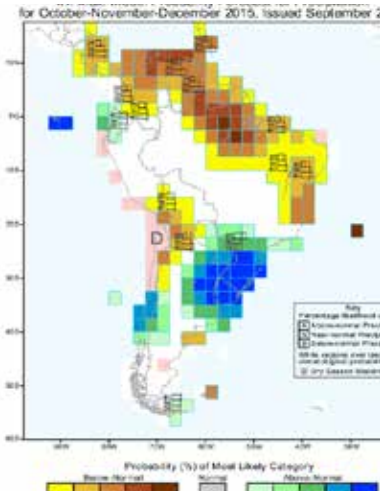
Nas regiões Norte e Nordeste, há uma maior probabilidade de que o acumulado do trimestre fique dentro ou abaixo da faixa normal. Está inserido, no contexto dessa previsão, a Região do MATOPIBA que entra no seu período chuvoso.

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação e de anomalias de precipitação para o trimestre outubro-novembro-dezembro/2015.



Fonte: Inmet

Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre outubro-novembro-dezembro/2015.



Fonte: IRI

4- Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

11.4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de setembro de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;

favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;

baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;

média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;

alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na Região Sul do Brasil, após chuvas abaixo da média em agosto, as precipitações observadas no período analisado (Figuras 1.4.1) foram favoráveis para repor a umidade do solo favorecendo as culturas de inverno em estádios críticos. Apesar disso, os prognósticos de chuva (Figuras 1.3.1 e 1.3.2) indicam alta probabilidade de precipitações acima da média na região nos meses de outubro a dezembro, que poderão causar impactos no potencial produtivo e na qualidade dos grãos.

Em relação à colheita das culturas de inverno no norte e oeste do estado do Paraná, o segundo decêndio foi favorável com chuvas reduzidas e, nos outros períodos, houve apenas problemas pontuais por excesso de chuva (Figuras 1.4.1).

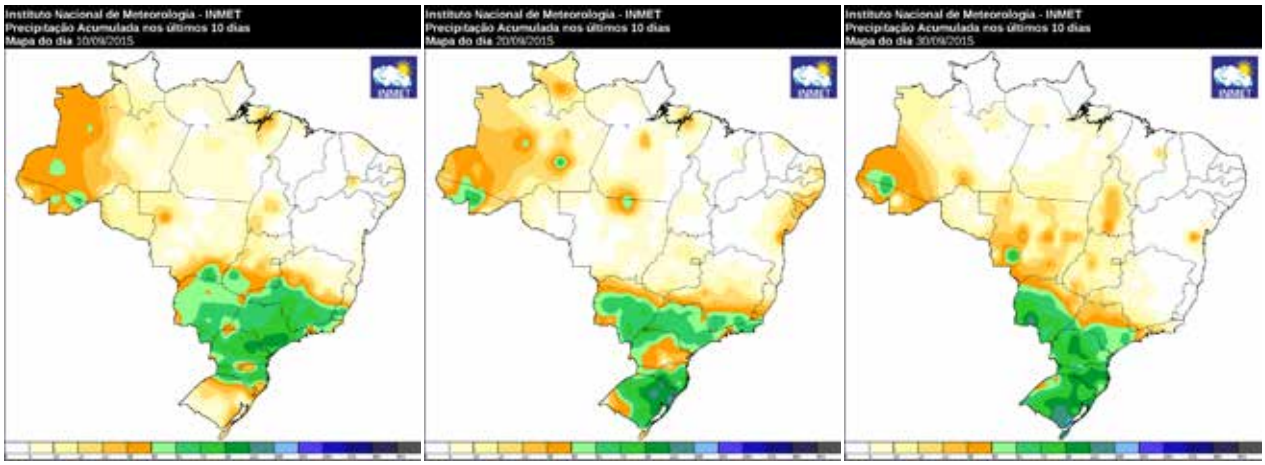
No entanto, geadas que ocorreram na primeira quinzena de setembro afetaram as culturas de inverno em estádios suscetíveis no noroeste do Rio Grande do Sul e causaram restrições pontuais nas outras regiões produtoras desse estado, do oeste de Santa Catarina e do Sul do Paraná. As menores temperaturas foram registradas no nordeste do Rio Grande do Sul e no sul de Santa Catarina (Figura 1.4.2) Nas regiões do centro norte, nordeste e sul do Rio Grande do Sul, e sudeste de Santa Catarina, as estações meteorológicas do INMET verificaram geadas de intensidade forte, e de intensidade moderada no oeste de Santa Catarina, no sudeste do Paraná e no centro do Rio Grande do Sul (Figura 1.4.2). Apesar da intensidade forte das geadas na região nordeste do Rio Grande do Sul, as restrições foram pontuais devido ao menor percentual das lavouras em estádios suscetíveis.

Além disso, as geadas (Figura 1.4.2) também implicaram restrições pontuais para o milho e feijão primeira safra. No entanto, há chances de recuperação, pois ainda havia um percentual a ser plantado e a possibilidade de replantio das áreas afetadas.

Nas regiões produtoras de Sergipe, nordeste da Bahia e Alagoas, as chuvas no período analisado foram reduzidas favorecendo as lavouras de milho em colheita. O volume de chuva acumulado foi no máximo até 50 mm (Figura 1.1.1).

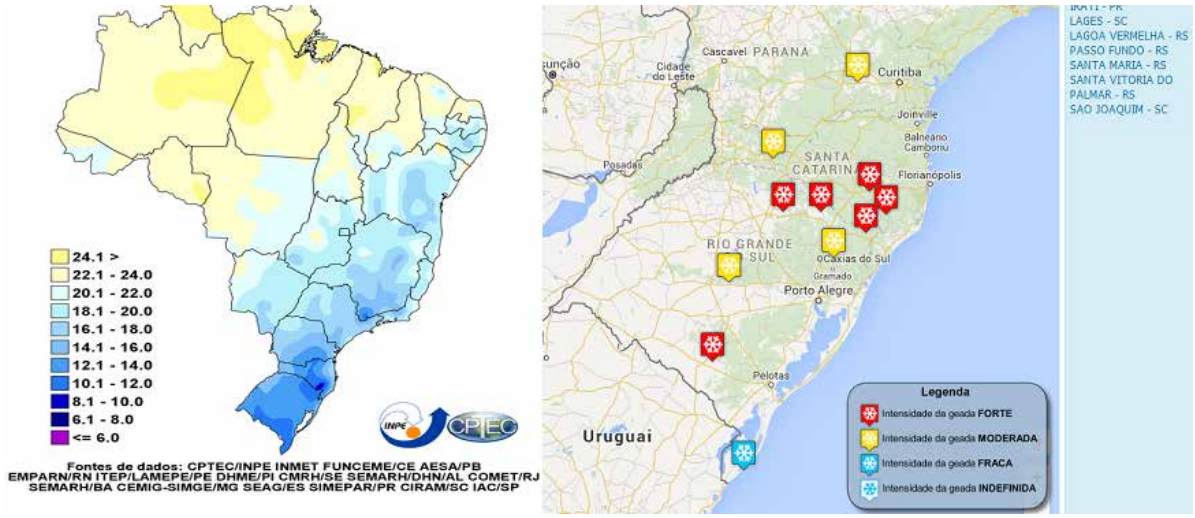
Em relação às culturas de verão, as condições para o início de plantio (Figura 1.4.1) são favoráveis na Região Sul, apesar de pequenos atrasos em consequência de excessos de chuva; e na metade sul dos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Nos outros estados do país, chuvas mais regulares são aguardadas.

Figuras 5 - Precipitação pluviométrica acumulada decendial em setembro/15



Fonte: Inmet.

Figura 6 – Temperatura mínima e geadas observadas em setembro de 2015.



Fonte: Inmet.

11.5. Monitoramento Espectral - Série histórica (set. 2014- jul.2015)

A base de informações neste monitoramento é o Índice de Vegetação (IV) extraído de imagens de satélite, que constitui em uma forma indireta de se obter a taxa de fotossíntese das lavouras..

O monitoramento atual é direcionado às culturas de inverno, em especial ao trigo. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento dos cultivos da safra atual e do ano passado por meio de uma composição de imagens de uma quinzena. Já os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do IV ao longo do tempo bem como a comparação entre diferentes anos safra, proporcionando indicativos de produtividade.

Neste momento estão sendo monitoradas quatro importantes mesorregiões produtoras de trigo, sendo duas no Rio Grande do Sul e duas no Paraná, conforme mostrado a seguir.

Figura 7 – Anomalia do IV no Noroeste Rio-grandense – RS

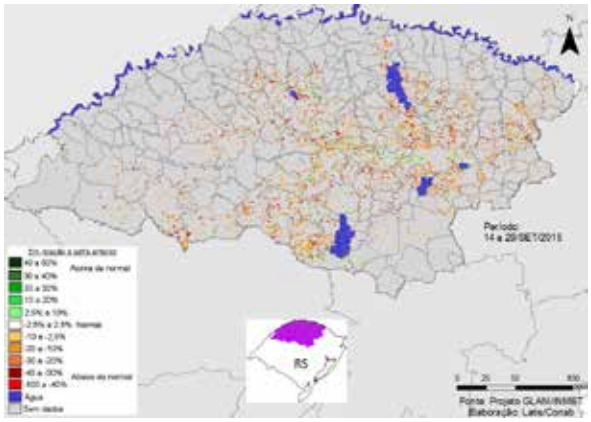
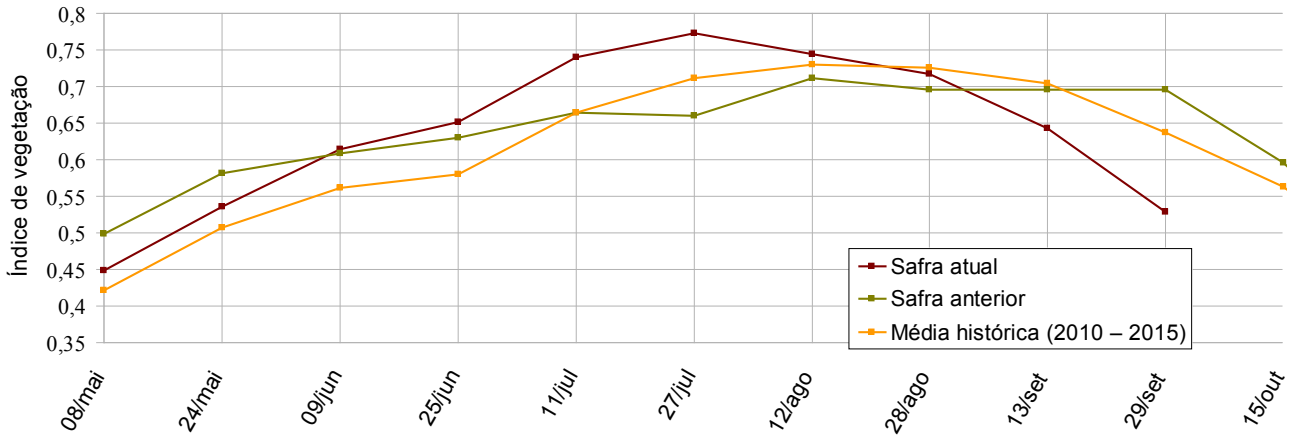
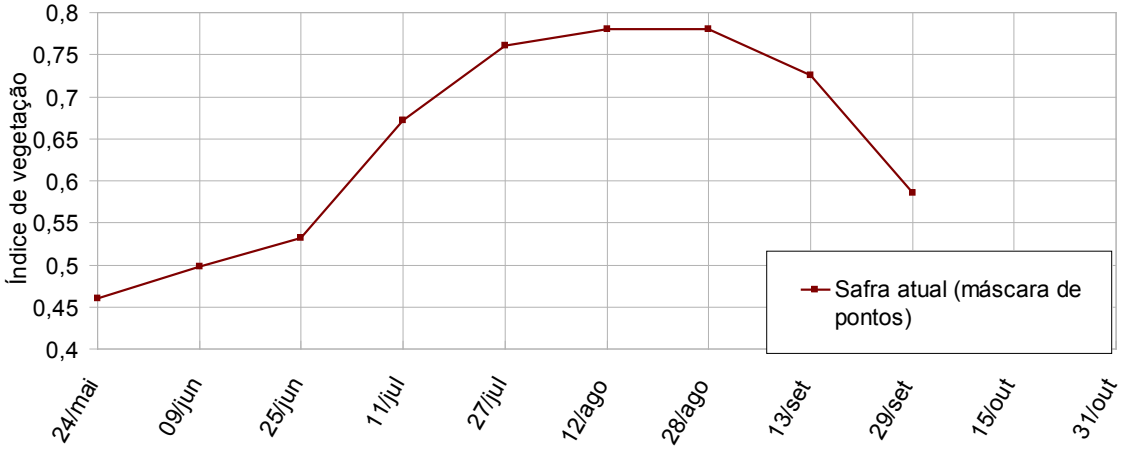


Gráfico 51 – Evolução temporal do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/ set	29/set	15/ out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	• 6	6	9	12	11	9	2	-1	-9	-17			
% Relat safra anterior	• -10	-8	1	3	11	17	5	3	-8	-24			
Fases – cult. de inverno			P	P/G/ DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Gráfico 52 – Evolução temporal do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



O mapa da anomalia do IV no Noroeste Rio-grandense mostra predomínio das cores amarelo, laranja e marrom. Estas cores podem corresponder a áreas de cobertura já dessecadas para o plantio da próxima safra de verão. No entanto, os feitos da falta de chuvas em agosto, e o impacto das geadas na primeira quinzena de setembro, também provocaram essa anomalia. Houve, ainda, redução do ciclo das culturas de inverno, por consequência das altas temperaturas atípicas para essa época do ano em boa parte da região. As condições atuais indicam redução do potencial de produtividade dos cultivos de inverno no Noroeste Rio-grandense.

No gráfico da evolução temporal do IV, gerado a partir das máscaras de cultivo de anos anteriores (gráfico 1a), a linha vermelha mostra que em 2015 as áreas de cultivo apresentaram altas respostas de IV até o final de julho. A partir daí vem apresentando quedas sucessivas, situando-se no momento abaixo das safras anteriores, devido aos efeitos das condições climáticas adversas e à dessecação de áreas para plantio da próxima safra de verão. Os dados de satélite apontam para redução de rendimento dos cultivos de inverno na região.

O monitoramento da safra atual feito a partir da máscara de cultivo originada de pontos amostrais coletados em campo (gráfico 1b) indica um trecho em ascensão mais forte a partir do final de junho até agosto, que corresponde às fases de desenvolvimento, floração e início do enchimento de grãos das culturas de inverno. Como constatado, foram boas as respostas de IV neste período. No entanto, os dois últimos trechos em declive mostram que a redução no IV ocorreu, principalmente, em função dos empactos negativos da falta de chuvas em agosto, da ocorrência das geadas em setembro e da redução do ciclo de parte das lavouras, que afetaram os cultivos de inverno.

Figura 8 – Anomalia do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS

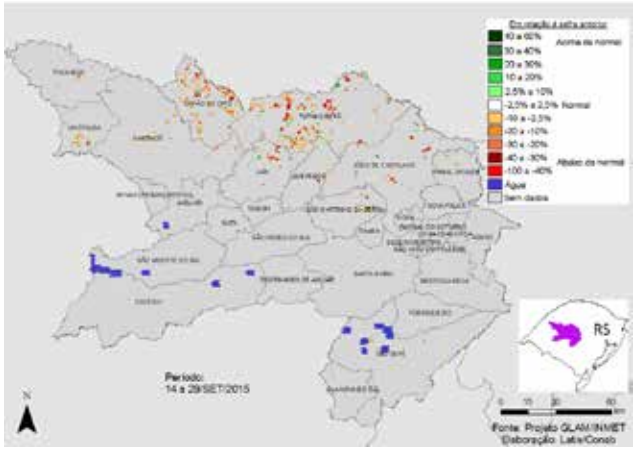
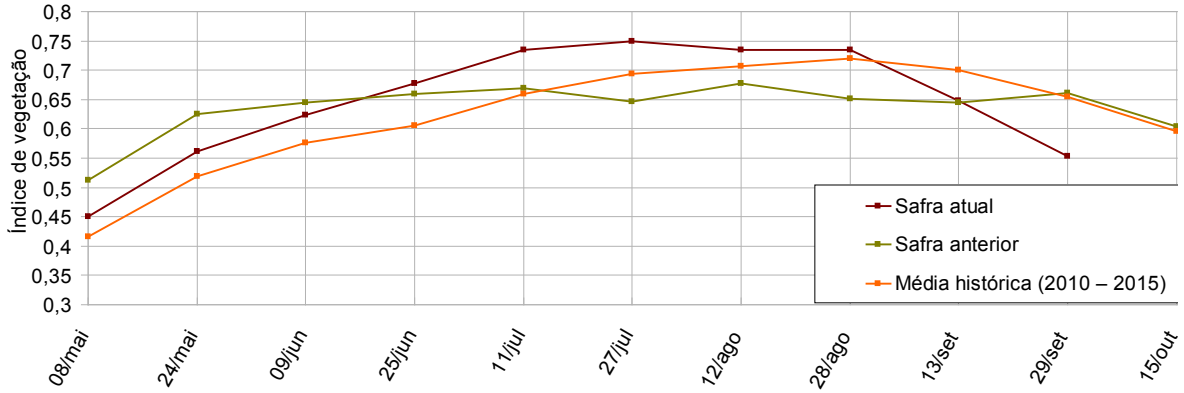


Gráfico 53 – Evolução temporal do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS



Continua

	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras			
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/ set	29/set	15/ out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	• 8	8	8	12	11	8	4	2	-7	-15			
% Relat safra anterior	• -12	-10	-3	3	10	16	8	13	1	-16			
Fases – cult. de inverno			P	P/G/ DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

No mapa acima, é mostrado predomínio das cores amarelo, laranja e marrom. Nestas cores estão áreas de cultivos de cobertura já dessecadas para o plantio da próxima safra de verão. No entanto, os efeitos da falta de chuvas em agosto e das geadas em setembro também provocaram essa anomalia. Houve, ainda, redução do ciclo das culturas de inverno em função da falta de chuva e das altas temperaturas. Essas cores no mapa indicam redução do potencial de produtividade dos atuais cultivos de inverno na região.

No gráfico acima, a linha vermelha mostra que em 2015 as lavouras de inverno apresentaram altas respostas de IV até o final de agosto. No entanto, os períodos seguintes mostraram queda expressiva, que se deve aos efeitos das condições climáticas adversas e à dessecação de áreas para plantio da próxima safra de verão. Os dados de satélite indicam queda de rendimento das lavouras de inverno na região.

Figura 9 – Anomalia do IV no Sudoeste Paranaense - PR

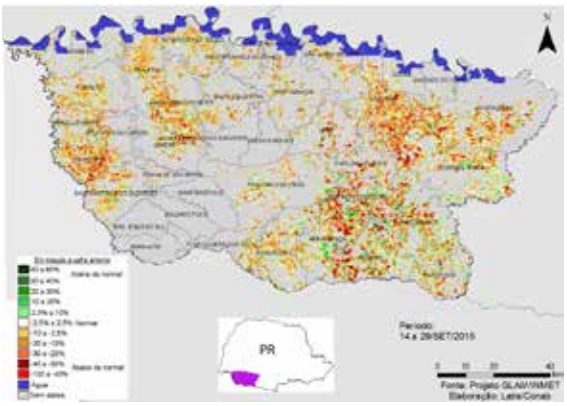
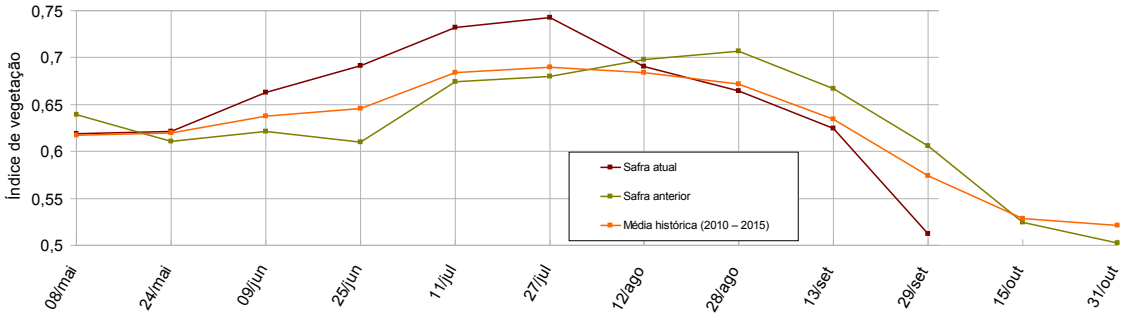


Gráfico 54 – Evolução temporal do IV no Sudoeste Paranaense - PR



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras			
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/ set	29/set	15/ out	31/out	16/ nov
% Relat. média histórica	• 0	0	4	7	7	8	1	-1	-2	-11			
% Relat. safra anterior	• -3	2	7	13	9	9	-1	-6	-6	-15			
Fases – cult. de inverno	• P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C	C

O mapa acima mostra áreas em diferentes padrões de cores. Em verde podem ser áreas de cobertura vegetal, apresentando resposta de IV superior ao ano passado. Em amarelo, laranja e marrom podem ser de áreas de cultivos de inverno, que sofreram efeitos negativos, com redução da fotossíntese, pela falta de chuvas em agosto e por geadas na primeira quinzena de setembro. Houve, ainda, redução do ciclo das culturas de inverno em função da falta de chuva e das altas temperaturas, principalmente em agosto, o que também provoca essa anomalia. Assim como, as áreas preparadas mais cedo para o plantio da próxima safra de verão, que também respondem neste padrão de cores. Em branco, são áreas com padrões idênticos nos dois anos. Há possibilidade de redução do potencial de produtividade da atual safra de inverno na região.

No gráfico acima a linha vermelha mostra que em 2015 as lavouras responderam com altas respostas de IV principalmente no período de muita chuva, época em que a vegetação acumulou grande volume de biomassa verde. No entando a queda expressiva a partir desse período ocorreu devido ao aparecimento de doenças pelo excesso de chuvas em julho, à baixa disponibilidade hídrica em agosto e aos possíveis efeitos das geadas na primeira quinzena de setembro. Os dados de satélite indicam redução de produtividade dos cultivos de inverno na região.

Figura 10 – Anomalia do IV no Centro-Sul Paranaense - PR

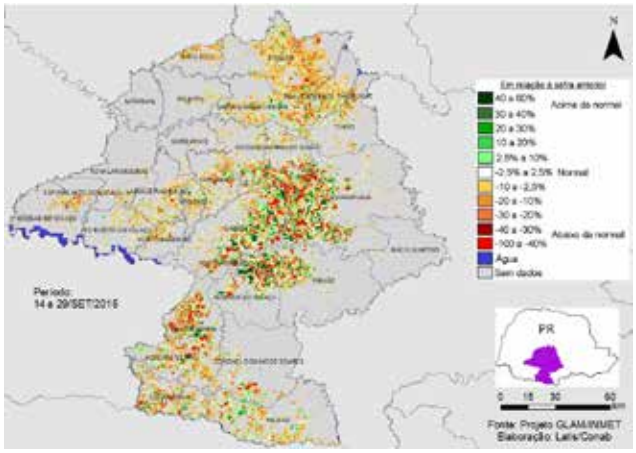
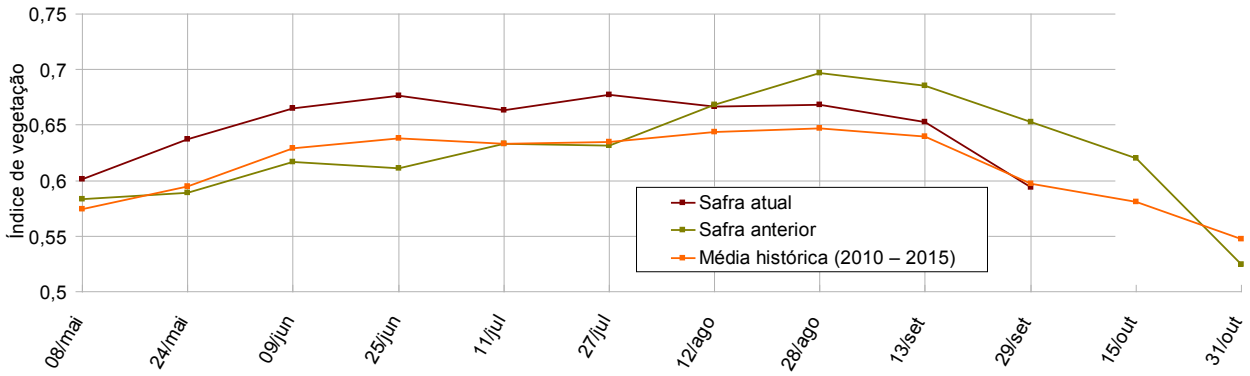


Gráfico 55 – Evolução temporal do IV no Centro-Sul Paranaense - PR



	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras									Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras			
Data (final do período)	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	
% Relat média histórica	• 5	7	6	6	5	7	4	3	2	0			
% Relat safra anterior	• 3	8	8	11	5	7	0	-4	-5	-9			
Fases – cult. de inverno	• P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C	

O mapa acima mostra diferentes padrões de cores. Em verde podem ser áreas de cobertura vegetal, apresentando resposta de IV superior ao ano passado. Em amarelo, laranja e marrom podem ser áreas preparadas mais cedo para o plantio da safra verão. Há um misto, com parte das lavouras com bom potencial de produtividade e parte com baixos potenciais, em função dos diferentes efeitos das condições climáticas ao longo das fases de desenvolvimento das culturas. O excesso de chuvas em julho, a baixa disponibilidade hídrica em agosto e as geadas em setembro reduziram o potencial produtivo de parte das lavouras, principalmente, das áreas que encontravam-se no início do período reprodutivo.

No gráfico acima a linha vermelha mostra que em 2015 as lavouras apresentaram altas respostas de IV durante longo período. Os três últimos trechos abaixo do ano passado se devem principalmente às condições excepcionais dos cultivos de inverno do ciclo anterior. No entanto, os efeitos das condições climáticas adversas neste ano podem ter afetado parte das lavouras, dependendo da sua fase de desenvolvimento. Atualmente, o Índice de Vegetação médio da região está muito próximo da média histórica.

12. Análise das culturas

12.1. Culturas de verão

12.1.1. Algodão

A primeira intenção de plantio da lavoura de algodão aponta para uma redução na área plantada, variando de 2,3 a 0,1% na temporada 2015/16. Essa redução foi influenciada pela atual conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados promovem impactos negativos nos preços da pluma.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, deverá apresentar uma pequena elevação na sua área plantada, variando de 635 a 647,6 mil hectares, contra 630,8 mil plantados na temporada recém-encerrada. O Mato Grosso, maior produtor nacional da fibra, apresentará um incremento médio de 2% na área, Goiás está previsto reduzir o plantio em 2%, comparado ao da safra recém-colhida e o Mato Grosso do Sul deverá, praticamente manter a área utilizada neste ano.

No Mato Grosso, maior produtor nacional, no decorrer da finalização da colheita da safra 2015 já havia a expectativa positiva de que a área de plantio fosse mantida ou que houvesse uma pequena ampliação. Os elevados custos de produção do algodão, ainda mais acentuados nesta safra, por conta da alta do dólar, não resultaram em impactos que abalassem a

confiança do produtor. O plantio do algodão de primeira safra tem previsão para iniciar em dezembro, lembrando que neste ano foi prorrogado o período do vazio sanitário no estado, para o dia 30 de novembro. O plantio da segunda safra deverá ocorrer em janeiro e fevereiro de 2016, a depender da normalização do atual quadro de escassez hídrica. De acordo com fontes locais, existe o risco de que o plantio do algodão primeira safra seja prorrogado até o final de dezembro de 2015, podendo comprometer a janela de plantio das culturas de segunda safra no estado.

No Mato Grosso do Sul, para a próxima safra, há uma tendência de manutenção da área plantada, a despeito dos bons preços praticados no mercado local para a sua principal concorrente, a cultura da soja, além do elevado custo de produção do algodão em decorrência da alta do dólar. A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinópolis, encontra-se no período de vazio sanitário, que se estende até 30 de novembro, ou seja, mesmo que haja precipitação favorável e condições adequadas de solo, não é possível o plantio.

Vale ressaltar que a prática do vazio sanitário tem um embasamento legal, onde preconiza que o solo esteja sem plantas vivas de algodão, quebrando o ciclo das principais pragas e doenças que acometem a cultura da safra seguinte. Para tanto, a prática da destruição das soqueiras já foi iniciada e deve continuar em outubro, com o plantio devendo ocorrer em dezembro. No centro sul do estado, o vazio sanitário já se findou, de forma que os produtores de Aral Moreira e Sidrolândia já iniciaram o plantio, uma vez que para sua consecução, ainda dependem da estabilidade das precipitações.

O plantio do algodão em Goiás está previsto reduzir em média 2% nesta safra. O seu plantio, em função do vazio sanitário para controle do bicudo do algodoeiro, está previsto iniciar durante novembro em alguns municípios produtores. Até o presente momento fontes consultadas relatam informações escassas a respeito da área estimada para plantio com algodão primeira e segunda safras no estado, quando informam que a cotonicultura perderá área para a soja devido às expectativas otimistas com a oleaginosa.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, está estimada atingir 18,8 mil hectares, sinalizando uma manutenção em relação aos números observados na safra passada. O plantio de algodão em Minas Gerais tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando encerra o período de vazio sanitário, instituídos como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e também para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o algodão deverá sofrer redução média de 6,8% na sua área plantada, em sintonia com o que está previsto ocorrer na Bahia, principal produtor regional e segundo produtor nacional, que deverá apresentar uma redução média de 7,5% em relação ao plantio passado. No Maranhão a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado e até o presente momento não houve alteração na perspectiva de alterar a área a ser plantada. A cultura do algodão é explorada apenas nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos localizados no extremo sul do Maranhão, sendo os dois últimos os que apresentam maior representatividade. O início do plantio está previsto para dezembro, com finalização em janeiro.

A consolidação dessas informações permite estimar para a safra de algodão na temporada 2015/16 uma expectativa de plantio variando de 993,5 a 1.016,1 mil hectares. Isto representa uma redução média de 1,2% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Tabela 18 - Calendário de plantio e colheita - algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda:P-Plantio;C-Colheita;P/C-Plantioecolheita.

Fonte: Conab

Tabela 19 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

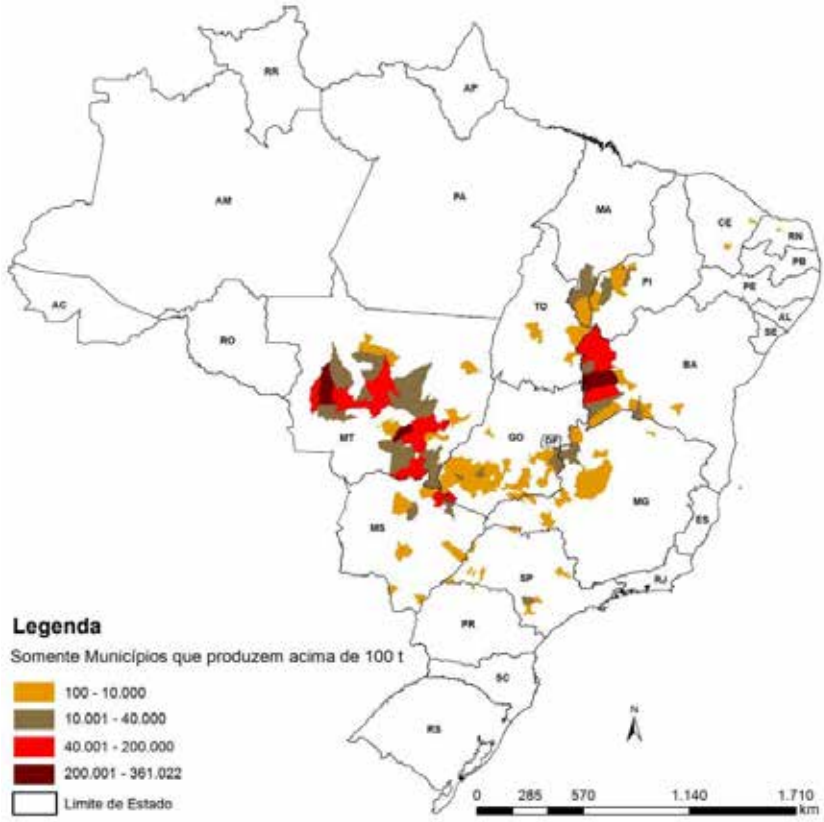
Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- todo o estado do MT (2ª safra) (C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Figura 11 - Mapa da produção agrícola - algodão



Fonte: Conab/IBGE

Figura 12 - Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - safra 2015/16

Fonte: Conab

Tabela 20 - Comparativo de área, produtividade e produção - algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	29,6	30,4	0,3	3,1
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	3.830	3.845	0,4	29,5	29,6	30,4	0,3	3,1
NORDESTE	355,5	326,8	336,4	-	-	3.647	3.828	5,0	1.296,5	1.251,0	1.287,8	(3,5)	(0,7)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	3.984	4.036	1,3	85,3	86,4	86,4	1,3	1,3
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	3.536	3.641	3,0	50,2	51,7	51,7	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	306	632	106,5	0,1	0,3	0,3	200,0	200,0
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.500	4.108	(8,7)	1,4	1,2	1,2	(14,3)	(14,3)
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	1.210	991	(18,1)	0,2	0,2	0,2	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	512	512	-	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	490	495	1,0	-	-	-	-	-
BA	318,8	290,1	299,7	(9,0)	(6,0)	3.636	3.830	5,3	1.159,2	1.111,1	1.147,9	(4,1)	(1,0)
CENTRO-OESTE	630,8	635,0	647,6	-	-	3.943	3.966	0,6	2.487,4	2.518,3	2.568,3	1,2	3,3
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	3.914	3.943	0,7	2.202,4	2.240,8	2.285,4	1,7	3,8
MS	31,1	30,8	31,4	(1,0)	1,0	4.500	4.267	(5,2)	140,0	131,4	134,0	(6,1)	(4,3)
GO	37,0	35,9	36,6	(3,0)	(1,0)	3.919	4.069	3,8	145,0	146,1	148,9	0,8	2,7
SUDESTE	22,2	23,1	23,3	-	-	3.574	3.689	3,2	79,4	85,2	85,9	7,3	8,2
MG	18,8	18,8	18,8	-	-	3.600	3.724	3,4	67,7	70,0	70,0	3,4	3,4
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	3.432	3.541	3,2	11,7	15,2	15,9	29,9	35,9
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	2,0	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	2,0	-	-
NORTE/ NORDESTE	363,2	334,5	344,3	(7,9)	5,2)	3.651	3.828	4,9	1.326,0	1.280,6	1.318,2	(3,4)	(0,6)
CENTRO-SUL	653,9	659,0	671,8	0,8	2,7	3.928	3.954	0,7	2.568,8	2.605,5	2.656,2	1,4	3,4
BRASIL	.017,1	993,5	1.016,1	(2,3)	(0,1)	3.829	3.911	2,1	.894,8	3.886,1	3.974,4	(0,2)	2,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em outubro/2015

Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	.475	1.480	0,4	11,4	11,4	11,7	-	2,6
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	1.475	1.480	0,3	11,4	11,4	11,7	-	2,6
NORDESTE	355,5	326,8	336,4	-	-	1.427	1.498	5,0	507,3	489,6	504,0	(3,5)	(0,7)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	1.574	1.594	1,3	33,7	34,1	34,1	1,2	1,2
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	1.397	1.438	2,9	19,8	20,4	20,4	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	107	221	106,5	-	0,1	0,1	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.710	1.561	(8,7)	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	424	347	(18,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	179	179	-	-	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	172	173	0,6	-	-	-	-	-
BA	318,8	290,1	299,7	(9,0)	(6,0)	1.422	1.498	5,3	453,2	434,4	448,8	(4,1)	(1,0)
CENTRO-OESTE	630,8	635,0	647,6	-	-	1.557	1.566	0,6	982,4	994,6	1.014,3	1,2	3,2
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	1.546	1.557	0,7	870,0	885,1	902,7	1,7	3,8
MS	31,1	30,8	31,4	(1,0)	1,0	1.778	1.685	(5,2)	55,3	51,9	52,9	(6,1)	(4,3)
GO	37,0	35,9	36,6	(3,0)	(1,0)	1.544	1.603	3,8	57,1	57,6	58,7	0,9	2,8
SUDESTE	22,2	23,1	23,3	-	-	1.396	1.442	3,3	31,0	33,3	33,6	7,4	8,4
MG	18,8	18,8	18,8	-	-	1.404	1.452	3,4	26,4	27,3	27,3	3,4	3,4
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	1.356	1.399	3,2	4,6	6,0	6,3	30,4	37,0
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	778	778	-	0,7	0,7	0,7	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	828	828	-	0,7	0,7	0,7	-	-
NORTE/ NORDESTE	363,2	334,5	344,3	(7,9)	5,2)	1.428	1.498	4,9	518,7	501,0	515,7	(3,4)	(0,6)
CENTRO-SUL	653,9	659,0	671,8	0,8	2,7	1.551	1.561	0,6	.014,1	1.028,6	1.048,6	1,4	3,4
BRASIL	1.017,1	993,5	1.016,1	(2,3)	(0,1)	1.507	1.540	2,2	1.532,8	1.529,6	1.564,3	(0,2)	2,1

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em outubro/2015

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,7	7,7	7,9	-	2,6	2.355	2.365	0,4	18,1	18,2	18,7	0,6	3,3
TO	7,7	7,7	7,9	-	2,4	2.355	2.365	0,4	18,1	18,2	18,7	0,6	3,3
NORDESTE	355,5	326,8	336,4	-	-	2.219	2.330	5,0	789,2	761,4	783,8	(3,5)	(0,7)
MA	21,4	21,4	21,4	-	-	2.410	2.442	1,3	51,6	52,3	52,3	1,4	1,4
PI	14,2	14,2	14,2	-	-	2.139	2.203	3,0	30,4	31,3	31,3	3,0	3,0
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	199	411	106,5	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.790	2.547	(8,7)	0,9	0,7	0,7	(22,2)	(22,2)
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	787	644	(18,2)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,1	0,1	0,1	-	-	333	333	-	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	319	322	0,9	-	-	-	-	-
BA	318,8	290,1	299,7	(9,0)	(6,0)	2.214	2.332	5,3	706,0	676,7	699,1	(4,2)	(1,0)
CENTRO-OESTE	630,8	635,0	647,6	-	-	2.386	2.400	0,6	1.505,0	1.523,7	1.554,0	1,2	3,3
MT	562,7	568,3	579,6	1,0	3,0	2.368	2.386	0,8	1.332,4	1.355,7	1.382,7	1,7	3,8
MS	31,1	30,8	31,4	(1,0)	1,0	2.723	2.582	(5,2)	84,7	79,5	81,1	(6,1)	(4,3)
GO	37,0	35,9	36,6	(3,0)	1,0)	2.375	2.466	3,8	87,9	88,5	90,2	0,7	2,6
SUDESTE	22,2	23,1	23,3	-	-	2.178	2.247	3,2	48,4	51,9	52,3	7,2	8,1
MG	18,8	18,8	18,8	-	-	2.196	2.272	3,5	41,3	42,7	42,7	3,4	3,4
SP	3,4	4,3	4,5	26,0	31,3	2.076	2.142	3,2	7,1	9,2	9,6	29,6	35,2
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	1.351	1.351	-	1,3	1,3	1,3	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	.351	1.351	-	1,3	1,3	1,3	-	-
NORTE/ NORDESTE	363,2	334,5	344,3	(7,9)	(5,2)	2.222	2.330	4,9	807,3	779,6	802,5	(3,4)	(0,6)
CENTRO-SUL	653,9	659,0	671,8	0,8	2,7	2.377	2.393	0,7	1.554,7	1.576,9	1.607,6	1,4	3,4
BRASIL	1.017,1	993,5	1.016,1	(2,3)	(0,1)	2.322	2.372	2,2	2.362,0	2.356,5	2.410,1	(0,2)	2,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em outubro/2015

12.1.1.1 Oferta e demanda

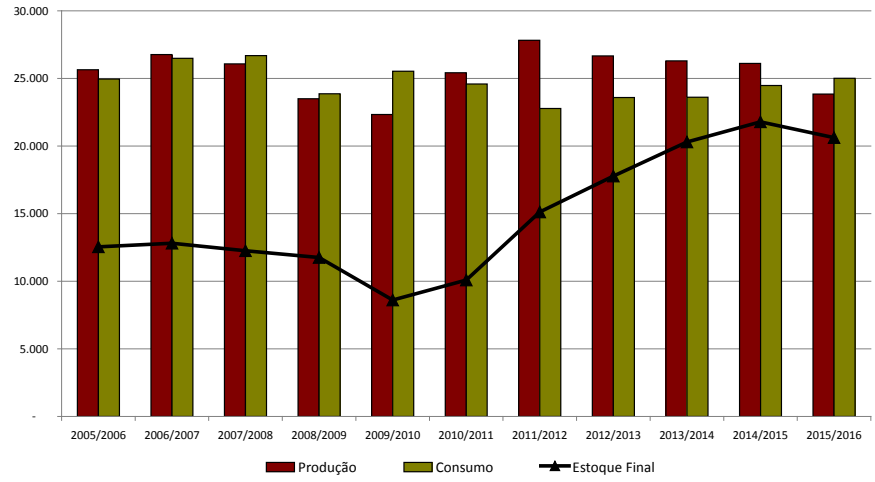
Panorama mundial

O mercado mundial do Algodão, segundo as projeções do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), ao longo da safra 2015/16 passará por uma importante mudança no quadro de oferta e demanda. De acordo com o Comitê a produção mundial de pluma será inferior ao consumo pela primeira vez desde a safra 2009/10.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para uma redução de 5,37% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20,62 milhões de toneladas, contra

21,79 milhões em 2014/15. Neste sentido a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 82,45%, contra 89,01% na safra 2014/15. Contudo, destaca-se que cerca de 58,10% dos estoques mundiais no biênio 2014/15 estarão concentrados apenas na China.

Gráfico 56 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)

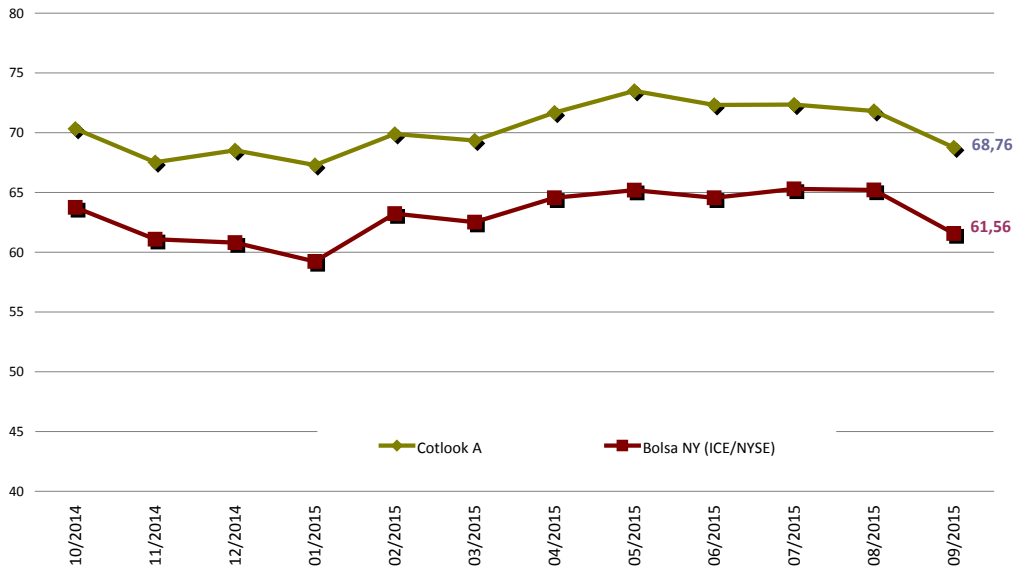


Fonte: Icac

Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma apresentaram forte desvalorização em setembro, a justificativa é dada à menor demanda mundial pela pluma no período. Além disso, o desempenho das exportações estadunidenses abaixo do esperado impactou negativamente as cotações do algodão na bolsa de Nova Iorque.

Gráfico 57 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US$/lb)



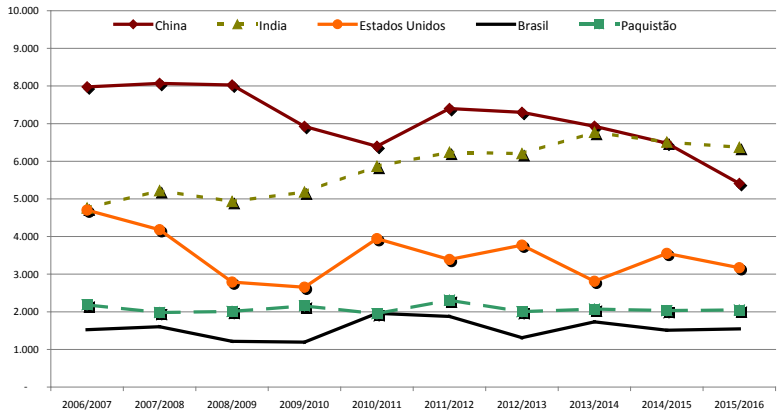
Fonte: NYSE; Cotlook

Panorama nacional

O primeiro levantamento de intenção de plantio elaborado pela Conab em 2015 estima para a safra 2015/16 um intervalo de produção de pluma no Brasil entre 1.529,6 e 1.564,3 mil toneladas. Cabe destacar que a produção estimada para a safra 2014/15 é de 1.532,8 mil toneladas, de maneira que o limite inferior do intervalo da estimativa aponta para uma redução de 0,2% e o limite superior um incremento de 2,1%.

A justificativa para esse movimento misto na produção é trazida pela grande valorização do dólar frente o real em 2015 e esperado para se manter elevado em 2016. A moeda estadunidense valorizada permite que o excedente da produção de pluma, não consumida pela Indústria nacional, seja exportado a preços mais remuneradores, todavia elevam muito o custo dos insumos que representam aproximadamente 55% do custo total. Dessa feita, o saldo dessa operação traz pouco ou quase nenhum incremento na remuneração do cotonicultor.

Gráfico 58 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)

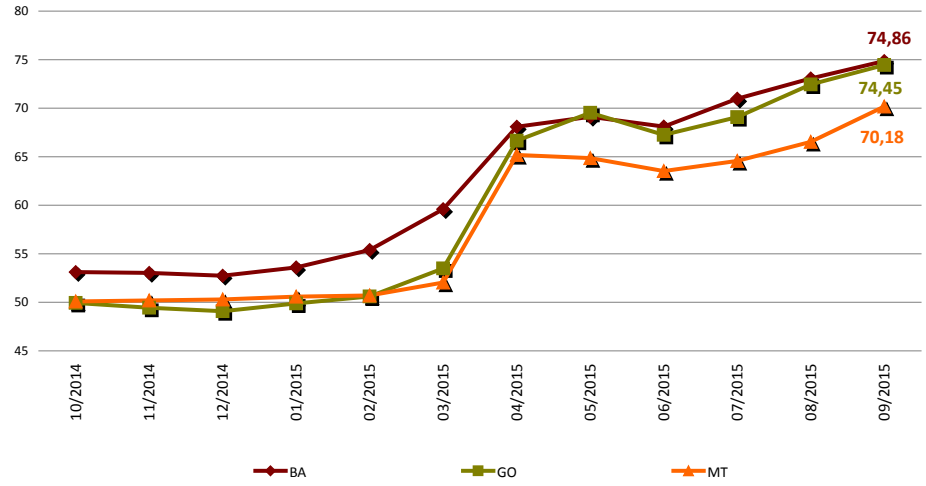


Fonte: Icac.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão, por mais uma vez, reagiram de maneira positiva à alta do dólar. Desse modo, os preços sofreram uma variação positiva, além de estimular as vendas ao mercado externo. Os preços médios em agosto subiram em todos os estados avaliados em comparação com julho, na Bahia a média das cotações elevou-se 2,46%, com média de R$74,86/arroba, em Goiás 2,76%, com média de R$74,45/@ e em Mato Grosso 5,49%, com média de R$70,18/arroba.

Gráfico 59 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R$/arroba)



Fonte: Conab

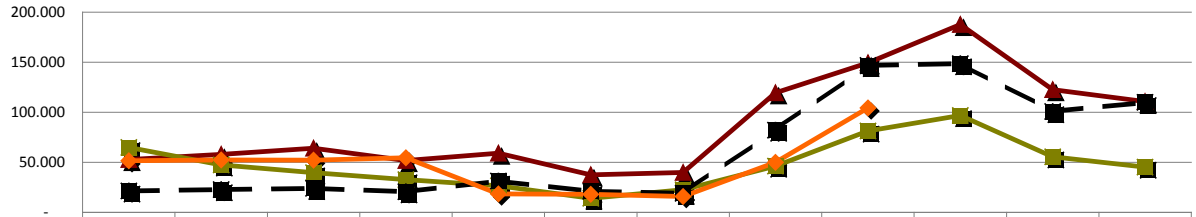
Informações sobre o consumo nacional

Em função de notícias sobre o fraco desempenho da indústria têxtil no ano de 2014, e levando em consideração as atuais previsões de fraco crescimento da economia brasileira no corrente ano, a Conab alterou sua projeção de consumo em 2015 para 780 mil toneladas e estima um consumo de 810 mil toneladas em 2016. Nesse cenário, é importante enfatizar que a expectativa de menor importação de produtos de vestuários deverá estimular o aumento do consumo pela indústria do algodão nacional em 2016.

Análise de exportações líquidas brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, montante de 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo País. A Conab mantém sua estimativa de 790 mil toneladas a ser exportada em 2015 e acredita que em 2016 aproximadamente 780 mil toneladas serão exportadas. Essa redução é explicada pela avaliação de menor consumo futuro de algodão pela China. Para acompanhamento das exportações brasileiras.

Gráfico 60 - Exportações brasileiras de algodão de Jan/12 a jul/15 (Em mil t.)



	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2012	52.723	57.859	64.000	51.782	59.048	37.577	39.820	119.527	149.379	187.759	122.620	110.714
2013	64.903	47.353	39.616	32.768	26.531	14.093	22.568	46.248	81.316	96.750	55.518	45.249
2014	21.449	22.843	23.989	20.539	31.431	20.994	19.091	82.140	146.834	148.543	100.852	109.922
2015	51.686	52.413	52.221	54.470	18.397	18.091	15.812	49.992	104.268			

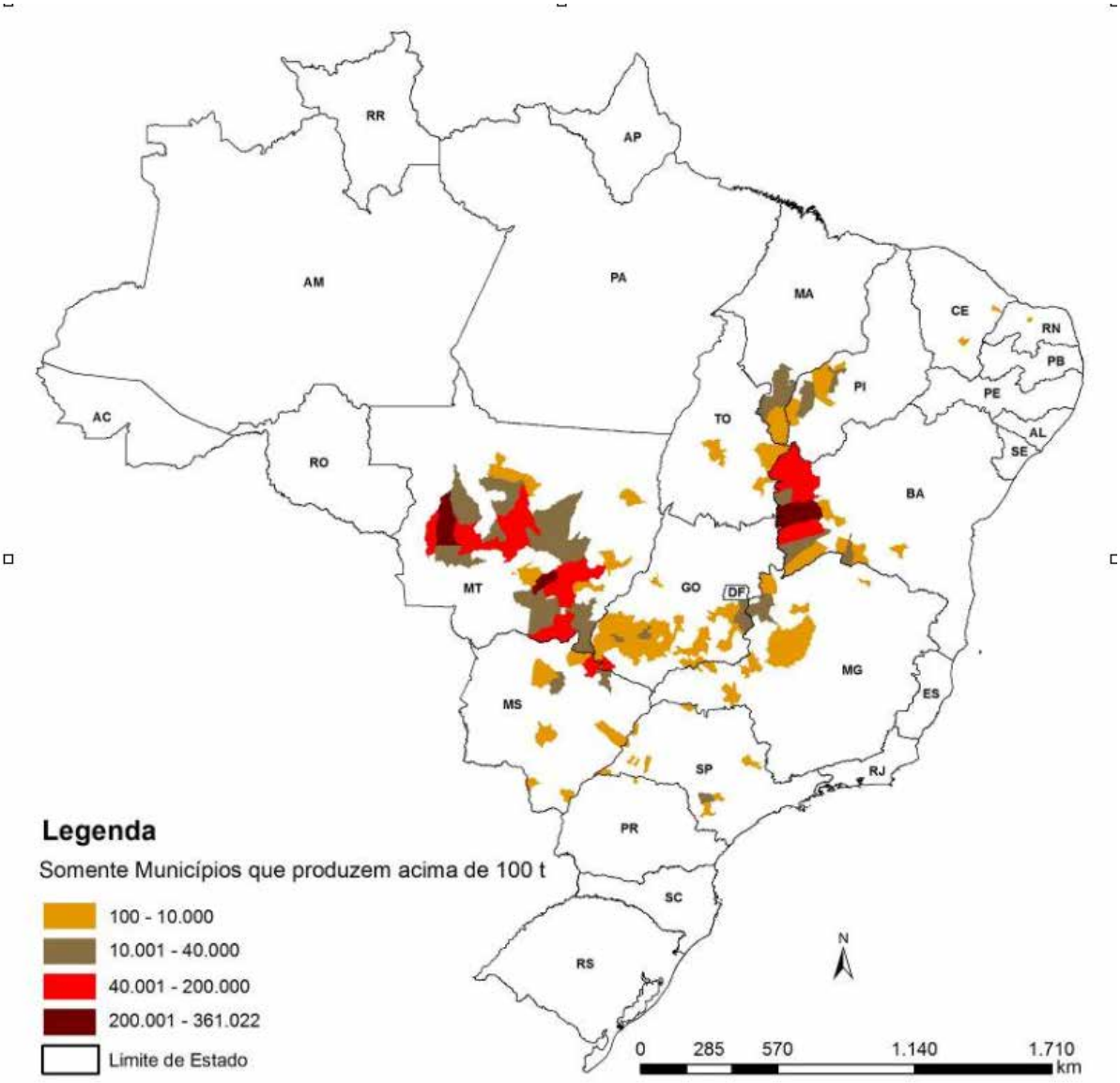
Fonte: Secex

Quadro de oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) é de 2.039,7 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é de 1.570 mil toneladas. Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 469,7 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses e duas semanas.

Para 2016 a Conab projeta a seguinte configuração: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) é de 2.021,7 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é de 1.590 mil toneladas. Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 441,7 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período de três meses.

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE

Figura 14 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

Fonte: Conab

12.1.2. Amendoim

12.1.2.1. Amendoim primeira safra

Tabela 23 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab

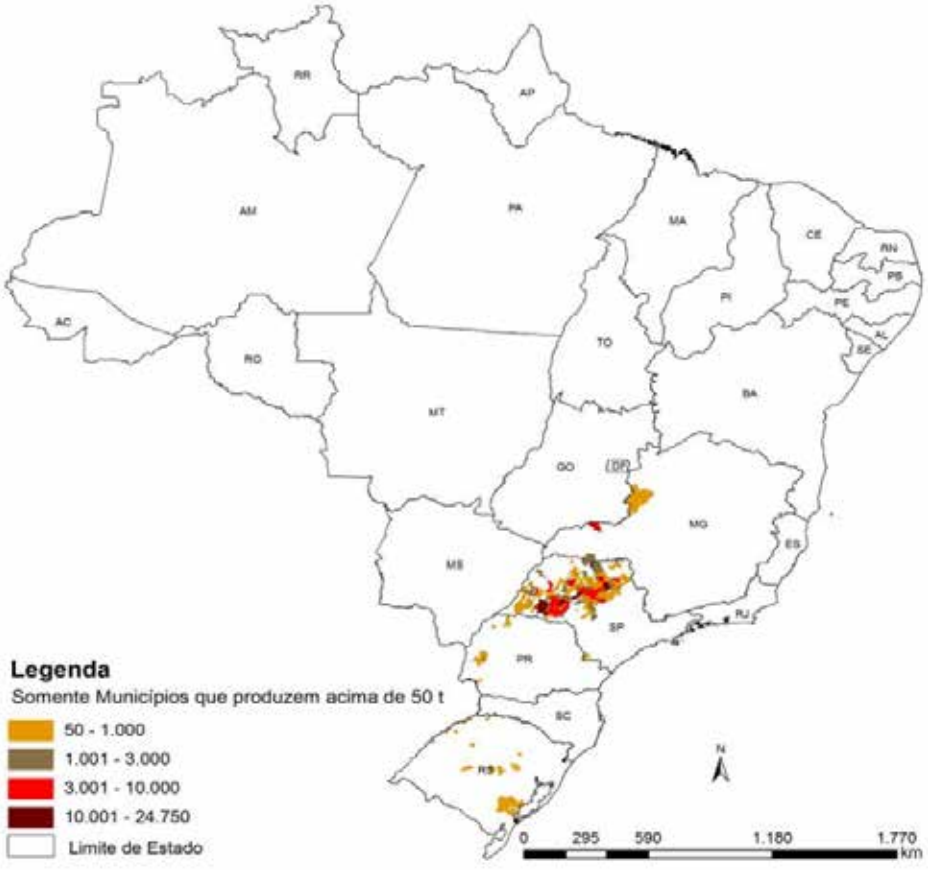
Tabela 24 - Comparativo de área, produtividade e produção - amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	92,5	90,7	92,5	(1,9)	-	3.315	3.352	1,1	306,6	304,0	310,0	(0,8)	1,1
MG	2,7	2,7	2,7	-	-	3.338	3.443	3,1	9,0	9,3	9,3	3,3	3,3
SP	89,8	88,0	89,8	(2,0)	-	3.314	3.349	1,1	297,6	294,7	300,7	(1,0)	1,0
SUL	5,2	4,6	4,8	(11,5)	(7,7)	2.429	2.457	1,2	12,7	11,4	11,8	(10,2)	(7,1)
PR	2,2	1,6	1,8	(26,0)	(20,0)	2.400	2.469	2,9	5,3	4,0	4,4	(24,5)	(17,0)
RS	3,0	3,0	3,0	-	-	2.450	2.450	-	7,4	7,4	7,4	-	-
CENTRO-SUL	97,7	95,3	97,3	(2,5)	(0,4)	3.268	3.308	1,2	319,3	315,4	321,8	(1,2)	0,8
BRASIL	97,7	95,3	97,3	(2,5)	(0,4)	3.268	3.308	1,2	319,3	315,4	321,8	(1,2)	0,8

Fonte: Conab

Nota: estimativa outubro/2015

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE

12.1.2.2. Amendoim segunda safra

Tabela 25 – Calendário de plantio e colheita – amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	2,4	2,4	2,6	-	8,3	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	10,4	3,2	11,8
TO	2,4	2,4	2,6	(1,3)	7,8	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	10,4	3,2	11,8
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	3,5	(10,3)	(10,3)
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	662	663	0,2	0,3	0,3	0,3	-	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	609	692	13,6	0,2	0,2	0,2	-	-
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	1,5	(16,7)	(16,7)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
CENTRO-O-ESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
MT	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
SUDESTE	5,3	5,4	5,6	1,9	5,7	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,6	14,1	(2,2)	1,4
SP	5,3	5,4	5,6	2,0	5,0	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,6	14,1	(2,2)	1,4
NORTE/ NORDESTE	5,7	5,7	5,9	-	3,5	2.300	2.328	1,3	13,2	13,1	13,9	(0,8)	5,3
CENTRO-SUL	5,5	5,6	5,8	1,8	5,5	2.587	2.511	(2,9)	14,3	14,0	14,5	(2,1)	1,4
BRASIL	11,2	11,3	11,7	0,9	4,5	2.441	2.419	(0,9)	27,5	27,1	28,4	(1,5)	3,3

Fonte: Conab

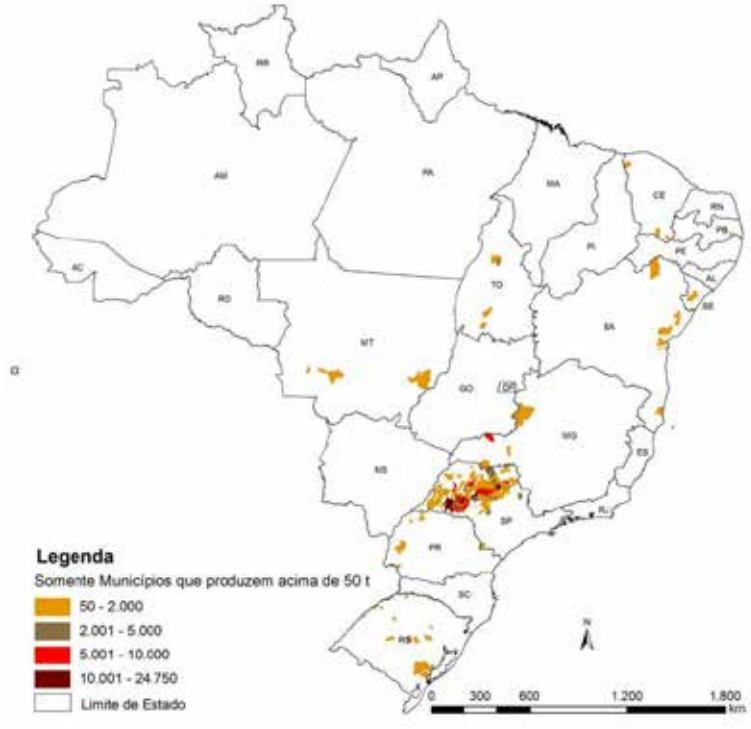
Nota: estimativa outubro/2015

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – amendoim segunda safra

Fonte: Conab

12.1.2.3. Amendoim total

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	2,4	2,4	2,6	-	8,3	3.873	3.998	3,2	9,3	9,6	10,4	3,2	11,8
TO	2,4	2,4	2,6	-	8,3	3.873	4.000	3,3	9,3	9,6	10,4	3,2	11,8
NORDESTE	3,3	3,3	3,3	-	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	3,5	(10,3)	(10,3)
CE	0,4	0,4	0,4	-	-	662	750	13,3	0,3	0,3	0,3	-	-
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	609	667	9,5	0,2	0,2	0,2	-	-
SE	1,1	1,1	1,1	-	-	1.605	1.364	(15,0)	1,8	1,5	1,5	(16,7)	(16,7)
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	1.068	1.000	(6,4)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	0,4	-	-
MT	0,2	0,2	0,2	-	-	1.848	2.000	8,2	0,4	0,4	0,4	-	-
SUDESTE	97,8	96,1	98,1	(1,7)	0,3	3.277	3.305	0,9	320,5	317,6	324,1	(0,9)	1,1
MG	2,7	2,7	2,7	-	-	3.338	3.444	3,2	9,0	9,3	9,3	3,3	3,3
SP	95,1	93,4	95,4	(1,8)	0,3	3.275	3.300	0,8	311,5	308,3	314,8	(1,0)	1,1
SUL	5,2	4,6	4,8	11,5)	(7,7)	2.429	2.457	1,2	12,7	11,4	11,8	(10,2)	(7,1)
PR	2,2	1,6	1,8	(27,3)	18,2)	2.400	2.471	2,9	5,3	4,0	4,4	(24,5)	(17,0)
RS	3,0	3,0	3,0	-	-	2.450	2.467	0,7	7,4	7,4	7,4	-	-
NORTE/ NORDESTE	5,7	5,7	5,9	-	3,5	2.300	2.328	1,2	13,2	13,1	13,9	(0,8)	5,3
CENTRO-SUL	103,2	100,9	103,1	(2,2)	(0,1)	3.231	3.264	1,0	333,6	329,4	336,3	(1,3)	0,8
BRASIL	108,9	106,6	109,0	(2,1)	0,1	3.183	3.213	1,0	346,8	342,5	350,2	(1,2)	1,0

Fonte: Conab

Nota: estimativa outubro/2015

12.1.3. Arroz

As primeiras análises dos números da cultura do arroz da safra 2015/16 indicam uma leve redução dos índices pesquisados. A área plantada terá uma redução entre 1% e 3,2% em relação à safra passada. Essa tendência fica evidenciada em quase todos os estados produtores.

Na produtividade a redução prevista será de 1,6% na média nacional, estimada em 5.383 kg/ha, com variações positivas ou negativas nos estados, a ser conferida no decorrer da safra. A mesma tendência pode ser verificada na estimativa de produção, onde os números nacionais apontam para uma queda entre 1,9% e 3,9%, ficando entre 11,9 e 12,2 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, maior estado produtor do cereal que na safra 2014/15 representou quase 70% da produção brasileira, há indicativo de redução da área plantada e nas produtividades, que por consequência, afetam a produção total.

A área plantada deverá ficar entre 1,08 e 1,1 milhão de hectares, ante os 1,12 milhão de hectares da safra passada. Com uma produtividade média esperada de 7.500 kg/ha, a produção total deverá ficar entre 8,07 e 8,21 milhões de toneladas, 6,4% ou 4,8% menor que a safra 2014/15. A previsão de chuvas em excesso no momento de implantação da safra pode alterar os números de área, porém é sabido que em anos onde não há falta de água as produtividades daquele estado são excelentes, haja vista a profissionalização do orizicultor e a tecnificação das lavouras.

A semeadura já iniciou em todas as regiões produtoras. A grande preocupação dos produtores está relacionada com os prognósticos climáticos que prevêem grandes volumes de chuva para os próximos meses, o que tem feito com que os produtores não implantem as lavouras nas cotas mais baixas e nas margens dos rios. A região que avançou mais na área semeada foi a Fronteira Oeste, alcançando 30% da área prevista.

As avaliações iniciais em Santa Catarina indicam que o clima para o plantio da nova safra tem sido favorável. Com o inverno menos frio os produtores anteci-

param a semeadura do arroz. Na semana anterior ao levantamento ocorreram chuvas acima da média no estado, com isso os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para irrigação, estão com volume adequado para o início da safra. A oferta de crédito e de insumos para o plantio está dentro da normalidade e indica uma lavoura com alto nível de aporte tecnológico. Há regiões onde 45% da área prevista para plantio já foi semeada. Nas regiões do Vale do Rio Itajaí e Litoral Norte a semeadura começou no final de junho, enquanto que na região Sul o plantio foi a partir de setembro. Os produtores estão otimistas quanto à nova safra, especialmente divido aos preços praticados no mercado do arroz, que estão acima dos preços mínimos.

A área plantada em Santa Catarina na nova safra ficará estável, entre 147,6 e 150 mil hectares, ou seja, variando entre uma redução de 0,2% e aumento de 1,4%. Com produtividade média de 7.400 kg/ha, 3,5% maior do que a safra anterior, a produção total ficará entre 3,3% a 5% maior do que a safra 2014/15, variando entre 1,09 e 1,11 mil toneladas.

No Paraná o cultivo do arroz ocorre em dois tipos de manejo: irrigado e sequeiro. A área plantada de sequeiro foi de 8.838 hectares e a irrigada de 19.215 hectares, registrando recuo em relação à safra passada de 19% na de sequeiro e aumento de 3% na irrigada. No geral, houve redução de 8,4% na área plantada de arroz no Paraná que, compensado pelo aumento de 11,7% na produtividade, a produção total chegou a 162,7 mil toneladas.

No Paraná há uma tendência de aumento da área de arroz irrigado e diminuição da área de arroz de sequeiro, pois na safra 2014/15 foram 7.781 hectares de arroz de sequeiro e 19.394 hectares de arroz irrigado. Na safra 2015/16 serão 7.087 hectares de arroz de sequeiro e 19.638 hectares de arroz irrigado. Isso representa recuo de 9% na área de sequeiro e aumento de 1% na área de arroz irrigado. Esse fenômeno está afetando os índices de produtividade que aumentam ano após ano. Na safra que se inicia a previsão é que a produtividade média seja de 5.833 kg/ha. O plantio já foi iniciado em ambos os tipos de manejo, atingindo 5% nas lavouras de sequeiro e 39% nas lavouras irrigadas.

Na Região Norte os dados indicam que a safra de arroz ficará com área estável ou com uma leve queda, variando entre 251,9 a 263,7 mil hectares. Com uma produtividade estimada em 3.836 kg/ha, a produção total da região ficará entre 961,7 a 1.016,1 mil toneladas. Dos estados da região, Rondônia apresenta números que indicam o aumento da área plantada entre 1% e 5%. No Tocantins, ao contrário de Rondônia, há indicativo de redução de área.

No Amazonas o arroz é cultivado em dois modelos: plantio na várzea ou em terra firme. A produtividade estimada é de 2.210 kg/ha, 1% superior à safra anterior. No município de Apuí a produtividade é maior do que a média estadual, pois o nível tecnológico adotado, as características de solo e clima são mais favoráveis que as demais regiões do estado. Segundo informações do Instituto de Desenvolvimento da Amazônia (IDAM), até a presente data só foram distribuídas 5.800 quilos de sementes de arroz, e apenas dois municípios (Fonte Boa e Parintins) receberam 78% deste quantitativo. Essas sementes são remanescentes da aquisição da safra anterior que, embora estivessem acondicionadas em câmeras frias apropriadas para estocagem de sementes, podem ter seu poder germinativo prejudicado e afetar a produtividade das lavouras.

A redução de área também é identificada no Nordeste, onde a produção é historicamente pouco significativa. A baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo de implantação da lavoura, a necessidade de condições hídricas favoráveis para atingir-se bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem as áreas com o cereal.

No Maranhão, maior produtor da Região Nordeste, a área plantada reduzirá entre 1% e 4%, entre 335,8 e 346,3 mil hectares. Porém as expectativas indicam aumento de produtividade, chegando a 1.453 kg/ha.

Em Alagoas as informações obtidas indicam que nas áreas irrigadas dos municípios de Igreja Nova e Porto Real do Colégio contribuem em cerca de 80% da produção do estado. Devido à falta de projetos de ampliação dos perímetros irrigados, a área de cultivo permanece a mesma em relação às safras anteriores. A boa notícia é a utilização de sementes selecionadas que vêm mantendo uma boa produtividade, com expectativa de se aumentar em 4,7%, chegando a 5.987 kg/ha. Na Região Centro-Oeste haverá redução na área e na produtividade. Historicamente, no Mato Grosso a lavoura de arroz é utilizada para abertura de áreas novas, o que vem reduzindo ano a ano. A produtividade deverá se manter nos patamares da safra passada, com uma leve queda de 0,9%, ficando em 3.549 kg/ha, com uma leve queda de 1,5% no Mato Grosso e um leve aumento de 0,6% no Mato Grosso do Sul. No geral, a produção total da região ficará entre 794,8 e 815,9 mil toneladas.

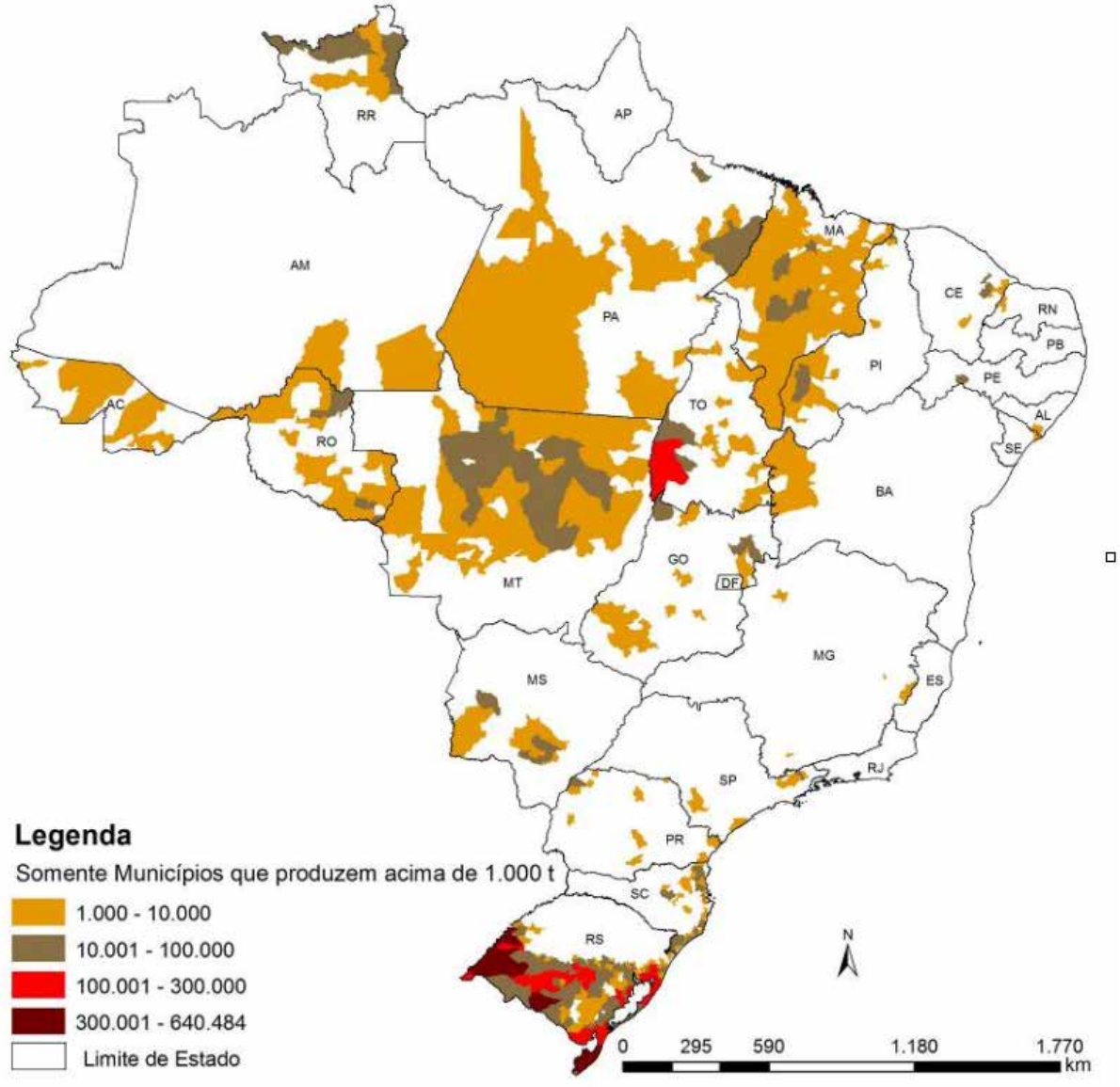
No Mato Grosso do Sul a cultura está em fase de implantação na maioria dos municípios produtores e, em alguns casos, a semeadura está finalizada. No município de Miranda houve necessidade de replantio em algumas áreas em função da baixa germinação das sementes utilizadas, fato que pode ser resultante

da utilização de sementes caseiras, utilizadas em boa parte da área cultivada e estimada em torno de 40% do total plantado.

Espera-se que a produção de arroz na Região Sudeste fique em 6,5% maior, quando comparada com a safra passada, chegando a 81,6 mil toneladas. Da mesma forma espera-se aumento na produtividade das lavouras de: Minas Gerais 14,3%, Espírito Santo 25,4%, Rio de Janeiro 45,3% e São Paulo 1,5%.

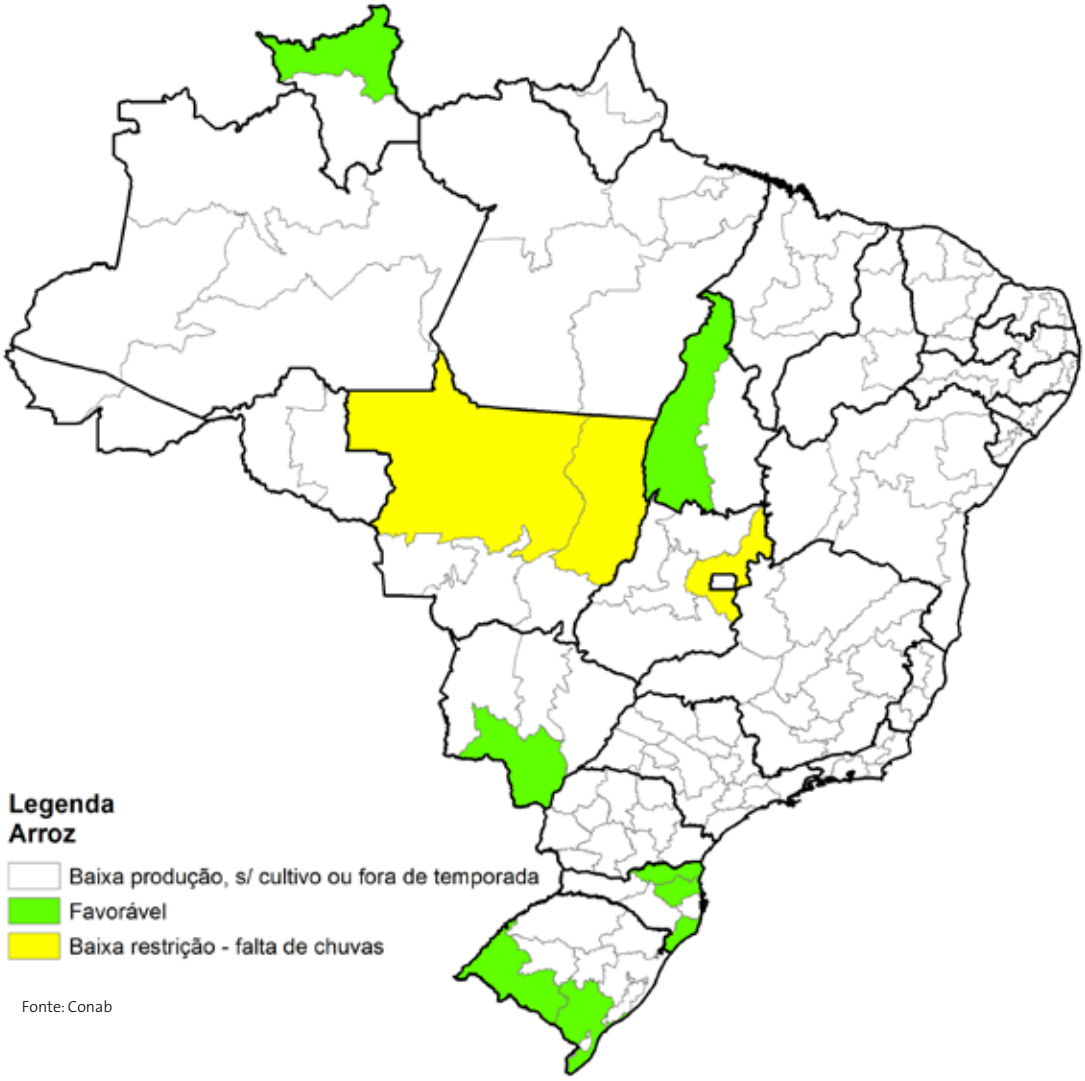
Na primeira estimativa do arroz em Minas Gerais foi mantida a área de 12 mil hectares cultivados na safra 2014/15. Essa estimativa poderá sofrer ajuste nos próximos levantamentos, pois o plantio ocorre, normalmente, entre outubro e dezembro. Considerando a recuperação da produtividade, prejudicada pela estiagem da última safra, o volume de produção poderá chegar a 25 mil toneladas.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – arroz



Fonte: Conab/IBGE

Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.



Fonte: Conab

Tabela 28 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	• - norte de RR - irrigado (PP)- oeste do TO - irrigado (PP)- leste de SC - irrigado (P), exceto regiões pontuais.- sudoeste e sudeste do RS (PP), exceto regiões pontuais do sudeste.- sudoeste do MS (PP)	- regiões pontuais do leste de SC (P)**- regiões pontuais do sudeste do RS (P)**		- norte do MT (PP)- leste de GO (PP)	- leste de RO (PP)- sudeste do PA (PP)- todo estado de MG (PP)- todo estado de GO (PP)- norte de SP (P)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção – arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 30 - Comparativo de área, produtividade e produção - arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	261,6	251,9	263,7	(3,7)	0,8	3.797	3.880	2,2	993,4	973,3	1.027,3	(2,0)	3,4
RR	12,0	12,0	12,0	-	-	6.500	6.696	3,0	78,0	80,4	80,4	3,1	3,1
RO	44,3	44,7	46,5	1,0	5,0	2.859	2.939	2,8	126,7	131,4	136,7	3,7	7,9
AC	6,7	6,7	6,7	-	-	1.143	1.232	7,8	7,7	8,3	8,3	7,8	7,8
AM	3,3	3,3	3,3	-	-	2.189	2.210	1,0	7,2	7,3	7,3	1,4	1,4
AP	1,9	1,9	1,9	-	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	1,9	18,8	18,8
PA	65,9	65,9	65,9	-	-	2.537	2.617	3,2	167,2	172,5	172,5	3,2	3,2
TO	127,5	117,4	127,4	(7,9)	(0,1)	4.745	4.868	2,6	605,0	571,5	620,2	(5,5)	2,5
NORDESTE	476,6	462,6	473,1	(2,9)	(0,7)	1.458	1.601	9,8	694,7	741,0	757,0	6,7	9,0
MA	349,8	335,8	346,3	(4,0)	(1,0)	1.418	1.518	7,1	496,0	509,7	525,7	2,8	6,0
PI	95,1	95,1	95,1	-	-	1.184	1.476	24,7	112,6	140,4	140,4	24,7	24,7
CE	12,5	12,5	12,5	-	-	1.436	1.782	24,1	18,0	22,3	22,3	23,9	23,9
RN	0,9	0,9	0,9	-	-	2.590	2.694	4,0	2,3	2,4	2,4	4,3	4,3
PB	0,9	0,9	0,9	-	-	53	793	1.396,2	-	0,7	0,7	-	-
PE	0,2	0,2	0,2	-	-	4.510	5.292	17,3	0,9	1,1	1,1	22,2	22,2
AL	2,7	2,7	2,7	-	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	15,7	1,9	1,9
SE	6,0	6,0	6,0	-	-	7.102	6.634	(6,6)	42,6	39,8	39,8	(6,6)	(6,6)
BA	8,5	8,5	8,5	-	-	812	1.048	29,1	6,9	8,9	8,9	29,0	29,0
CENTRO-OESTE	234,2	223,9	230,0	(4,4)	(1,8)	3.582	3.644	1,7	838,9	816,2	837,9	(2,7)	(0,1)
MT	188,1	178,7	184,3	(5,0)	(2,0)	3.257	3.309	1,6	612,6	591,3	609,8	(3,5)	(0,5)
MS	18,1	17,2	17,7	(5,0)	(2,0)	6.160	6.322	2,6	111,5	108,7	111,9	(2,5)	0,4
GO	28,0	28,0	28,0	-	-	4.100	4.149	1,2	114,8	116,2	116,2	1,2	1,2
SUDESTE	27,4	27,4	27,4	-	-	2.796	2.862	2,4	76,6	78,4	78,4	2,3	2,3
MG	12,0	12,0	12,0	-	-	2.100	2.080	(1,0)	25,2	25,0	25,0	(0,8)	(0,8)
ES	0,3	0,3	0,3	-	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
RJ	0,5	0,5	0,5	-	-	2.403	3.212	33,7	1,2	1,6	1,6	33,3	33,3
SP	14,6	14,6	14,6	-	-	3.393	3.495	3,0	49,5	51,0	51,0	3,0	3,0
SUL	1.295,2	1.254,9	1.276,8	(3,1)	(1,4)	7.601	7.453	(1,9)	9.845,0	9.353,0	9.516,2	(5,0)	(3,3)
PR	27,2	26,4	26,9	(3,0)	(1,0)	5.981	5.833	(2,5)	162,7	154,0	156,9	(5,3)	(3,6)
SC	147,9	147,6	150,0	(0,2)	1,4	7.150	7.400	3,5	1.057,5	1.092,2	1.110,0	3,3	5,0
RS	1.120,1	1.080,9	1.099,9	(3,5)	(1,8)	7.700	7.500	(2,6)	8.624,8	8.106,8	8.249,3	(6,0)	(4,4)
NORTE/ NORDESTE	738,2	714,5	736,8	(3,2)	(0,2)	2.287	2.411	5,4	1.688,1	1.714,3	1.784,3	1,6	5,7
CENTRO-SUL	1.556,8	1.506,2	1.534,2	(3,3)	(1,5)	6.912	6.802	(1,6)	10.760,5	10.247,6	10.432,5	(4,8)	(3,0)
BRASIL	2.295,0	2.220,7	2.271,0	(3,2)	(1,0)	5.424	5.383	(0,8)	12.448,6	11.961,9	12.216,8	(3,9)	(1,9)

Fonte: Conab

Nota: estimativa outubro/2015

12.1.3.2. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em Agosto de 2015, foram importadas 35,1 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,1 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 06 de Outubro, não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de Setembro e por esse motivo, o mês de Agosto é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em Agosto de 2014, essas aquisições foram de 60,1 mil toneladas, sendo 1,3 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa expansão, passando de 79,6 mil toneladas em Agosto/2014 para 117,3 mil toneladas em Agosto/2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/2015, obteve-se um superávit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise do período comercial 2015/16, Março a Agosto de 2014, observou-se um superávit no montante de 336,8 mil toneladas. Com estes resultados somada a desvalorização do Real e a boa oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2014/15 – a balança comercial do arroz encerre com um superávit de 600 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.250 mil toneladas e as importações em 650 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.448,6 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/2013, o volume consolidado em 28 de Fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do Governo Federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 12,0 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 12,0 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superávit em relação ao período anterior, resultará em uma redução do estoque de passagem para 716,8 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 2,9% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 12.089,4 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

12.1.4. Feijão

12.1.4.1. Feijão primeira safra

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão primeira safra foi de 1,05 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 10,7% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná ocorreu um decréscimo na área de 19,1% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 192,7 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. Apesar de um início preocupante, o produto recuperou-se após a normalização do clima, propiciando uma produtividade considerada boa. A safra totalizou 328,9 mil toneladas.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, ao contrário do ocorrido em safras passadas, os levantamentos projetaram neste ano uma retração de 11% na área de plantio do feijão primeira safra, em razão do desestímulo dos preços de mercado na ocasião do plantio, da melhor competitividade das culturas de milho, soja e dos elevados riscos de perdas. A área de plantio foi estimada em 159,1 mil hectares. Nesta safra houve redução de 11,7% na produtividade em razão da forte estiagem e temperaturas elevadas que ocorreram durante janeiro, que prejudicaram as lavouras em maior ou menor intensidade, dependendo dos estádios de desenvolvimento das lavouras ao longo desse período. A redução de produção também está relacionada ao atraso no plantio, da ordem de 30 a 40 dias, em decorrência do atraso do início do período chuvoso. O prolongado período seco prejudicou, principalmente, as lavouras que foram plantadas em dezembro. A produção somou 164,4 mil toneladas, redução de 21,4% em relação à safra anterior.

No Piauí, apesar dos veranicos ocorrido nos meses de plantio que provocaram uma apreensão por parte dos produtores, a área teve acréscimo de 1,1% em relação à safra passada, em virtude do replantio realizado a partir do retorno das chuvas. A produtividade teve incremento de 47,1% e a produção alcançou 75,2 mil toneladas.

Na Bahia 72% das áreas de feijão primeira safra é da variedade macaçar e 28% de feijão cores. Nesta safra a área

apresenta uma queda de 12,6%, mas em função das condições climáticas favoráveis que promoveram um aumento de 47,7% na produtividade, houve aumento de 29,1% na produção.

Em Santa Catarina problemas climáticos ocorridos na safra passada, os quais interferiram negativamente na qualidade do grão colhido, principalmente nas variedades do feijão-carioca, resultaram na redução da área plantada nesta safra (15%). Ainda, fatores climáticos adversos durante o plantio, incertezas em relação aos preços e melhor rentabilidade da soja, contribuíram para que o produtor reduzisse o plantio da cultura em todas as regiões.

As condições climáticas, apesar de favorecer grande parte das lavouras através de chuvas regulares, influenciou negativamente alguns locais, pois as altas temperaturas, associadas com chuvas fortes em curtos períodos, resultaram em perda de produtividade em alguns municípios onde a fase da cultura estava mais suscetível ao encharcamento do solo e ataque de doenças.

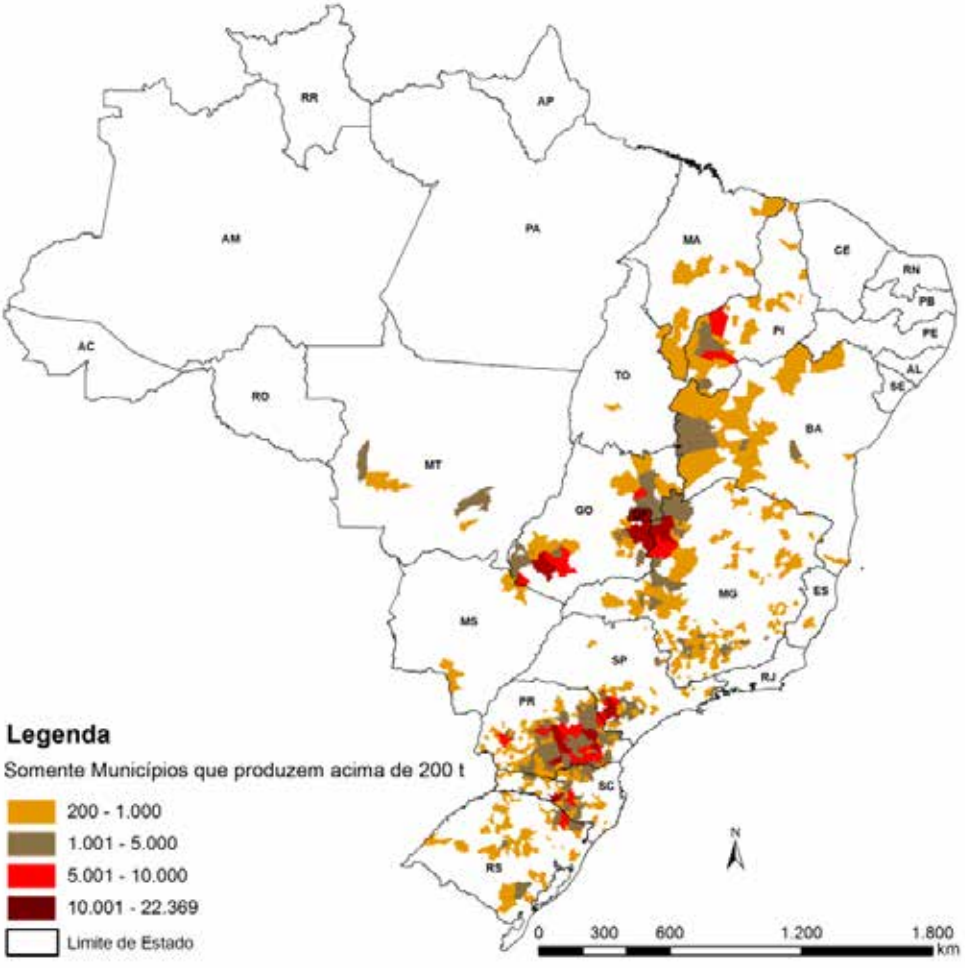
As chuvas ocorridas durante a colheita afetaram a qualidade do produto, pois o excesso de umidade provoca ataque de fungos e germinação dos grãos, cujas vagens entram em contato com o solo. No caso do feijão-carioca, além dos problemas anteriores, a descoloração do tegumento, importante fator responsável pela formação do preço, também contribui para redução da qualidade.

Apesar disso, o rendimento médio da cultura alcançou 1.950 kg/ha, aumento de 8,3% em relação à safra 2013/14. O saldo da produção 7,9% menor em relação ao alcançado na safra passada foi resultado da redução da área plantada na safra atual.

Em São Paulo a área reduziu 12,2%, por causa da concorrência de outras commodities, em função dos preços obtidos na última safra.

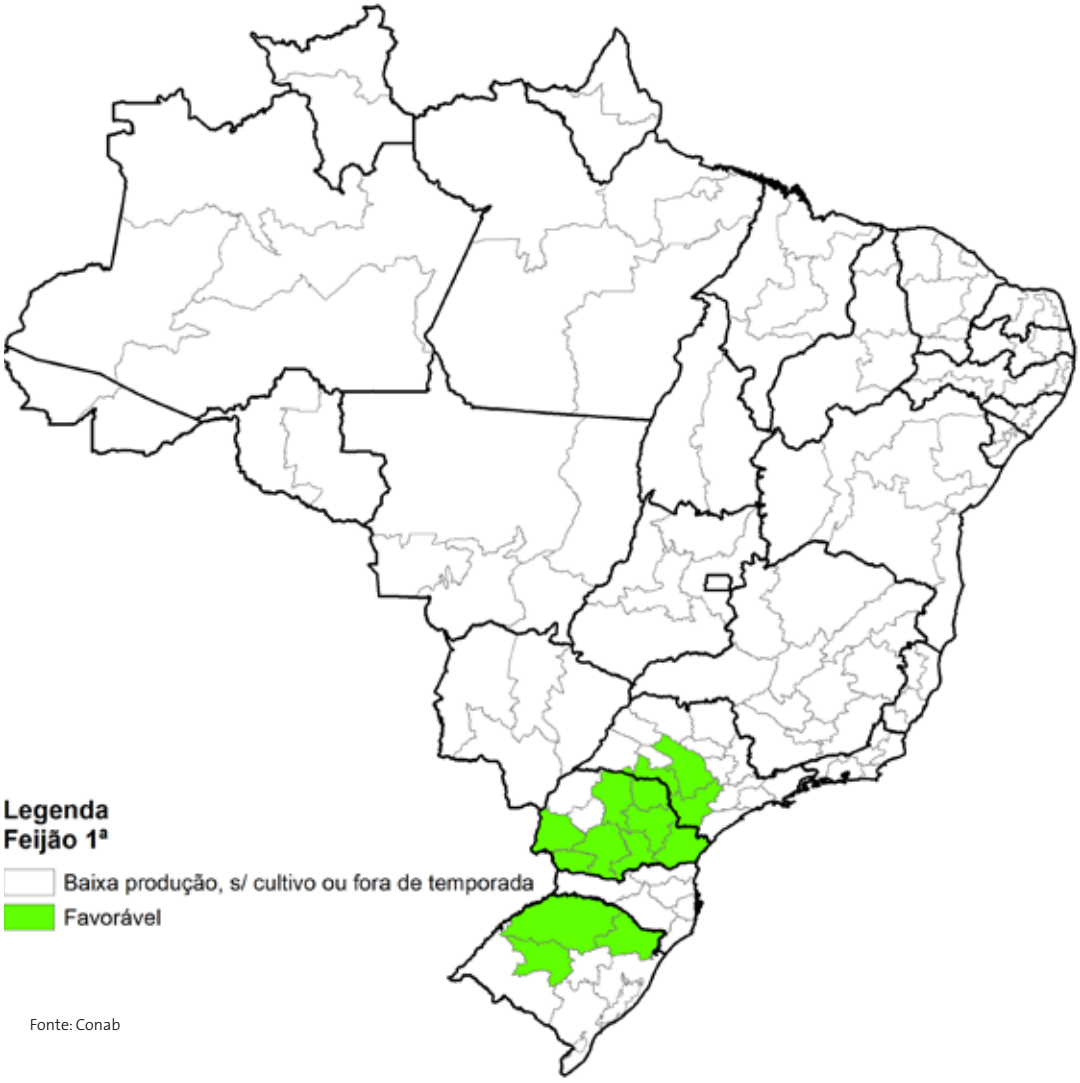
A produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,13 milhão de toneladas, representando um decréscimo de 10,1% em relação à safra passada.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.



Fonte: Conab

Tabela 31 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	• - sul de SP (P)- norte, leste e oeste do PR (G/DV)- sul do PR (P), exceto regiões pontuais- norte do RS, exceto regiões pontuais (P)		- regiões pontuais do sul do PR (P)**- regiões pontuais do norte do RS (P)**		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 32 – Calendário de plantio e colheita – feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,0	4,8	(16,7)	-	707	705	(0,3)	3,4	2,8	3,4	(17,6)	-
TO	4,8	4,0	4,8	(15,9)	1,0	707	705	(0,3)	3,4	2,8	3,4	(17,6)	-
NORDESTE	484,5	486,4	492,7	0,4	1,7	460	420	(8,7)	223,1	204,2	207,3	(8,5)	(7,1)
MA	38,6	38,2	39,8	(1,0)	3,0	464	392	(15,5)	17,9	15,0	15,6	(16,2)	(12,8)
PI	211,3	211,3	211,3	-	-	356	305	(14,3)	75,2	64,4	64,4	(14,4)	(14,4)
BA	234,6	236,9	241,6	1,0	3,0	554	527	(4,9)	130,0	124,8	127,3	(4,0)	(2,1)
CENTRO-OESTE	74,9	74,7	74,8	(0,3)	(0,1)	1.997	2.195	9,9	149,6	163,9	164,1	9,6	9,7
MT	10,8	10,8	10,8	-	-	1.570	1.630	3,8	17,0	17,6	17,6	3,5	3,5
MS	0,7	0,5	0,6	(28,0)	(20,0)	2.000	1.887	(5,7)	1,4	0,9	1,1	(35,7)	(21,4)
GO	51,3	51,3	51,3	-	-	2.098	2.353	12,2	107,6	120,7	120,7	12,2	12,2
DF	12,1	12,1	12,1	-	-	1.949	2.041	4,7	23,6	24,7	24,7	4,7	4,7
SUDESTE	208,3	205,4	207,9	(1,4)	(0,2)	1.286	1.356	5,5	267,9	278,4	282,2	3,9	5,3
MG	159,1	157,5	159,1	(1,0)	-	1.033	1.154	11,7	164,4	181,8	183,6	10,6	11,7
ES	6,0	6,0	6,0	-	-	687	764	11,2	4,1	4,6	4,6	12,2	12,2
RJ	0,9	0,9	0,9	-	-	843	848	0,6	0,8	0,8	0,8	-	-
SP	42,3	41,0	41,9	(3,0)	(1,0)	2.331	2.225	(4,5)	98,6	91,2	93,2	(7,5)	(5,5)
SUL	280,9	269,8	281,8	(4,0)	0,3	1.737	1.845	6,3	487,8	497,7	520,0	2,0	6,6
PR	192,7	179,2	186,9	(7,0)	(3,0)	1.707	1.854	8,6	328,9	332,2	346,5	1,0	5,4
SC	52,7	48,0	50,5	(8,9)	(4,2)	1.950	2.180	11,8	102,8	104,6	110,1	1,8	7,1
RS	35,5	42,6	44,4	20,0	25,0	1.580	1.429	(9,6)	56,1	60,9	63,4	8,6	13,0
NORTE/ NORDESTE	489,3	490,4	497,5	0,2	1,7	463	423	(8,6)	226,5	207,0	210,7	(8,6)	(7,0)
CENTRO-SUL	564,1	549,9	564,5	(2,5)	0,1	1.605	1.711	6,6	905,3	940,0	966,3	3,8	6,7
BRASIL	1.053,4	1.040,3	1.062,0	(1,2)	0,8	1.074	1.106	2,9	1.131,8	1.147,0	1.177,0	1,3	4,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

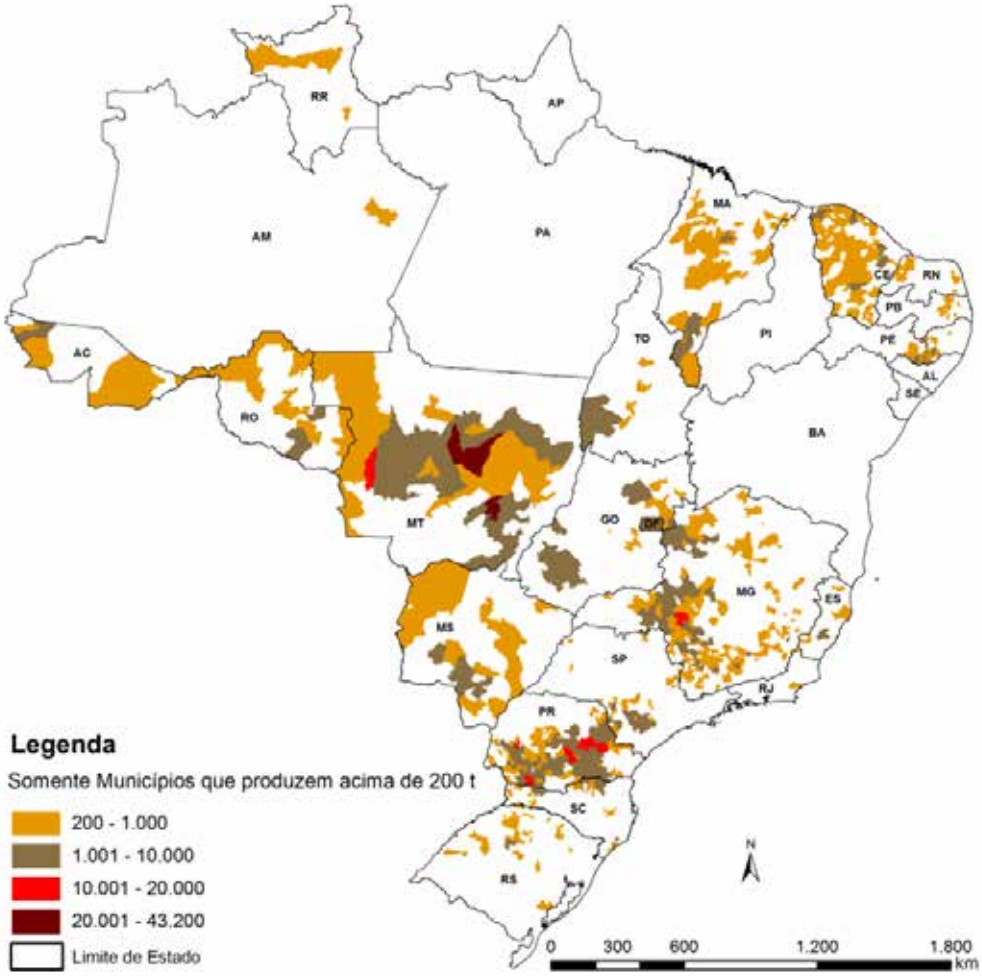
12.1.4.2. Feijão segunda safra

Tabela 34 – Calendário de plantio e colheita – feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P		C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	52,2	52,2	52,2	-	-	821	801	(2,4)	42,9	41,9	41,9	(2,3)	(2,3)
RR	2,7	2,7	2,7	-	-	711	745	4,8	1,9	2,0	2,0	5,3	5,3
RO	22,0	22,0	22,0	-	-	759	748	(1,4)	16,7	16,5	16,5	(1,2)	(1,2)
AC	7,5	7,5	7,5	-	-	622	552	(11,3)	4,7	4,1	4,1	(12,8)	(12,8)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.170	1.126	(3,8)	6,2	6,0	6,0	(3,2)	(3,2)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	920	915	(0,5)	1,2	1,2	1,2	-	-
TO	13,4	13,4	13,4	-	-	910	901	(1,0)	12,2	12,1	12,1	(0,8)	(0,8)
NORDESTE	657,3	657,3	657,3	-	-	216	308	42,7	142,0	202,7	202,7	42,7	42,7
MA	55,0	55,0	55,0	-	-	566	577	1,9	31,1	31,7	31,7	1,9	1,9
PI	3,1	3,1	3,1	-	-	632	653	3,3	2,0	2,0	2,0	-	-
CE	393,8	393,8	393,8	-	-	192	279	45,3	75,6	109,9	109,9	45,4	45,4
RN	31,6	31,6	31,6	-	-	171	347	102,9	5,4	11,0	11,0	103,7	103,7
PB	58,6	58,6	58,6	-	-	166	288	73,5	9,7	16,9	16,9	74,2	74,2
PE	115,2	115,2	115,2	-	-	158	271	71,5	18,2	31,2	31,2	71,4	71,4
CENTRO-OESTE	229,3	229,3	229,3	-	-	1.663	1.623	(2,4)	381,3	372,0	372,0	(2,4)	(2,4)
MT	199,2	199,2	199,2	-	-	1.647	1.589	(3,5)	328,1	316,5	316,5	(3,5)	(3,5)
MS	16,0	16,0	16,0	-	-	1.600	1.690	5,6	25,6	27,0	27,0	5,5	5,5
GO	13,2	13,2	13,2	-	-	1.957	2.004	2,4	25,8	26,5	26,5	2,7	2,7
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	2.000	2.269	13,5	1,8	2,0	2,0	11,1	11,1
SUDESTE	130,9	130,9	130,9	-	-	1.560	1.533	(1,8)	204,2	200,7	200,7	(1,7)	(1,7)
MG	105,9	105,9	105,9	-	-	1.487	1.496	0,6	157,5	158,4	158,4	0,6	0,6
ES	8,4	8,4	8,4	-	-	1.120	1.120	-	9,4	9,4	9,4	-	-
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	948	968	2,1	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1
SP	15,6	15,6	15,6	-	-	2.334	2.042	(12,5)	36,4	31,9	31,9	(12,4)	(12,4)
SUL	248,6	248,6	248,6	-	-	1.841	1.826	(0,8)	457,6	454,1	454,1	(0,8)	(0,8)
PR	208,1	208,1	208,1		-	1.858	1.841	(0,9)	386,6	383,1	383,1	(0,9)	(0,9)
SC	20,2	20,2	20,2	-	-	1.800	1.800	-	36,4	36,4	36,4	-	-
RS	20,3	20,3	20,3	-	-	1.703	1.703	-	34,6	34,6	34,6	-	-
NORTE/ NORDESTE	709,5	709,5	709,5	-	-	261	345	32,2	184,9	244,6	244,6	32,3	32,3
CENTRO-SUL	608,8	608,8	608,8	-	-	1.713	1.687	(1,6)	1.043,1	1.026,8	1.026,8	(1,6)	(1,6)
BRASIL	1.318,3	1.318,3	1.318,3	-	-	932	964	3,5	1.228,0	1.271,4	1.271,4	3,5	3,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

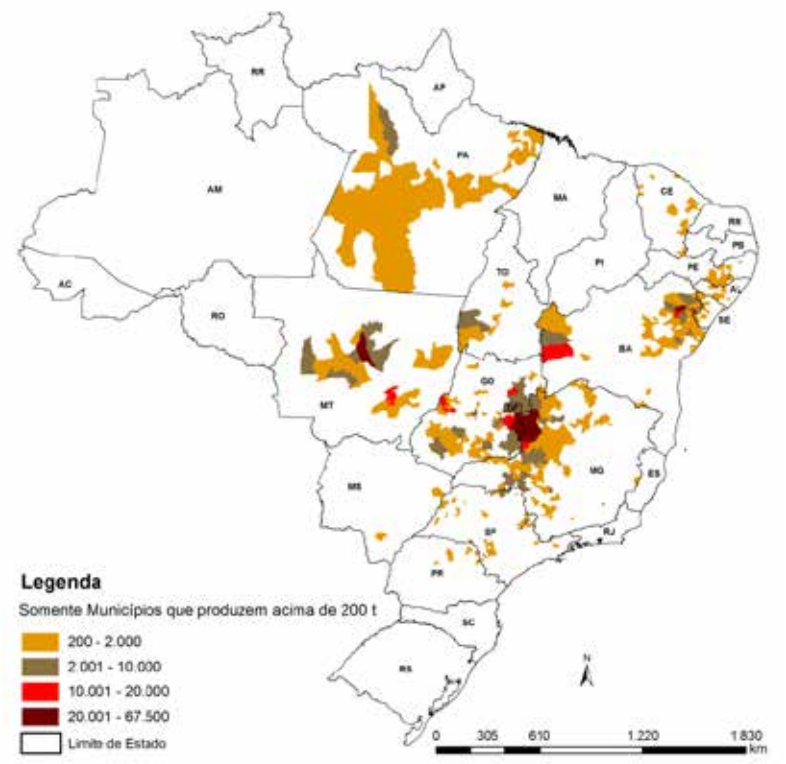
12.1.4.3. Feijão terceira safra

Tabela 36 – Calendário de plantio e colheita – feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 24– Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 3ª safra		- regiões pontuais do norte, centro, oeste e sul de SP (C)**	- oeste do TO (C)- todo estado de AL (C)- todo estado de SE (C)- nordeste da BA (C)- Agreste de PE (C)- norte, centro, oeste e sul de SP, exceto regiões pontuais (C)- todo estado de GO (C)- DF (C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão terceira safra

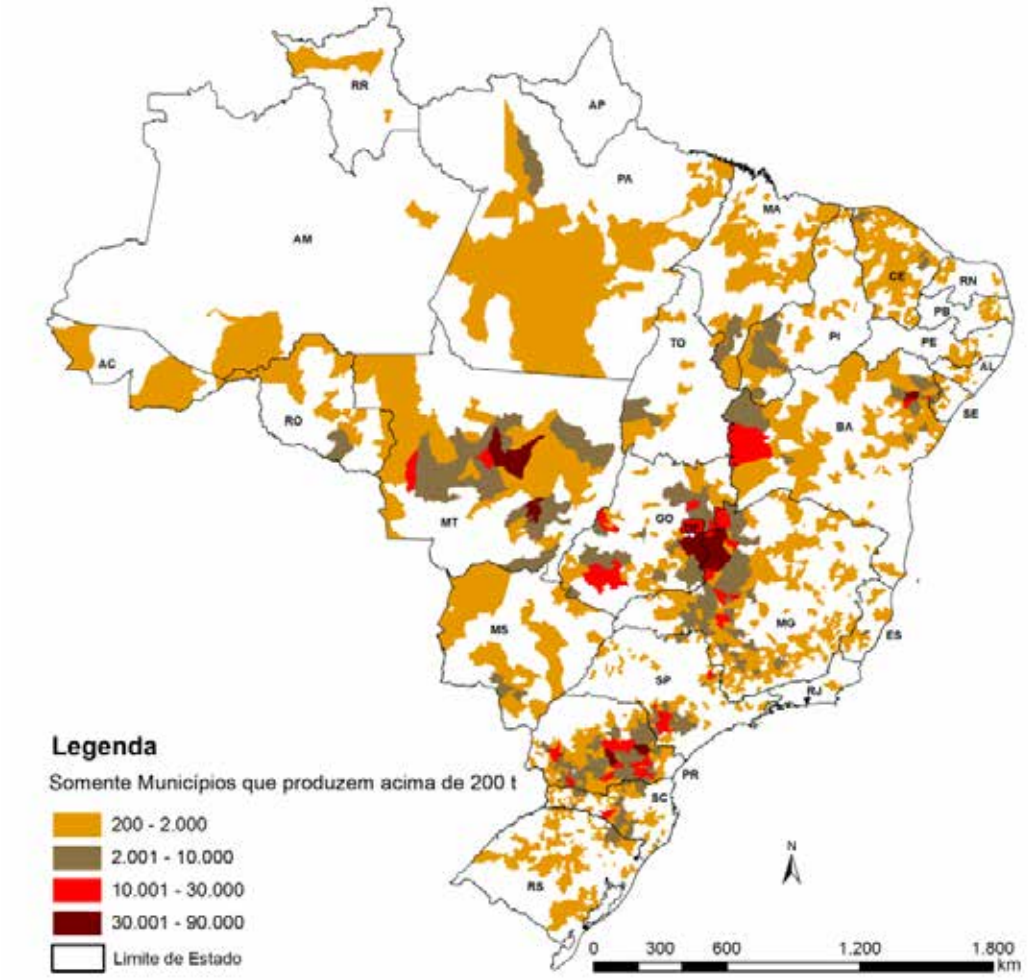
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	40,5	40,5	40,5	-	-	791	826	4,4	32,0	33,5	33,5	4,7	4,7
PA	37,4	37,4	37,4	-	-	728	764	4,9	27,2	28,6	28,6	5,1	5,1
TO	3,1	3,1	3,1	-	-	1.546	1.568	1,4	4,8	4,9	4,9	2,1	2,1
NORDESTE	428,7	428,7	428,7	-	-	692	667	(3,6)	296,6	285,9	285,9	(3,6)	(3,6)
CE	6,3	6,3	6,3	-	-	1.109	1.164	5,0	7,0	7,3	7,3	4,3	4,3
PE	128,6	128,6	128,6	-	-	543	536	(1,3)	69,8	68,9	68,9	(1,3)	(1,3)
AL	33,4	33,4	33,4	-	-	520	546	5,0	17,4	18,2	18,2	4,6	4,6
SE	15,7	15,7	15,7	-	-	701	736	5,0	11,0	11,6	11,6	5,5	5,5
BA	244,7	244,7	244,7	-	-	782	735	(6,0)	191,4	179,9	179,9	(6,0)	(6,0)
CENTRO-OESTE	97,2	97,2	97,2	-	-	2.649	2.563	(3,3)	257,6	249,1	249,1	(3,3)	(3,3)
MT	58,8	58,8	58,8	-	-	2.449	2.352	(4,0)	144,0	138,3	138,3	(4,0)	(4,0)
MS	0,4	0,4	0,4	-	-	1.380	1.380	-	0,6	0,6	0,6	-	-
GO	36,8	36,8	36,8	-	-	2.965	2.886	(2,7)	109,1	106,2	106,2	(2,7)	(2,7)
DF	1,2	1,2	1,2	-	-	3.209	3.362	4,8	3,9	4,0	4,0	2,6	2,6
SUDESTE	91,2	91,2	91,2	-	-	2.572	2.592	0,8	234,6	236,4	236,4	0,8	0,8
MG	75,1	75,1	75,1	-	-	2.600	2.640	1,5	195,3	198,3	198,3	1,5	1,5
SP	16,1	16,1	16,1	-	-	2.441	2.369	(2,9)	39,3	38,1	38,1	(3,1)	(3,1)
SUL	5,1	5,1	5,1	-	-	947	950	0,3	4,8	4,8	4,8	-	-
PR	5,1	5,1	5,1	-	-	947	950	0,3	4,8	4,8	4,8	-	-
NORTE/ NORDESTE	469,2	469,2	469,2	-	-	700	681	(2,8)	328,6	319,4	319,4	(2,8)	(2,8)
CENTRO-SUL	193,5	193,5	193,5	-	-	2.568	2.534	(1,3)	497,0	490,3	490,3	(1,3)	(1,3)
BRASIL	662,7	662,7	662,7	-	-	1.246	1.222	(1,9)	825,6	809,7	809,7	(1,9)	(1,9)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

12.1.4.4. Feijão total

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	97,5	96,7	97,5	(0,8)	-	803	807	0,5	78,3	78,2	78,7	(0,1)	0,5
RR	2,7	2,7	2,7	-	-	704	741	5,3	1,9	2,0	2,0	5,3	5,3
RO	22,0	22,0	22,0	-	-	759	750	(1,2)	16,7	16,5	16,5	(1,2)	(1,2)
AC	7,5	7,5	7,5	-	-	627	547	(12,8)	4,7	4,1	4,1	(12,8)	(12,8)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.170	1.132	(3,2)	6,2	6,0	6,0	(3,2)	(3,2)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	923	923	-	1,2	1,2	1,2	-	-
PA	37,4	37,4	37,4	-	-	727	765	5,1	27,2	28,6	28,6	5,1	5,1
TO	21,3	20,5	21,3	(3,8)	-	958	959	0,2	20,4	19,8	20,3	(2,9)	(0,5)
NORDESTE	1.570,5	1.572,4	1.578,7	0,1	0,5	421	441	4,6	661,6	692,9	696,0	4,7	5,2
MA	93,6	93,2	94,8	(0,4)	1,3	524	500	(4,5)	49,0	46,7	47,3	(4,7)	(3,5)
PI	214,4	214,4	214,4	-	-	360	310	(13,9)	77,2	66,5	66,5	(13,9)	(13,9)
CE	400,1	400,1	400,1	-	-	206	293	41,9	82,6	117,2	117,2	41,9	41,9
RN	31,6	31,6	31,6	-	-	171	348	103,7	5,4	11,0	11,0	103,7	103,7
PB	58,6	58,6	58,6	-	-	166	288	74,2	9,7	16,9	16,9	74,2	74,2
PE	243,8	243,8	243,8	-	-	361	411	13,8	88,0	100,1	100,1	13,8	13,8
AL	33,4	33,4	33,4	-	-	521	545	4,6	17,4	18,2	18,2	4,6	4,6
SE	15,7	15,7	15,7	-	-	701	739	5,5	11,0	11,6	11,6	5,5	5,5
BA	479,3	481,6	486,3	0,5	1,5	670	632	(5,7)	321,3	304,7	307,2	(5,2)	(4,4)
CENTRO-OESTE	401,4	401,2	401,3	-	-	1.964	1.957	(0,4)	788,4	785,1	785,3	(0,4)	(0,4)
MT	268,8	268,8	268,8	-	-	1.819	1.757	(3,4)	489,0	472,4	472,4	(3,4)	(3,4)
MS	17,1	16,9	17,0	(1,2)	(0,6)	1.614	1.687	4,5	27,6	28,5	28,7	3,3	4,0
GO	101,3	101,3	101,3	-	-	2.395	2.501	4,5	242,6	253,4	253,4	4,5	4,5
DF	14,2	14,2	14,2	-	-	2.056	2.169	5,5	29,2	30,8	30,8	5,5	5,5
SUDESTE	430,4	427,5	430,0	(0,7)	(0,1)	1.642	1.673	1,9	706,6	715,3	719,2	1,2	1,8
MG	340,1	338,5	340,1	(0,5)	-	1.520	1.590	4,5	517,1	538,4	540,3	4,1	4,5
ES	14,4	14,4	14,4	-	-	938	972	3,7	13,5	14,0	14,0	3,7	3,7
RJ	1,9	1,9	1,9	-	-	895	895	-	1,7	1,7	1,7	-	-
SP	74,0	72,7	73,6	(1,8)	(0,5)	2.355	2.217	(5,9)	174,3	161,2	163,2	(7,5)	(6,4)
SUL	534,6	523,5	535,5	(2,1)	0,2	1.777	1.828	2,8	950,2	956,6	979,0	0,7	3,0
PR	405,9	392,4	400,1	(3,3)	(1,4)	1.775	1.836	3,4	720,4	720,2	734,5	-	2,0
SC	72,9	68,2	70,7	(6,4)	(3,0)	1.908	2.070	8,5	139,1	141,0	146,5	1,4	5,3
RS	55,8	62,9	64,7	12,7	15,9	1.625	1.516	(6,8)	90,7	95,4	98,0	5,2	8,0
NORTE/ NORDESTE	1.668,0	1.669,1	1.676,2	0,1	0,5	444	462	4,1	739,9	771,1	774,7	4,2	4,7
CENTRO-SUL	1.366,4	1.352,2	1.366,8	(1,0)	-	1.790	1.817	1,5	2.445,2	2.457,0	2.483,5	0,5	1,6
BRASIL	3.034,4	3.021,3	3.043,0	(0,4)	0,3	1.050	1.070	1,9	3.185,1	3.228,1	3.258,2	1,4	2,3

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

12.1.4.5. Oferta e demanda

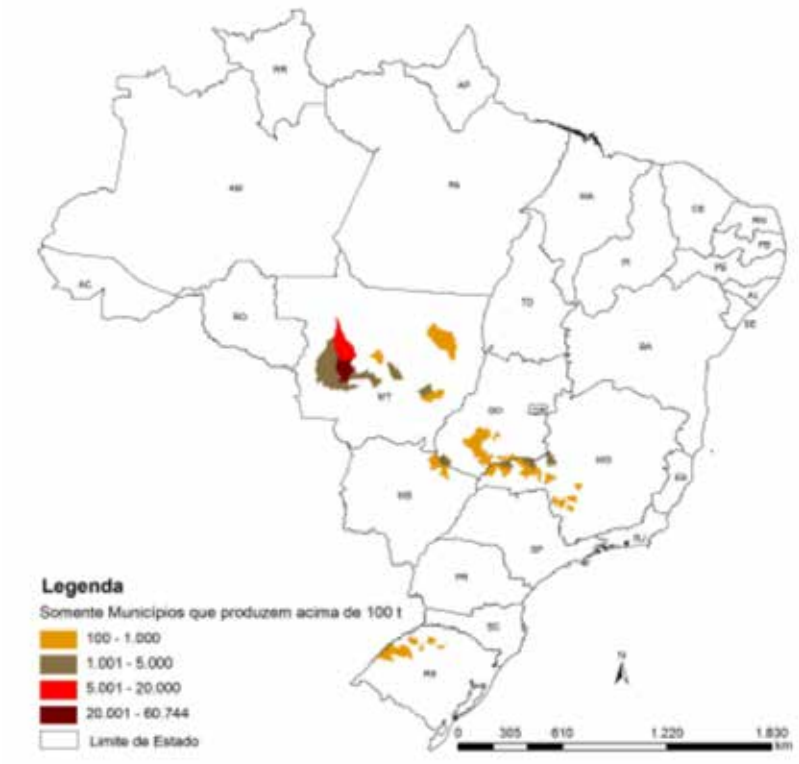
Feijão comum cores

O feijão terceira safra da última temporada 2014/15, mesmo com a concentração da colheita em agosto e setembro, em função do vazio sanitário, os preços se encontram elevados devido ao quadro apertado de oferta.
A tendência é que eles continuem aquecidos até a entrada da nova safra, pois a oferta não está sendo suficiente para atender a demanda dos mercados regionais, e as colheitas em curso podem não ser suficientes para a formação de estoques. Assim, as cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a demanda, como vem ocorrendo ultimamente.
O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.
A safra da temporada 2015/16 começou a ser semeada em agosto e mesmo com os atrativos preços de mercado o primeiro levantamento de intenção de plantio, elaborado por esta Conab, no Paraná, estima uma redução entre 7% e 3%, na área a ser plantada em comparação à cultivada anteriormente. O clima segue favorável, cerca de 50% da área foi semeada e as lavouras encontram-se nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Feijão comum preto
O mercado se encontrava acomodado mesmo com o final da colheita no sul do país em junho, quando se espera uma reação dos preços. No entanto, a partir desta segunda semana de setembro a procura aumentou e os preços apresentaram uma pequena elevação, porém se encontram bem abaixo do mínimo oficial.
Para a presente temporada, tomando os dados de produção estimados em 3.185,1 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 303,8 mil toneladas, o consumo poderá ficar em torno do registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações deverão ser de 110 mil toneladas e as exportações de 90 mil toneladas, resultando em um estoque de passagem da ordem de 158,9 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

12.1.5. Girassol

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	94,2	94,2	94,2	-	-	1.352	1.610	19,1	127,4	151,7	151,7	19,1	19,1
MT	86,4	86,4	86,4	-	-	1.348	1.608	19,3	116,5	138,9	138,9	19,2	19,2
MS	0,4	0,4	0,4	-	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	0,6	-	-
GO	7,4	7,4	7,4	-	-	1.386	1.644	18,6	10,3	12,2	12,2	18,4	18,4
SUDESTE	14,0	14,0	14,0	-	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	21,2	3,4	3,4
MG	14,0	14,0	14,0	-	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	21,2	3,4	3,4
SUL	3,3	1,2	1,3	(63,6)	(60,6)	1.617	1.617	-	5,3	1,9	2,1	(64,2)	(60,4)
RS	3,3	1,2	1,3	(65,0)	(60,0)	1.617	1.617	-	5,3	1,9	2,1	(64,2)	(60,4)
CENTRO-SUL	111,5	109,4	109,5	(1,9)	(1,8)	1.374	1.598	16,3	153,2	174,8	175,0	14,1	14,2
BRASIL	111,5	109,4	109,5	(1,9)	(1,8)	1.374	1.598	16,3	153,2	174,8	175,0	14,1	14,2

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Tabela 41 – Calendário de plantio e colheita – girassol

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

12.1.6. Mamona

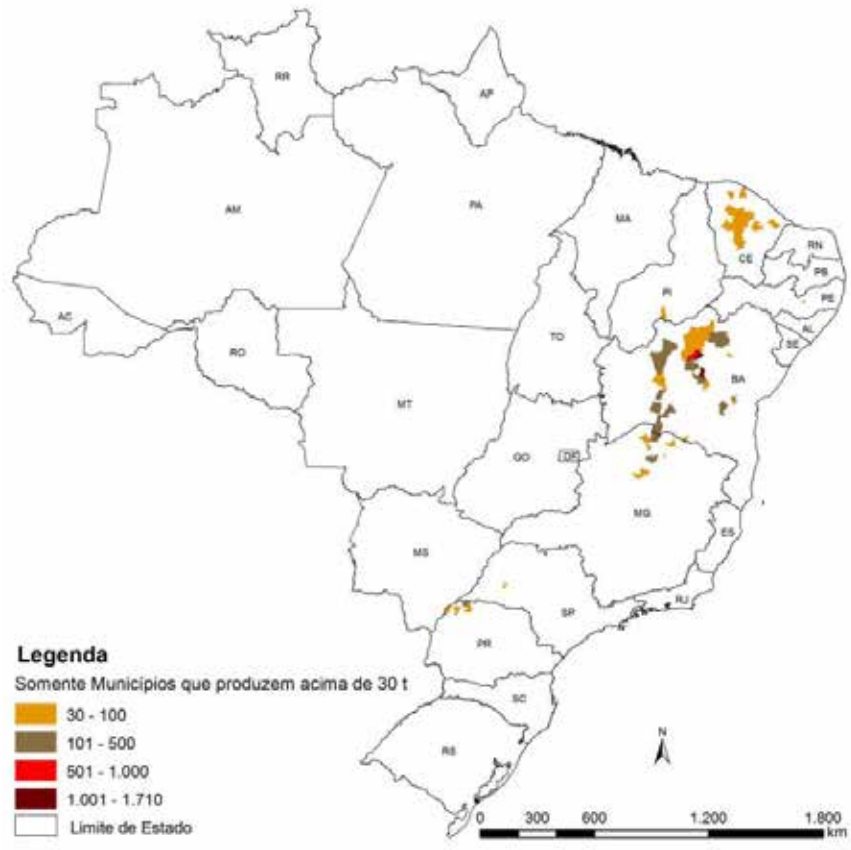
Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	81,3	84,8	88,3	4,3	8,6	576	270	(53,0)	46,8	59,6	62,3	27,4	33,1
PI	0,6	0,6	0,6	-	-	506	497	(1,8)	0,3	0,3	0,3	-	-
CE	9,0	9,0	9,0	-	-	156	166	6,4	1,4	1,5	1,5	7,1	7,1
PE	1,6	1,6	1,6	-	-	142	244	71,8	0,2	0,4	0,4	100,0	100,0
BA	70,1	73,6	77,1	5,0	10,0	640	780	21,9	44,9	57,4	60,1	27,8	33,9
SUDESTE	0,8	0,8	0,8	-	-	306	153	(50,0)	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
MG	0,8	0,8	0,8	-	-	306	679	121,9	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
SP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORTE/ NORDESTE	81,3	84,8	88,3	4,3	8,6	576	270	(53,0)	46,8	59,6	62,3	27,4	33,1
CENTRO-SUL	0,8	0,8	0,8	-	-	306	153	(50,0)	0,2	0,5	0,5	150,0	150,0
BRASIL	82,1	85,6	89,1	4,3	8,5	573	269	(53,0)	47,0	60,1	62,8	27,9	33,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 43 – Calendário de plantio e colheita – mamona

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: p - plantio; c - colheita; p/c - plantio e colheita.
Fonte: Conab

12.1.7. Milho

12.1.7.1. Milho primeira safra

A implantação das lavouras de milho de primeira safra encontra-se no início, nos principais estados produtores. De forma geral, prevalece a tendência observada nos últimos anos, de recuo na intenção de plantio desta cultura, a qual deve perder espaço para a soja. Os motivos para tal redução são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e maior risco de produção são os mais citados. Por outro lado, a melhoria dos preços do grão nas últimas semanas pode influenciar alguns produtores que ainda não tomaram a decisão de investir na cultura, principalmente os que possuem menor área e aqueles que buscam implementar a rotação de culturas.

Há relatos de dificuldades na liberação de crédito de custeio por parte das instituições bancárias, embora este fato por si só, não esteja afetando a decisão dos produtores quanto ao incremento ou não da área plantada. Segundo informações, as regras bancárias de financiamentos estão mais rígidas e há a necessidade de maiores garantias para liberação dos recursos. Assim, também tem acontecido quando da negociação entre os produtores e as empresas agrícolas privadas (cooperativas, multinacionais e cerealistas).

No cenário externo, em função do excesso de chuvas nos EUA, sul do Brasil e Argentina e da seca no norte da Europa, e ainda pelo aumento da taxa de câmbio no Brasil, as médias de preços praticados no mercado interno apresentaram a partir de agosto, grande suporte, particularmente nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Internamente, o governo brasileiro através dos mecanismos de sustentação de renda ao produtor, tem lançado no mercado os leilões de prêmios equalizadores, na perspectiva de que possam auxiliar na diminuição dos excedentes domésticos, com seus reflexos positivos para a rentabilidade do produtor. A despeito do aperto financeiro atual observou-se a alocação de recursos para os leilões de Pepro, especialmente para os produtos originados da Região Centro-Oeste.
Esses movimentos não são suficientes para incentivar o produtor no cultivo do cereal, mesmo diante do fato desta ser ainda a primeira intenção realizada na temporada 2015/16. Os dados consolidados na recente pesquisa realizada pela Conab dão conta de uma forte redução da área plantada em âmbito nacional, variando no intervalo que vai de 5.814,2 a 5.973,2 mil hectares, contra 6.234,7 mil hectares, observado na temporada passada.

Na Região Sul a forte concorrência com a lavoura de soja foi a responsável pela maior redução nacional na área plantada com o milho da primeira safra. Adicionalmente, a lavoura vem sendo fortemente afetada pelo comportamento do clima. A temperatura vem apresentando variações significativas e ficou acima da média em vários estados da região, registrando ondas de calor muito intensas e baixa umidade relativa do ar. Paralelamente houve a ocorrência de vendavais e chuvas de granizo em diversas regiões produtoras,

eventos considerados típicos do fenômeno El niño. No início do inverno ocorreram geadas associadas a fortes chuvas, provocando prejuízo nas lavouras recém -plantadas, na medida em que impediam o acesso à lavoura dificultando o manejo como também a execução dos tratos culturais.

O Rio Grande do Sul tende a consolidar sua posição como um dos principais produtores do milho primeira safra. A área plantada, a despeito da redução prevista, deverá situar-se no intervalo de 933,2 a 953,9 mil hectares, comparado com 1.031,2 mil hectares plantado no exercício passado. As causas da redução podem ser explicadas pelo alto custo de produção, concorrência com o milho produzido no Paraná e no Mato Grosso, áreas perdidas na competição com a soja, dentre outros. Além disso, está ocorrendo a segregação das áreas semeadas com a finalidade de produzir milho para silagem. Não bastasse a redução de área, a lavoura de milho sofreu perdas consideráveis com a ocorrência de geadas que dizimaram várias lavouras no noroeste do estado, onde se concentram as maiores áreas cultivadas com milho para produção de grãos. As lavouras com perda total deverão ser semeadas com milho novamente ou com soja.

No Paraná a redução percentual na área plantada está prevista ser a mais expressiva do país. Apresentou um indicativo de redução, variando de -18% a -15% sobre a área plantada no ano passado – 542,5 mil hectares. A situação do clima durante o plantio apresentou quatro fases marcantes: na primeira houve temperaturas amenas, tempo parcialmente nublado e ocorrência de fortes chuvas, tempestades e granizo espalhados pelo estado. Na seqüência, as temperaturas baixaram bastante chegando a ocorrer leves geadas na região sul do estado; após esse período, tempo firme, sem precipitações relevantes e temperaturas em elevação, bem acima da média para o fim do inverno. Na última semana de setembro houve o registro de chuvas em quase toda a região do roteiro oeste do estado. O receio entre os produtores é o da ocorrência de doenças com a umidade e calor contribuindo para aumento dos focos de ferrugem asiática. O plantio já ocorreu em aproximadamente 40% das lavouras e a cultura atravessa as fases de germinação (40%) e desenvolvimento vegetativo (60%).

Em Santa Catarina a implantação das lavouras de milho estão no início em todo o estado, com maior representatividade no oeste, onde o plantio se inicia no estado, haja vista as condições climáticas serem mais favoráveis devido, em parte, pelo microclima resultante das áreas próximas às margens dos rios. Constata-se redução na intenção de plantio desta cultura, cedendo espaço para a soja. Os motivos para tal redução são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e maior risco de produção são os mais citados. Por outro lado, a melhoria dos preços do grão nas últimas semanas pode influenciar alguns produtores que ainda não haviam decidido investir na cultura. As lavouras, nos estágios de germinação e emergência, encontram-se em boas condições. Em alguns locais onde o plantio ocorreu em agosto, algumas lavouras foram prejudicadas pelas geadas tardias, causando prejuízos aos produtores.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho primeira safra, a cultura deverá experimentar a menor redução nacional na área plantada, variando de -3,6% a -1,9%. Em Minas Gerais, onde ocorre a maior área plantada com o milho primeira safra nesta temporada, é possível que a retração no plantio de milho se mostre ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver melhor definida. O plantio deve ocorrer entre outubro e dezembro, tão logo inicie o período chuvoso. Cabe destacar, que os produtores mineiros, em especial os situados na região do cerrado mineiro, vêm incorporando, em seu planejamento, o cultivo sequencial da safrinha de milho em áreas de cultivo de soja, compensando de certa forma a redução de área do plantio do milho primeira safra, com incremento na produção do milho safrinha.

No Mato Grosso do Sul há uma expectativa de forte redução na área de milho no estado, com estimativas de retrocesso variando de 10% a 5%. Esse recuo ocorrerá, principalmente pela substituição da cultura pela soja, em função dos preços mais atrativos. O plantio na região centro-sul do estado já iniciou, mesmo que em pequena escala, na última semana de setembro. Na região norte, grande produtora de milho verão, os plantios só iniciarão quando houver um acumulado de mais de 60 mm, condição alcançada apenas no entorno do município de Chapadão do Sul. Os plantios significativos começaram em outubro, quando as precipitações normalmente já estão estabilizadas.

Na Região Norte-Nordeste a redução na área plantada, variando de 3,8% a 1,6% só não foi maior em virtude da expectativa entre os produtores situados na região do Matopiba, em atender prioritariamente a demanda nordestina, criando um atrativo adicional para o cereal.

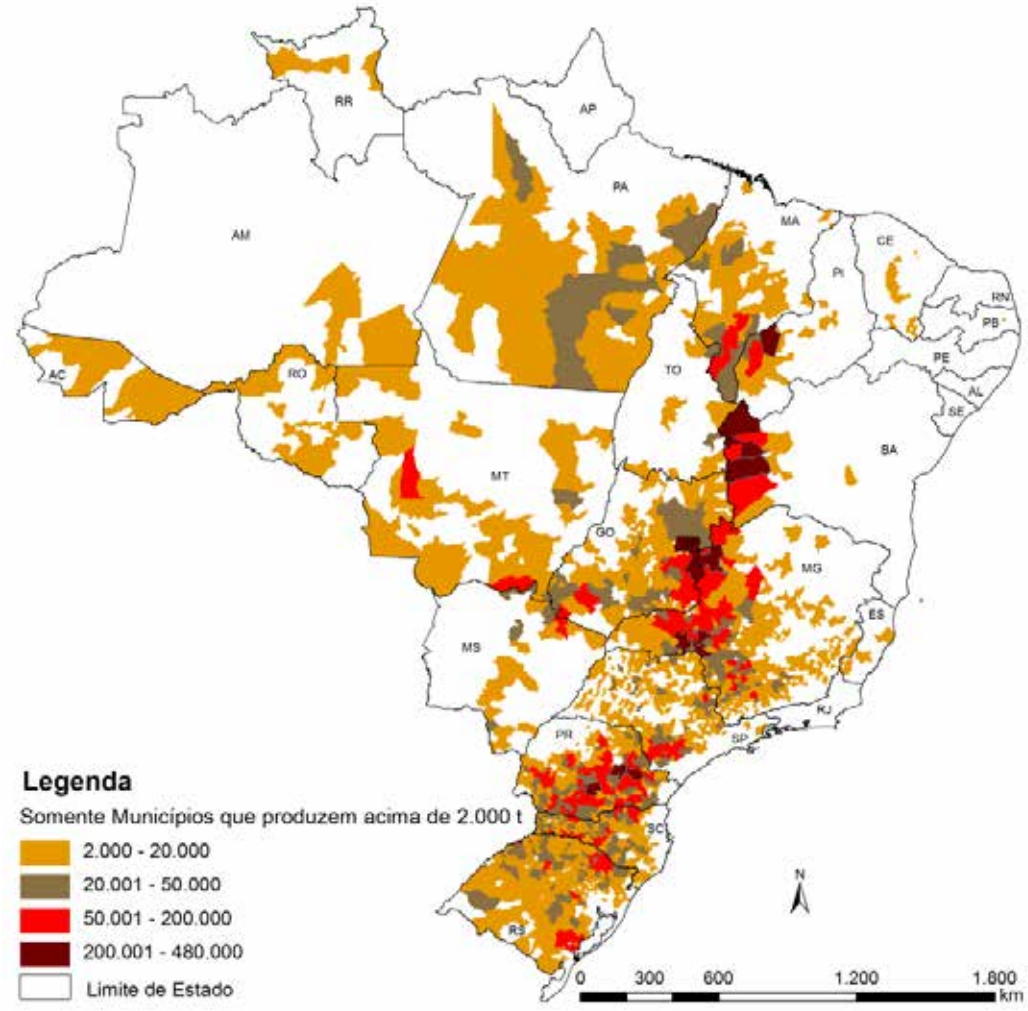
Na Região Centro-Oeste a primeira safra de milho tem a sua importância relativizada, em virtude dos produtores priorizarem o plantio da soja, para maximizar a janela do clima na região, possibilitando o plantio subsequente de duas safras numa mesma área. No Mato Grosso o início do plantio do milho deve ocorrer na segunda quinzena de outubro, em conseqüência da decisão do produtor em priorizar o plantio da soja.

A expectativa é que se mantenha a área que foi cultivada ano passado, podendo ocorrer uma pequena redução com a migração para a cultura da soja, que hoje possui valor mais atrativo de comercialização. As condicões climáticas não se mostram uniformemente favoráveis no estado em razão da predominância de clima seco, chuvas escassas, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa que aumentam o risco de implantação das lavouras.

Em Goiás, maior produtor regional, estimava-se que as áreas semeadas em outubro e início de novembro apresentem níveis de produtividades próximos das médias históricas. A área a ser plantada com a cultura de milho apresentará redução em função, principalmente da boa expectativa futura de mercado para a soja e da produção bem sucedida do milho segunda safra nos anos anteriores. Apesar disso, os preços pagos ao produtor pela saca de milho não apresentaram queda significativa, mesmo após a finalização da colheita do milho segunda safra, fato que estimula os produtores a reverem a posição inicial.

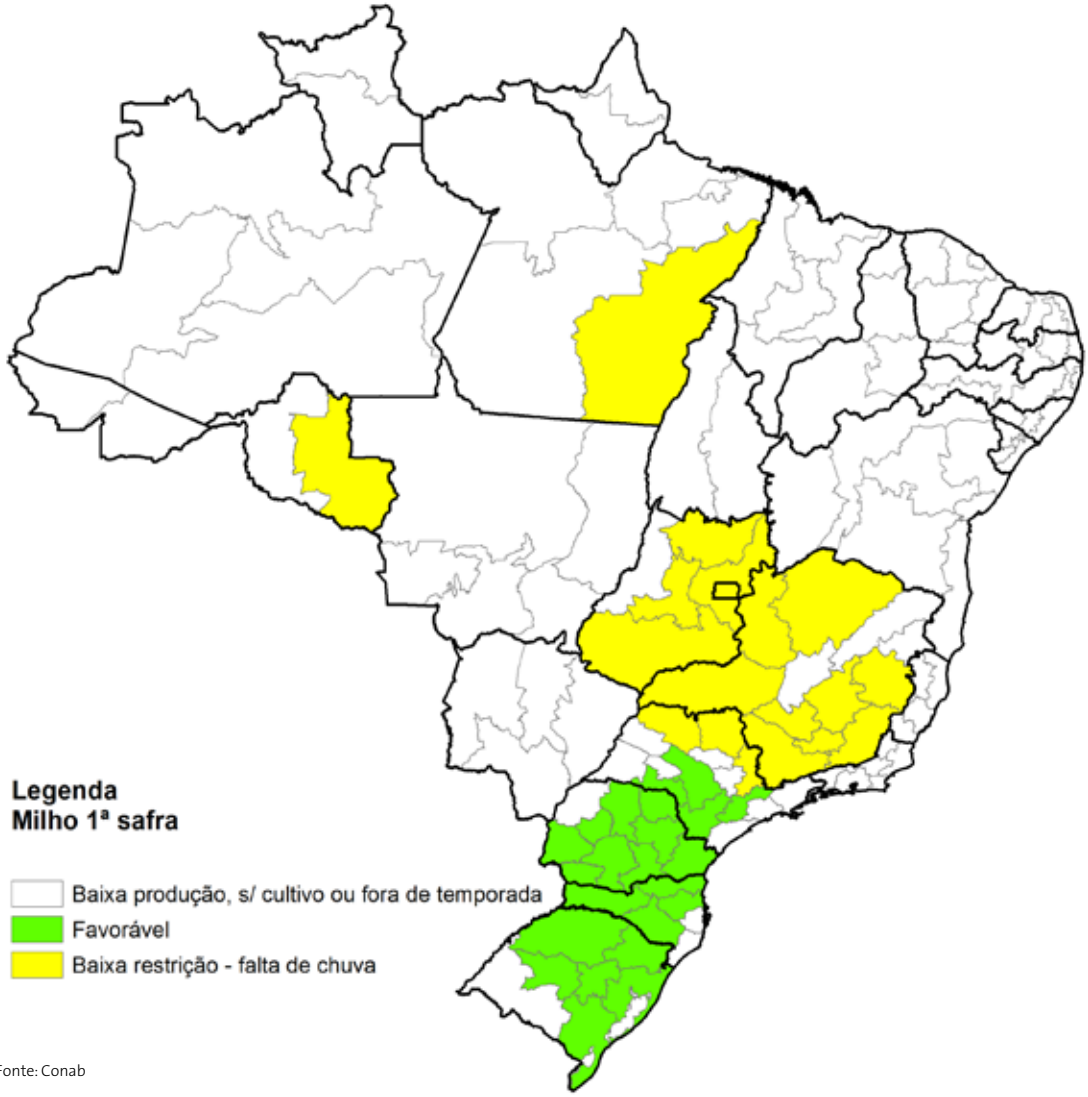
Dessa forma, a estimativa nacional para a produção do milho primeira safra na temporada 2015/16 deverá situar-se no intervalo de 27.996,4 mil e 28.964,3 mil toneladas, representando um decréscimo médio de 7,35% em relação ao ocorrido na temporada passada.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.



Fonte: Conab

Tabela 44 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	• - sul e leste de SP (P)- todo estado do PR (P), exceto regiões pontuais do sul do PR - todo estado do SC (P), exceto regiões pontuais- todo estado do RS (P), exceto regiões pontuais		- regiões pontuais do sul do PR (P)**- regiões pontuais em todo estado do SC (P)**- regiões pontuais em todo estado do RS (P)**		- leste de RO (PP)- sudeste do PA (PP)- todo estado de MG (PP)- todo estado de GO (PP)- norte de SP (P)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 45 – Calendário de plantio e colheita – milho primeira safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	393,5	376,6	393,5	(4,3)	-	3.240	3.223	(0,5)	1.274,7	1.197,8	1.284,0	(6,0)	0,7
RR	6,2	6,2	6,2	-	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	15,4	-	-
RO	46,0	46,0	46,0	-	-	2.174	2.129	(2,1)	100,0	97,9	97,9	(2,1)	(2,1)
AC	41,3	41,3	41,3	-	-	2.332	2.389	2,4	96,3	98,7	98,7	2,5	2,5
AM	15,2	15,2	15,2	-	-	2.540	2.612	2,8	38,6	39,7	39,7	2,8	2,8
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	907	933	2,9	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	218,7	218,7	218,7	-	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	702,7	(0,6)	(0,6)
TO	64,3	47,4	64,3	(26,3)	-	4.914	5.099	3,8	316,0	241,7	327,9	(23,5)	3,8
NORDESTE	2.059,9	1.984,4	2.020,1	(3,7)	(1,9)	2.169	2.058	(5,1)	4.468,8	4.057,4	4.182,4	(9,2)	(6,4)
MA	380,1	376,3	391,5	(1,0)	3,0	2.500	2.606	4,2	950,3	980,6	1.020,2	3,2	7,4
PI	380,5	380,5	380,5	-	-	2.495	2.265	(9,2)	949,3	861,8	861,8	(9,2)	(9,2)
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	315	539	71,1	151,4	259,0	259,0	71,1	71,1
RN	29,3	29,3	29,3	-	-	287	455	58,5	8,4	13,3	13,3	58,3	58,3
PB	62,9	62,9	62,9	-	-	322	476	47,8	20,3	29,9	29,9	47,3	47,3
PE	214,7	214,7	214,7	-	-	341	376	10,3	73,2	80,7	80,7	10,2	10,2
BA	511,8	440,1	460,6	(14,0)	(10,0)	4.525	4.163	(8,0)	2.315,9	1.832,1	1.917,5	(20,9)	(17,2)
CENTRO-OESTE	361,6	317,6	333,4	(12,2)	(7,8)	7.054	7.556	7,1	2.550,9	2.399,3	2.519,5	(5,9)	(1,2)
MT	63,6	57,2	60,4	(10,0)	(5,0)	7.205	7.425	3,1	458,2	424,7	448,5	(7,3)	(2,1)
MS	20,5	18,5	19,5	(10,0)	(5,0)	8.500	8.759	3,0	174,3	162,0	170,8	(7,1)	(2,0)
GO	250,7	215,6	225,6	(14,0)	(10,0)	6.690	7.286	8,9	1.677,2	1.570,9	1.643,7	(6,3)	(2,0)
DF	26,8	26,3	27,9	(2,0)	4,0	9.000	9.192	2,1	241,2	241,7	256,5	0,2	6,3
SUDESTE	1.434,5	1.383,0	1.407,1	(3,6)	(1,9)	5.437	5.787	6,4	7.799,8	8.002,9	8.143,2	2,6	4,4
MG	1.022,4	986,6	998,9	(3,5)	(2,3)	5.340	5.858	9,7	5.459,6	5.779,5	5.851,6	5,9	7,2
ES	17,8	17,8	17,8	-	-	1.363	2.432	78,4	24,3	43,3	43,3	78,2	78,2
RJ	1,7	1,7	1,7	-	-	2.303	2.294	(0,4)	3,9	3,9	3,9	-	-
SP	392,6	376,9	388,7	(4,0)	(1,0)	5.889	5.774	(2,0)	2.312,0	2.176,2	2.244,4	(5,9)	(2,9)
SUL	1.985,2	1.752,6	1.819,1	(11,7)	(8,4)	7.373	7.048	(4,4)	14.637,2	12.339,0	12.835,2	(15,7)	(12,3)
PR	542,5	444,9	461,1	(18,0)	(15,0)	8.633	8.585	(0,6)	4.683,4	3.819,5	3.958,5	(18,4)	(15,5)
SC	411,5	374,5	404,1	(9,0)	(1,8)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.958,6	3.192,4	(7,2)	0,1
RS	1.031,2	933,2	953,9	(9,5)	(7,5)	6.560	5.959	(9,2)	6.764,7	5.560,9	5.684,3	(17,8)	(16,0)
NORTE/ NORDESTE	2.453,4	.361,0	2.413,6	(3,8)	(1,6)	2.341	2.246	(4,1)	5.743,5	5.255,2	5.466,4	(8,5)	(4,8)
CENTRO-SUL	3.781,3	3.453,2	3.559,6	(8,7)	(5,9)	6.608	6.594	(0,2)	24.987,9	22.741,2	23.497,9	(9,0)	(6,0)
BRASIL	6.234,7	5.814,2	5.973,2	(6,7)	(4,2)	4.929	4.832	(2,0)	30.731,4	27.996,4	28.964,3	(8,9)	(5,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

12.1.7.2. Milho segunda safra

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab utiliza metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e a aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. A explicação do método se encontra no item relacionado à produtividade, constante do boletim divulgado pela Conab a cada início de temporada. Neste cenário, a produção estimada do milho segunda safra deverá atingir o montante de 54.628,3 mil toneladas,

representando um decréscimo de 0,2% em relação ao nível alcançado no ano passado. De uma maneira geral, nos locais onde a janela do clima permite o plantio de duas safras, o produtor está concentrando sua atenção para o plantio do milho no segundo período, tentando maximizar suas receitas, ao plantar suas lavouras, especialmente na Região Centro-Oeste, na seguinte seqüência: soja, algodão e milho de segunda safra.

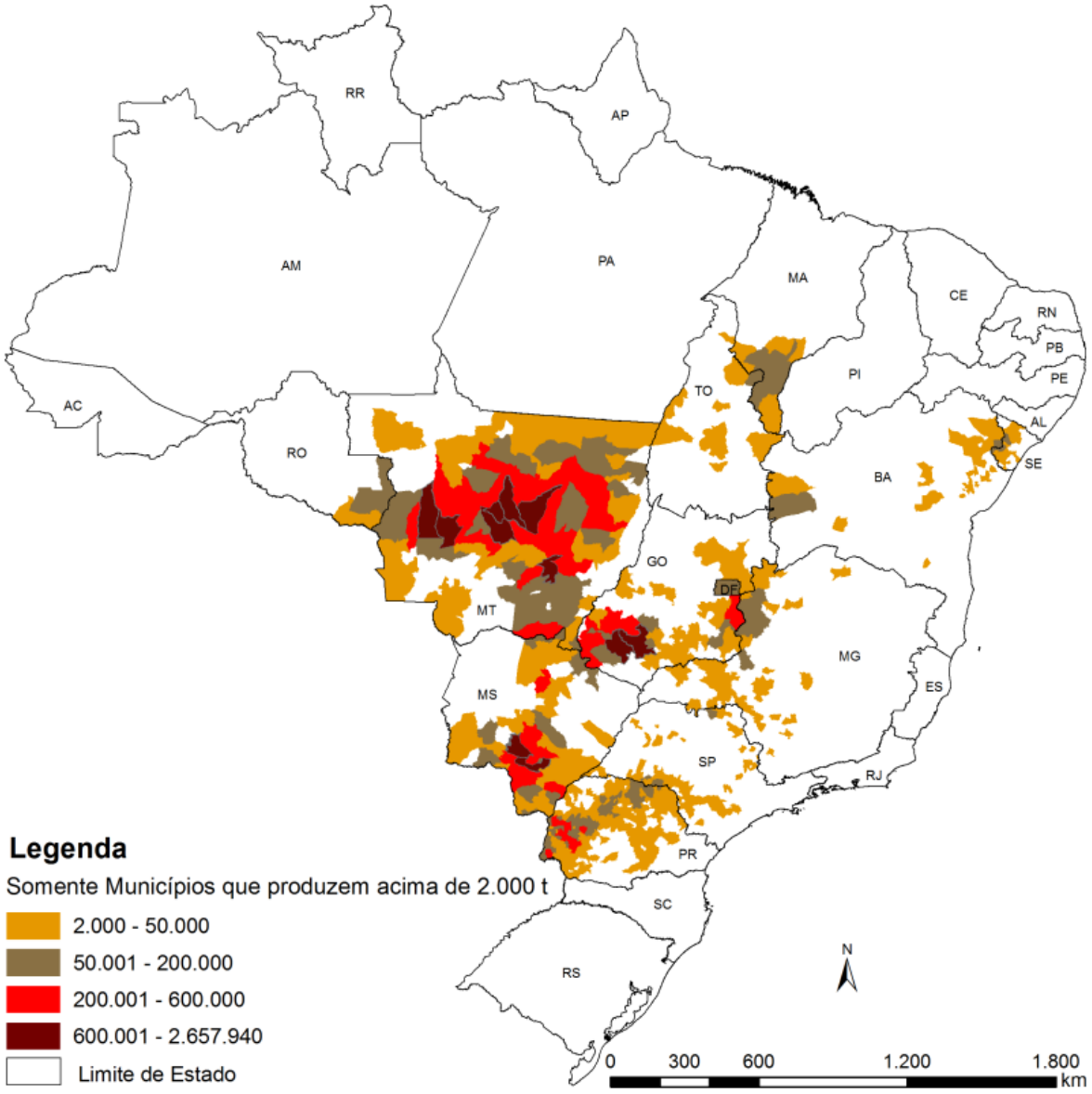
Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	273,5	273,5	273,5	-	-	4.700	4.817	2,5	1.285,6	1.317,5	1.317,5	2,5	2,5
RO	119,5	119,5	119,5	-	-	4.613	4.833	4,8	551,3	577,5	577,5	4,8	4,8
TO	154,0	154,0	154,0	-	-	4.768	4.805	0,8	734,3	740,0	740,0	0,8	0,8
NORDESTE	655,9	655,9	655,9	-	-	2.935	3.009	2,5	1.924,9	1.973,6	1.973,6	2,5	2,5
MA	134,2	134,2	134,2	-	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	550,8	6,1	6,1
PI	25,9	25,9	25,9	-	-	4.437	4.648	4,8	114,9	120,4	120,4	4,8	4,8
AL	30,1	30,1	30,1	-	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	18,9	(37,6)	(37,6)
SE	176,3	176,3	176,3	-	-	4.231	4.390	3,8	745,9	774,0	774,0	3,8	3,8
BA	289,4	289,4	289,4	-	-	1.779	1.761	(1,0)	514,8	509,6	509,6	(1,0)	(1,0)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.118,6	6.118,6	-	-	6.060	6.029	(0,5)	37.076,1	36.892,1	36.892,1	(0,5)	(0,5)
MT	3.352,9	3.352,9	3.352,9	-	-	6.056	5.944	(1,8)	20.305,2	19.929,6	19.929,6	(1,8)	(1,8)
MS	1.615,0	1.615,0	1.615,0	-	-	5.640	5.614	(0,5)	9.108,6	9.066,6	9.066,6	(0,5)	(0,5)
GO	1.112,3	1.112,3	1.112,3	-	-	6.578	6.777	3,0	7.316,7	7.538,1	7.538,1	3,0	3,0
DF	38,4	38,4	38,4	-	-	9.000	9.317	3,5	345,6	357,8	357,8	3,5	3,5
SUDESTE	625,3	625,3	625,3	-	-	5.212	5.054	(3,0)	3.259,1	3.160,2	3.160,2	(3,0)	(3,0)
MG	255,2	255,2	255,2	-	-	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.460,0	1.460,0	3,9	3,9
SP	370,1	370,1	370,1	-	-	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.700,2	1.700,2	(8,3)	(8,3)
SUL	1.914,3	1.914,3	1.914,3	-	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	11.284,8	0,9	0,9
PR	1.914,3	1.914,3	1.914,3	-	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	11.284,8	0,9	0,9
NORTE/ NORDESTE	929,4	929,4	929,4	-	-	3.454	3.541	2,5	3.210,5	3.291,1	3.291,1	2,5	2,5
CENTRO-SUL	8.658,2	8.658,2	8.658,2	-	-	5.950	5.929	(0,3)	51.514,7	51.337,1	51.337,1	(0,3)	(0,3)
BRASIL	9.587,6	9.587,6	9.587,6	-	-	5.708	5.698	(0,2)	54.725,2	54.628,3	54.628,3	(0,2)	(0,2)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.

Fonte: Conab

Tabela 48 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra			- nordeste da BA (C)- todo estado de AL (C) - todo estado de SE (C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 49 – Calendário de plantio e colheita – milho segunda safra

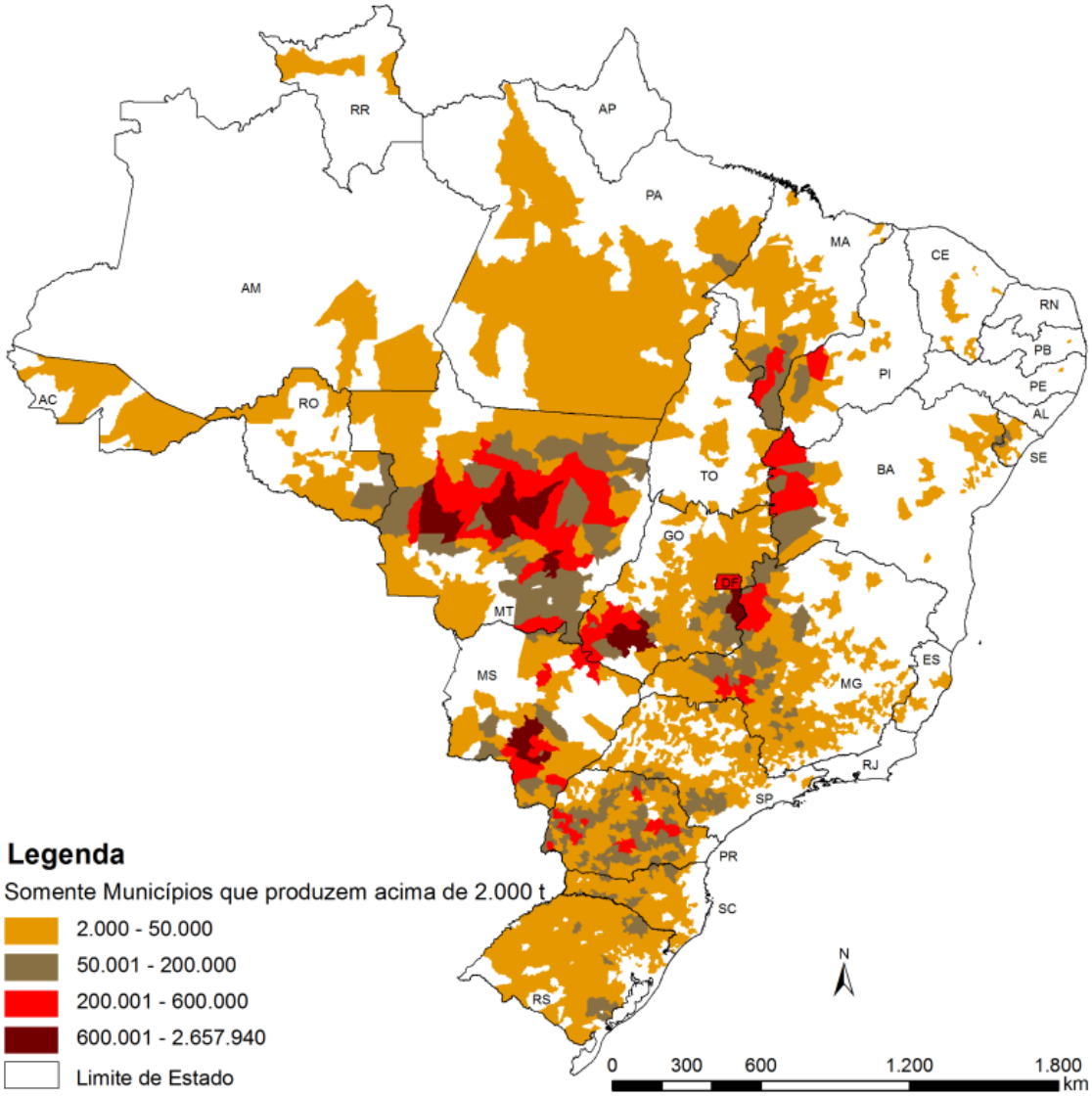
	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

12.1.7.3. Milho total

A posição consolidada da produção brasileira de milho reunindo a primeira e segunda safra deverá, nesta temporada, situar-se no intervalo de 82.625 e 83.592,5 mil toneladas, comparado com a produção do ano passado que atingiu 82.625 mil toneladas.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	667,0	650,1	667,0	(2,5)	-	3.839	3.885	1,2	2.560,2	2.515,4	2.601,5	(1,7)	1,6
RR	6,2	6,2	6,2	-	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	15,4	-	-
RO	165,5	165,5	165,5	-	-	3.935	4.081	3,7	651,3	675,5	675,5	3,7	3,7
AC	41,3	41,3	41,3	-	-	2.332	2.389	2,4	96,3	98,7	98,7	2,5	2,5
AM	15,2	15,2	15,2	-	-	2.540	2.612	2,8	38,6	39,7	39,7	2,8	2,8
AP	1,8	1,8	1,8	-	-	907	933	2,9	1,6	1,7	1,7	6,3	6,3
PA	218,7	218,7	218,7	-	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	702,7	(0,6)	(0,6)
TO	218,3	201,4	218,3	(7,7)	-	4.811	4.883	1,5	1.050,2	981,7	1.067,8	(6,5)	1,7
NORDESTE	2.715,8	2.640,3	2.676,0	2,8)	(1,5)	2.354	2.292	(2,6)	6.393,7	6.031,2	6.156,1	(5,7)	(3,7)
MA	514,3	510,5	525,7	(0,7)	2,2	2.857	2.994	4,8	1.469,2	1.531,4	1.571,0	4,2	6,9
PI	406,4	406,4	406,4	-	-	2.619	2.417	(7,7)	1.064,3	982,2	982,2	(7,7)	(7,7)
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	315	539	71,1	151,4	259,0	259,0	71,1	71,1
RN	29,3	29,3	29,3	-	-	287	455	58,5	8,4	13,3	13,3	58,3	58,3
PB	62,9	62,9	62,9	-	-	322	476	47,8	20,3	29,9	29,9	47,3	47,3
PE	214,7	214,7	214,7	-	-	341	376	10,3	73,2	80,7	80,7	10,2	10,2
AL	30,1	30,1	30,1	-	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	18,9	(37,6)	(37,6)
SE	176,3	176,3	176,3	-	-	4.231	4.390	3,8	745,9	774,0	774,0	3,8	3,8
BA	801,2	729,5	750,0	(8,9)	(6,4)	3.533	3.223	(8,8)	2.830,7	2.341,8	2.427,1	(17,3)	(14,3)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.436,2	6.452,0	(0,7)	(0,4)	6.115	6.107	(0,1)	39.627,0	39.291,4	39.411,5	(0,8)	(0,5)
MT	3.416,5	3.410,1	3.413,3	(0,2)	(0,1)	6.077	5.970	(1,8)	20.763,4	20.354,3	20.378,1	(2,0)	(1,9)
MS	1.635,5	1.633,5	1.634,5	(0,1)	(0,1)	5.676	5.651	(0,4)	9.282,9	9.228,7	9.237,4	(0,6)	(0,5)
GO	1.363,0	1.327,9	1.337,9	(2,6)	(1,8)	6.599	6.861	4,0	8.993,9	9.108,9	9.181,8	1,3	2,1
DF	65,2	64,7	66,3	(0,8)	1,7	9.000	9.265	2,9	586,8	599,5	614,2	2,2	4,7
SUDESTE	2.059,8	2.008,3	2.032,4	(2,5)	(1,3)	5.369	5.560	3,6	11.058,9	11.163,2	11.303,4	0,9	2,2
MG	1.277,6	1.241,8	1.254,1	(2,8)	(1,8)	5.373	5.830	8,5	6.864,5	7.239,5	7.311,6	5,5	6,5
ES	17,8	17,8	17,8	-	-	1.363	2.432	78,4	24,3	43,3	43,3	78,2	78,2
RJ	1,7	1,7	1,7	-	-	2.303	2.294	(0,4)	3,9	3,9	3,9	-	-
SP	762,7	747,0	758,8	(2,1)	(0,5)	5.462	5.194	(4,9)	4.166,2	3.876,5	3.944,6	(7,0)	(5,3)
SUL	3.899,5	3.666,9	3.733,4	(6,0)	(4,3)	6.621	6.452	(2,6)	25.816,7	23.623,8	24.120,0	(8,5)	(6,6)
PR	2.456,8	2.359,2	2.375,4	(4,0)	(3,3)	6.457	6.410	(0,7)	15.862,9	15.104,3	15.243,3	(4,8)	(3,9)
SC	411,5	374,5	404,1	(9,0)	(1,8)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.958,6	3.192,4	(7,2)	0,1
RS	1.031,2	933,2	953,9	(9,5)	(7,5)	6.560	5.959	(9,2)	6.764,7	5.560,9	5.684,3	(17,8)	(16,0)
NORTE/ NORDESTE	3.382,8	3.290,4	3.343,0	(2,7)	(1,2)	2.647	2.609	(1,4)	8.953,9	8.546,6	8.757,6	(4,5)	(2,2)
CENTRO-SUL	12.439,5	12.111,4	12.217,8	(2,6)	(1,8)	6.150	6.121	(0,5)	76.502,6	74.078,4	74.834,9	(3,2)	(2,2)
BRASIL	15.822,3	15.401,8	15.560,8	(2,7)	(1,7)	5.401	5.368	(0,6)	85.456,5	82.625,0	83.592,5	(3,3)	(2,2)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

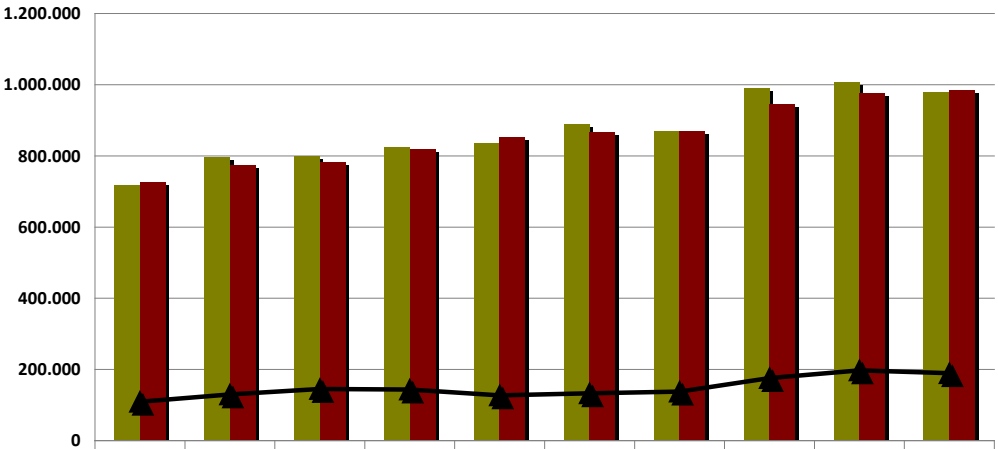
12.1.7.4. Oferta e demanda

Panorama mundial

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda – sigla em inglês) surpreendeu o mercado com a divulgação do último relatório de oferta e demanda mundial de milho, onde apontou uma diminuição da produção mundial que saiu de 985,6 milhões de toneladas em agosto para 978,1 milhões em setembro.

Fora isso, esta diminuição na expectativa de produção mundial do cereal corresponde a um volume de 29,4 milhões de toneladas a menos do que foi produzido na safra anterior.

Gráfico 61 – Comparativo de produção, consumo e estoque final no mundo nas últimas dez safras (em mil toneladas)



	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016
Produção	716.621	795.539	799.712	824.849	835.536	889.773	870.305	991.454	1.007.473	978.098
Consumo	727.125	774.785	782.749	819.565	853.566	867.301	869.775	946.303	976.083	985.803
Estoque Final	109.418	129.940	145.294	143.799	127.064	132.786	137.954	175.931	197.211	189.686

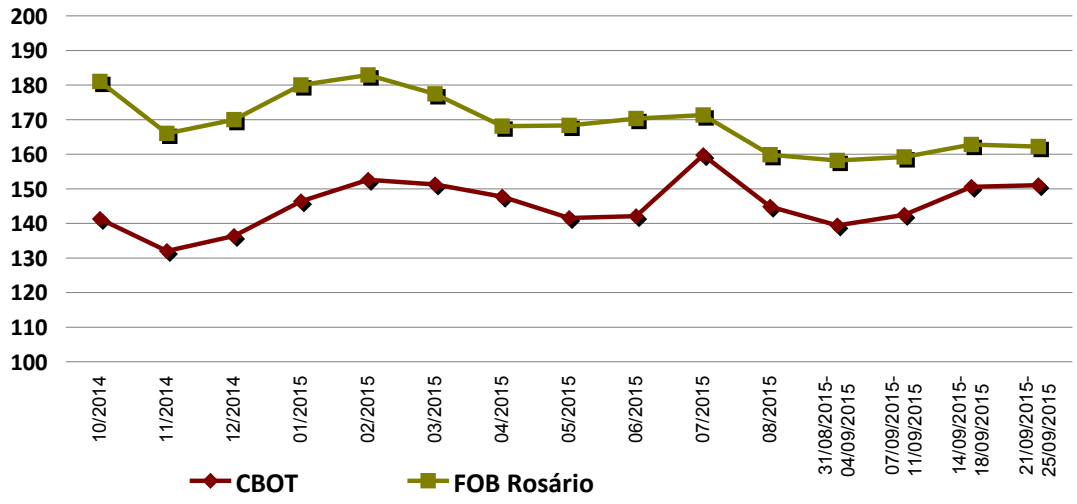
Fonte: USDA

Como o consumo mundial teve uma alteração bem menos significativa (cerca de 2 milhões de toneladas apenas, em relação ao relatório de agosto de 2015), os estoques mundiais reduziram para 189,7 milhões de toneladas, apesar de ainda estarem elevados quando comparados aos estoques de 2013/14.
Destaca-se neste cenário, uma produção menor que a inicialmente estimada nos Estados Unidos, hoje divulgada em 345,1 milhões de toneladas, mas, sobretudo, a quebra da safra da União Européia que saiu de 75,3 milhões de toneladas de milho em 2014/15 para 57,9 milhões em 2015/16.

Na Argentina, apesar dos números do Usda continuarem indicando 25 milhões de toneladas, os analistas do país vizinho acreditam em um volume de milho ainda menor, visto que os produtores estão optando por plantar mais soja e aguardando o resultado das eleições presidenciais, já que os candidatos de situação e oposição possuem posições divergentes em relação às intervenções governamentais sobre as exportações de milho, este fato pode influenciar na tomada de decisão do produtor no aumento ou em uma redução ainda maior da área a ser semeada de milho no país.

Este cenário proporcionou um leve aumento nas cotações das bolsas internacionais, sobretudo em Chicago, onde as cotações fecharam o mês de setembro próximas de US$ 4,00/bushel (US$ 157,47/t).

Gráfico 62 – Preços internacionais médios mensais – 12 meses, em IS$/t



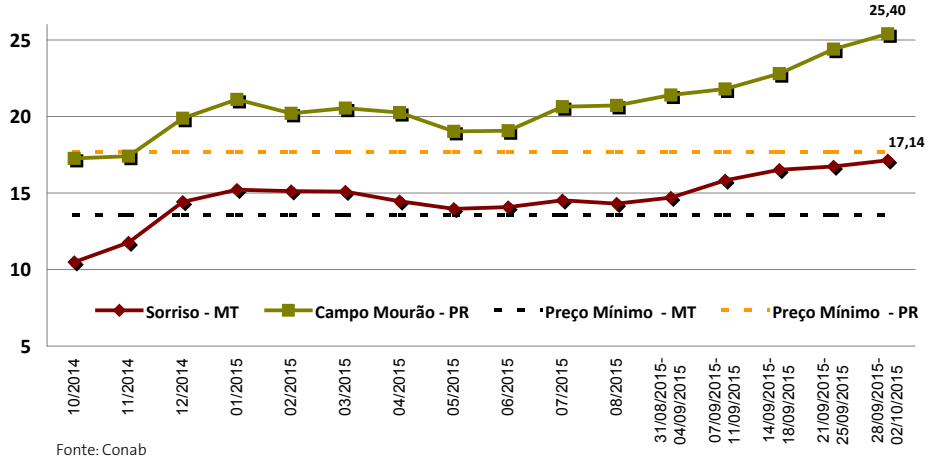
Fonte: Conab

Panorama nacional

Com as cotações em Chicago seguindo um viés altista, apesar de não muito forte, e o dólar bem mais valorizado, rompendo a barreira dos R$ 4,00, os preços domésticos reagiram e estão bastante favoráveis ao produtor nacional, justamente no momento em que praticamente se definiu a maior safra de milho da história do país, que chegou a 85,5 milhões de toneladas.

Desta forma, a média da última semana de setembro apresentou preços de R$ 17,14/60Kg no disponível, em Sorriso (MT) e R$ 25,40/60Kg no balcão, em Campo Mourão (PR).

Gráfico 63 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R$/60kg

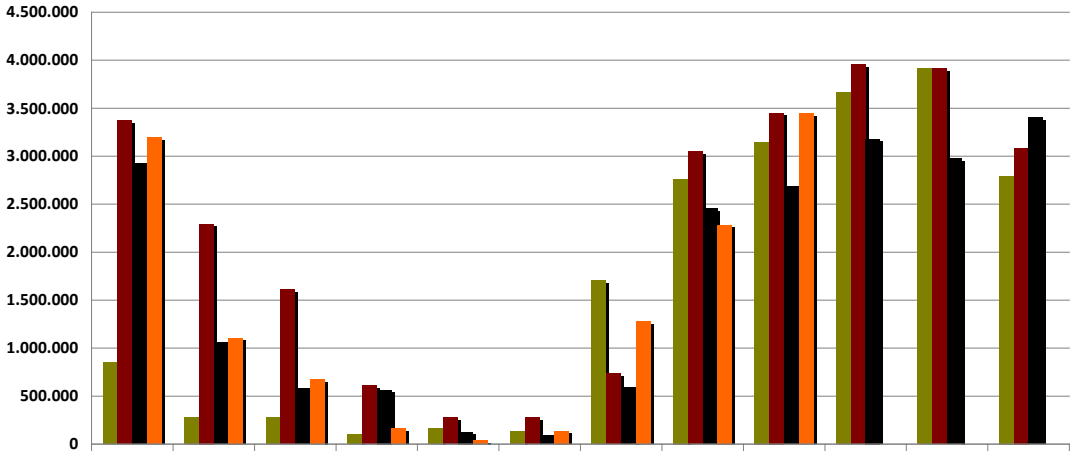


Fonte: Conab

Diante disso, as negociações para o mercado exportador seguem aquecidas. Os portos estão apresentando cotações acima de R$ 35,00/60Kg. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o mês de setembro chegaram a 3,45 milhões de toneladas e os line ups para os próximos meses indicam volumes mensais ainda mais expressivos.

Neste sentido, o número de exportação para 2014/15 foi reajustado para 27,2 milhões de toneladas.

Gráfico 64 – Exportações brasileiras de milho de janeiro/2012 a setembro/2015 (em toneladas)



	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2012	846.905	276.560	278.288	103.640	165.732	134.900	1.704.900	2.761.273	3.147.006	3.662.501	3.915.677	2.794.453
2013	3.372.046	2.294.784	1.609.670	608.751	275.865	276.675	733.398	3.049.100	3.450.100	3.953.300	3.911.900	3.084.900
2014	2.925.600	1.063.100	579.106	562.400	126.500	88.117	592.152	2.457.800	2.685.562	3.179.548	2.978.900	3.405.200
2015	3.195.400	1.105.412	676.559	163.739	39.539	136.800	1.280.300	2.284.200	3.445.200			

Fonte: Secex

Para a safra 2015/16 estima-se que o Brasil manterá este ritmo exportador, vez que as negociações de milho da segunda safra já se iniciaram, indicando que o país está se firmando ainda mais como o segundo maior player exportador de milho do mundo, podendo exportar 28 milhões de toneladas.

Em relação ao consumo a produção de etanol à base de milho no Centro Oeste, bem como o aumento do confinamento de gado de corte no país e o incremento na produção de carne de frango, permitiram um ajuste para cima no consumo de milho em 2015/16, chegando a 58,2 milhões de toneladas.

12.1.8. Soja

O leve atraso na colheita da safra americana, junto com as irregularidades do clima na América do Sul e principalmente o aumento na taxa interna de câmbio provocaram a recuperação dos preços nos três últimos meses de 2015, coincidindo com o período de plantio da oleaginosa no país. A continuada intenção dos produtores em aumentar a área plantada deriva da sustentação dada por essas cotações que conpensaram a queda dos preços internacionais ocorridos com o produto.

Região Sul

É esperado um incremento percentual na área plantada variando de 1,6 a 3,3% em relação ao observado no exercício anterior. A região que representa a segunda área plantada do país deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para o intervalo de 11,249,1 a 11.444,3 mil hectares. Os produtores consideram que o plantio da oleaginosa ainda é a melhor opção, frente às demais concorrentes. Mesmo com essa decisão tomada foi relatado um maior grau de dificuldade relacionado à liberação dos recursos por parte dos bancos, acompanhado por um aumento significativo nos custos de produção da safra atual, principalmente para aqueles produtores que deixaram para adquirir os insumos nos últimos meses, coincidindo com a alta expressiva do dólar.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja deverá crescer entre 1 e 2,5% sobre áreas anteriormente semeadas com milho, áreas de campos nativos e pastagens. Há previsão de que neste exercício sejam cultivados 5.340 mil hectares. O aumento não será maior por conta da redução da soja cultivada nesta safra em áreas de várzea, que deverão, em função das chuvas intensas no início dessa temporada, provocar alagamentos insuportáveis para o desenvolvimento das lavouras.
Em Santa Catarina a lavoura ainda não foi totalmente implantada. Observa-se uma tendência de aumento da área de plantio para a safra atual, resultado das boas cotações do grão no mercado de commodities e do menor custo da lavoura em relação ao milho. No estado é esperado um incremento percentual da área, variando de 3 a 5% em relação aos 600,1 mil hectares plantados na safra passada.

No Paraná, segundo maior produtor nacional, a estimativa de área plantada deverá apresentar um incremento médio de 3%, diante dos 5.224,8 plantados no ano passado. Estima-se que os produtores já comer-

cializaram 88,2% da produção esperada. O estímulo foi provocado pelo impacto das chuvas no desempenho das lavouras de soja, nas regiões produtoras norte e sul-americanas. Para se ter idéia da evolução, nos seis primeiros meses deste ano, na medida em que se definiam as safras nos Estados Unidos e na América do Sul, as cotações médias mensais recebidas pelos produtores passaram de R$ 55,75 em janeiro para R$ 58,87 em março, reduziram-se para R$ 56,58 a saca em maio e aumentaram para R$ 56,80, R$ 61,16 e R$ 63,31 em junho, julho e agosto, respectivamente. A atual sustentação destas cotações se deve em maior grau ao aumento da taxa de câmbio no Brasil, que vem compensando a queda das cotações internacionais do produto. Em setembro o movimento de alta no mercado interno se manteve e o preço recebido pelos produtores atingiu R$ 71,98 a saca, no final do mês.

Região Sudeste

Na Região Sudeste a área com a oleaginoda continuará apresentando incrementos, estando previsto para o exercício 2015/16 um aumento percentual variando de 2,6% a 4,3%. Em Minas Gerais, principal produtor da Região Sudeste, a área de plantio da soja deverá apresentar um incremento médio de 2,25% em relação ao exercício anterior, em face da melhor competitividade e liquidez. As áreas de soja devem avançar, principalmente, sobre áreas de milho. As estimativas de incremento podem se mostrar ainda mais significativas nos próximos levantamentos. O plantio deverá iniciar-se em outubro, tão logo ocorram as primeiras chuvas. Á semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial do milho e/ou sorgo no período de safrinha.

Em São paulo o produtor procurou investir na cultura, devido aos excelentes preços praticados na safra que se encerrou. Por essa razão o incremento na área plantada está previsto para o atual exercício, que deverá apresentar um forte incremento médio de 5,5%, respaldado pela forte elevação do dólar que cria uma favorável expectativa de retorno.

Região Centro-Oeste

A cultura da soja é a propulsora do grande desenvolvimento que a região tem assistido ao longo dos últimos anos. A principal produtora da oleaginosa no país é esperado apresentar um incremento percentual no seu plantio, variando de 1 a 2,9%, podendo atingir o recorde numa área que poderá ultrapassar os 15 milhões de hectares. As atenções estão voltadas para as condições climáticas, uma vez que ainda não ocorreram de forma generalizada as precipitações suficientes para o plantio da oleaginosa. As chuvas que estavam sendo esperadas para ocorrer até o início de outubro, ainda não aconteceram na dimensão e extensão previstas, imaginando-se tratar-se este ano, de um ciclo mais seco do que a média. Tal cenário causa preocupação, pois se as chuvas atrasarem muito, poderão também afetar negativamente a produção do milho segunda safra, num ano com custos de produção mais elevados.

No Mato Grosso do Sul a cultura da soja apresenta tendência de aumento de área plantada, variando de 1 a 3% em relação à safra passada, que atingiu 2.300,5 mil hectares. O crédito para custeio teve a princípio uma liberação lentaem relação a safras anteriores, mas foi normalizado nas últimas semanas. Como alternativa ao crédito bancário existem as operações de aquisição de insumos, envolvendo as cooperativas e fornecedores com a condição de pagamento por ocasião da colheita. Os custos de produção seguem apresentando foco de preocupação, mas com a alta do dólar ao longo do ano, os produtores vislumbram melhores preços de comercialização para a colheita desta safra, o que serve como incentivo para a manutenção do pacote tecnológico aplicado na safra passada, que possibilitou rentabilidades estimulantes. Soma-se a este cenário a perspectiva de clima favorável à cultura em função da influência do fenômeno El Niño. Mantidas essas condições, são esperadas boas produtividades em relação à média dos anos anteriores.

Região Norte-Nordeste

O plantio da safra 2015/16 na região só deverá ocorrer a partir de dezembro, com o início do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparado com o observado nas últimas três safras, e este desempenho, tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende amplar sua área plantada. Nesta perspectiva, o incremento percentual previsto para o aumento da área plantada regional deverá ser o maior do país, atingindo a média de 7,8% em relação aos 2.845,3 mil hectares plantados na safra passada.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada no Brasil, apresentando uma variação média de 2,65%, atingindo o intervalo de 32,6 a 33,2 milhões de hectares.

Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.441,4	1.442,2	1.475,4	0,1	2,4	2.987	3.025	1,3	4.304,8	4.364,4	4.461,2	1,4	3,6
RR	24,0	24,0	24,0	-	-	3.300	3.338	1,2	79,2	80,1	80,1	1,1	1,1
RO	231,5	231,5	231,5	-	-	3.166	3.278	3,5	732,9	758,9	758,9	3,5	3,5
PA	336,3	336,3	336,3	-	-	3.024	3.104	2,6	1.017,0	1.043,9	1.043,9	2,6	2,6
TO	849,6	850,4	883,6	0,1	4,0	2.914	2.918	0,1	2.475,7	2.481,5	2.578,3	0,2	4,1
NORDESTE	2.845,3	3.021,9	3.114,0	6,2	9,4	2.841	2.875	1,2	8.084,1	8.687,5	8.953,3	7,5	10,8
MA	749,6	749,6	764,6	-	2,0	2.761	2.782	0,8	2.069,6	2.085,4	2.127,1	0,8	2,8
PI	673,7	693,9	714,1	3,0	6,0	2.722	2.886	6,0	1.833,8	2.002,6	2.060,9	9,2	12,4
BA	1.422,0	1.578,4	1.635,3	11,0	15,0	2.940	2.914	(0,9)	4.180,7	4.599,5	4.765,3	10,0	14,0
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.758,9	15.002,4	1,0	2,6	3.008	3.120	3,7	43.968,6	46.044,8	46.806,1	4,7	6,5
MT	8.934,5	9.023,8	9.193,6	1,0	2,9	3.136	3.179	1,4	28.018,6	28.686,7	29.226,5	2,4	4,3
MS	2.300,5	2.323,5	2.369,5	1,0	3,0	3.120	2.969	(4,8)	7.177,6	6.898,5	7.035,0	(3,9)	(2,0)
GO	3.325,0	3.354,9	3.381,5	0,9	1,7	2.594	3.064	18,1	8.625,1	10.279,4	10.360,9	19,2	20,1
DF	56,1	56,7	57,8	1,0	3,0	2.626	3.178	21,0	147,3	180,2	183,7	22,3	24,7
SUDESTE	2.116,2	2.171,8	2.207,6	2,6	4,3	2.775	3.029	9,1	5.873,5	6.578,2	6.685,9	12,0	13,8
MG	1.319,4	1.343,1	1.355,0	1,8	2,7	2.658	3.056	15,0	3.507,0	4.104,5	4.140,9	17,0	18,1
SP	796,8	828,7	852,6	4,0	7,0	2.970	2.985	0,5	2.366,5	2.473,7	2.545,0	4,5	7,5
SUL	11.074,1	11.249,1	11.444,3	1,6	3,3	3.071	3.058	(0,4)	34.012,3	34.399,3	35.005,2	1,1	2,9
PR	5.224,8	5.329,3	5.433,8	2,0	4,0	3.294	3.386	2,8	17.210,5	18.045,0	18.398,8	4,8	6,9
SC	600,1	618,1	630,1	3,0	5,0	3.200	3.300	3,1	1.920,3	2.039,7	2.079,3	6,2	8,3
RS	5.249,2	5.301,7	5.380,4	1,0	2,5	2.835	2.700	(4,8)	14.881,5	14.314,6	14.527,1	(3,8)	(2,4)
NORTE/ NORDESTE	4.286,7	4.464,1	4.589,4	4,1	7,1	2.890	2.923	1,1	12.388,9	13.051,9	13.414,5	5,4	8,3
CENTRO-SUL	27.806,4	28.179,8	28.654,3	1,3	3,0	3.016	3.088	2,4	83.854,4	87.022,3	88.497,2	3,8	5,5
BRASIL	32.093,1	32.643,9	33.243,7	1,7	3,6	2.999	3.066	2,2	96.243,3	100.074,2	101.911,7	4,0	5,9

Fonte: Conab

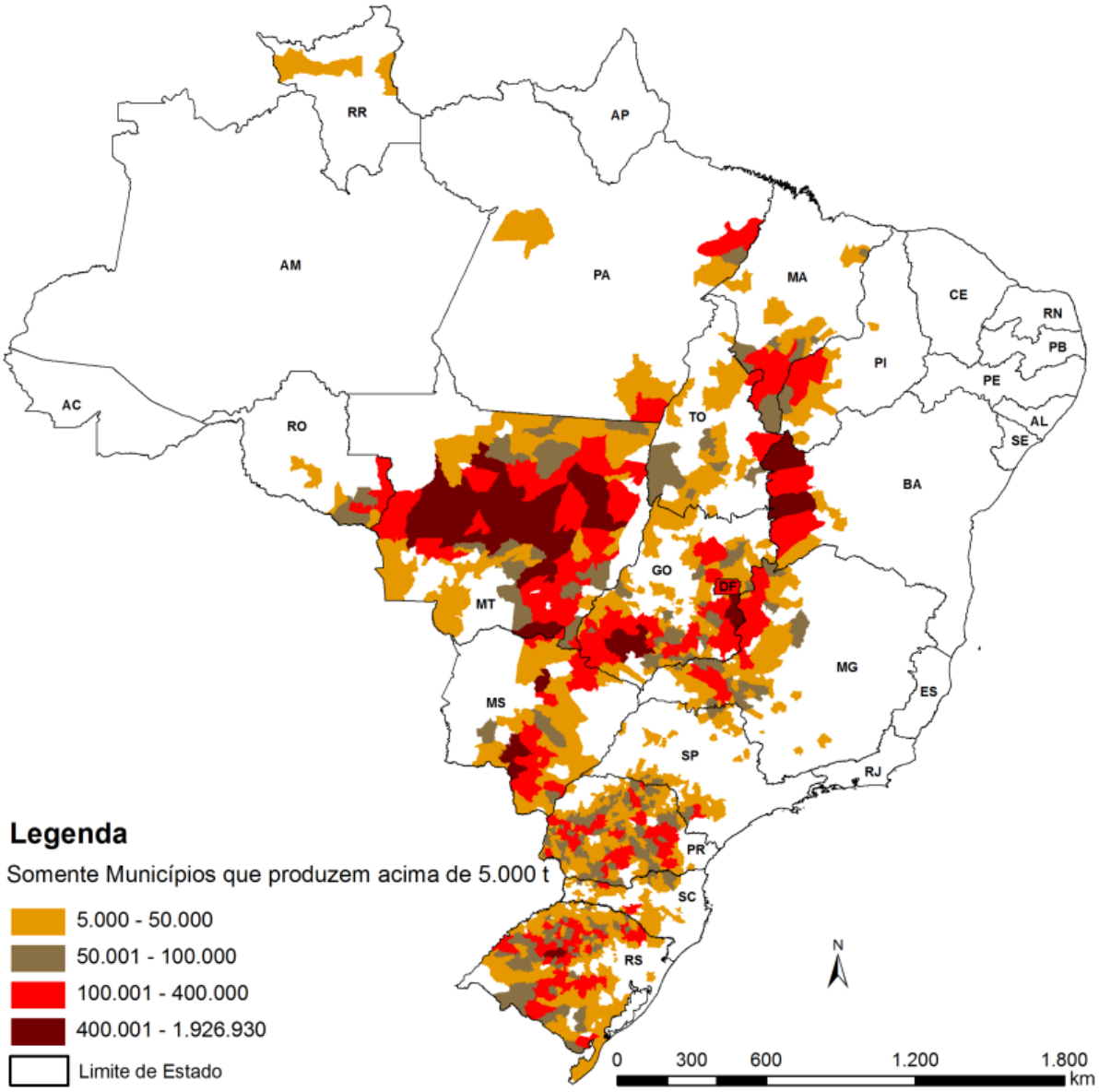
Nota: Estimativa outubro/2015

Tabela 52 – Calendário de plantio e colheita – soja

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

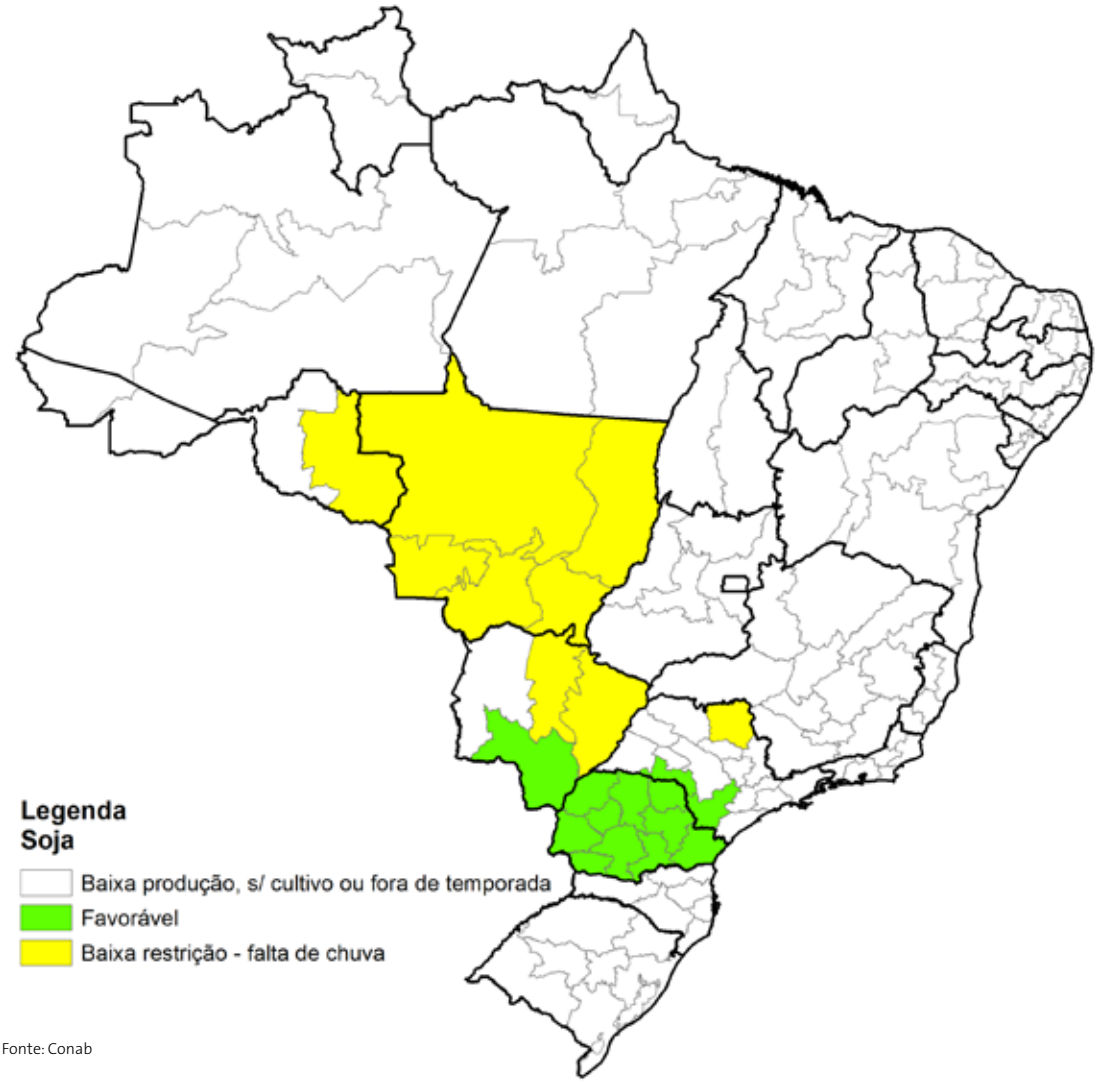
Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 34 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.



Fonte: Conab

Tabela 53 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis proble-mas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis proble-mas por falta de chuva
Soja	• - sul de SP (PP)- noroeste e oeste do PR (P)- nordeste, leste e sul do PR (PP)- sudoeste do MS (PP)- parte sul do centro norte e leste do MS (PP)- todo estado do MT (PP)			- leste de RO (PP)- norte de SP (PP)- parte norte do centro norte e leste do MS (PP)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

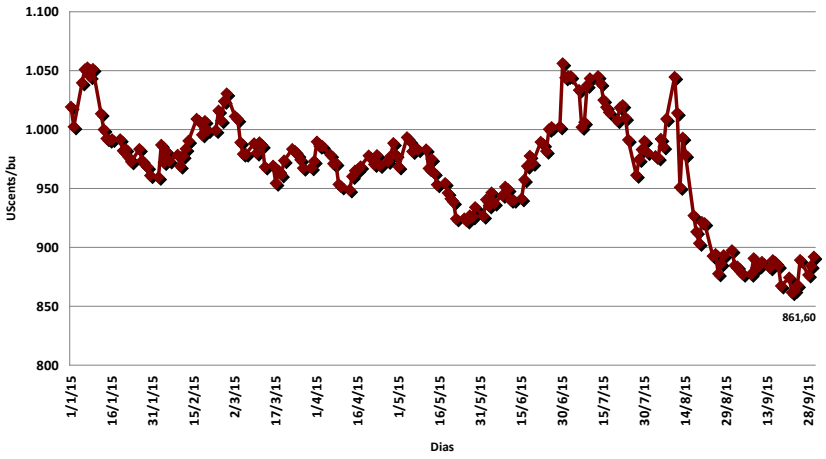
** - Restrição de baixa intensidade

12.1.8.1. Oferta e demanda

Mercado internacional

Contrariando a expectativa do mercado internacional o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou um aumento na produção norte americana de soja em grãos estimada em 107,1 milhões de toneladas. Com isso, os preços da Bolsa de Mercadoria de Chicago (CBOT) tiveram uma queda vertiginosa e fechou o mês em UScents 880,76/bu (US$ 323,62/t) e chegou a ser cotado 861,60/bu (US$ 316,58/t) o pior valor do ano e o menor valor cotado desde março de 2009.

Gráfico 65 – Preços internacionais da soja em 2015 (FOB) – bolsa de mercadorias de Chicago (CBOT)



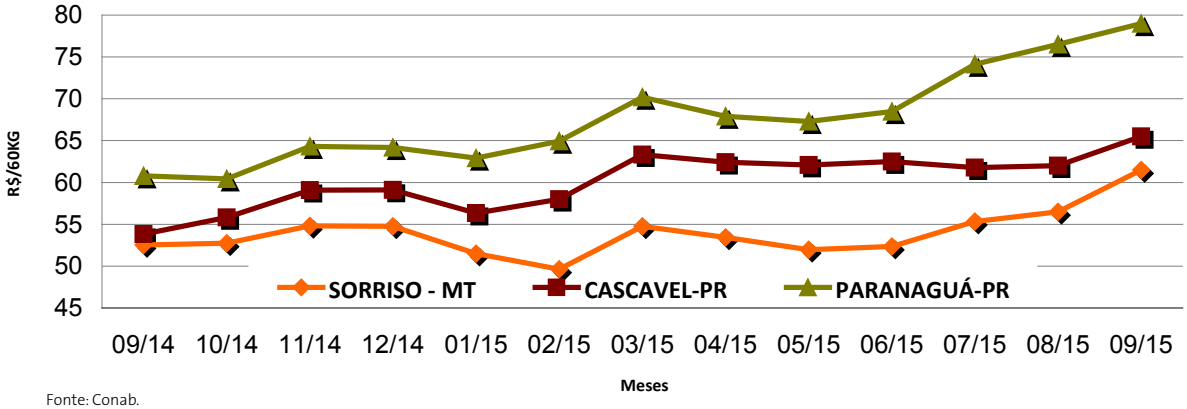
Fonte: CME Group.

Mercado nacional

Em que pese os preços internacionais em baixa, os preços internos tiveram uma pequena alta, puxada pela alta do dólar frente ao real, que chegou a ser cotado a R$ 4,19 no dia 24 de setembro.

Do início de janeiro até o dia 25 de setembro de 2015 os preços internacionais tiveram uma baixa de aproximadamente 12,75%, já os preços nacionais uma alta de aproximadamente 24,91%, promovida pela alta do dólar de 53,88%.

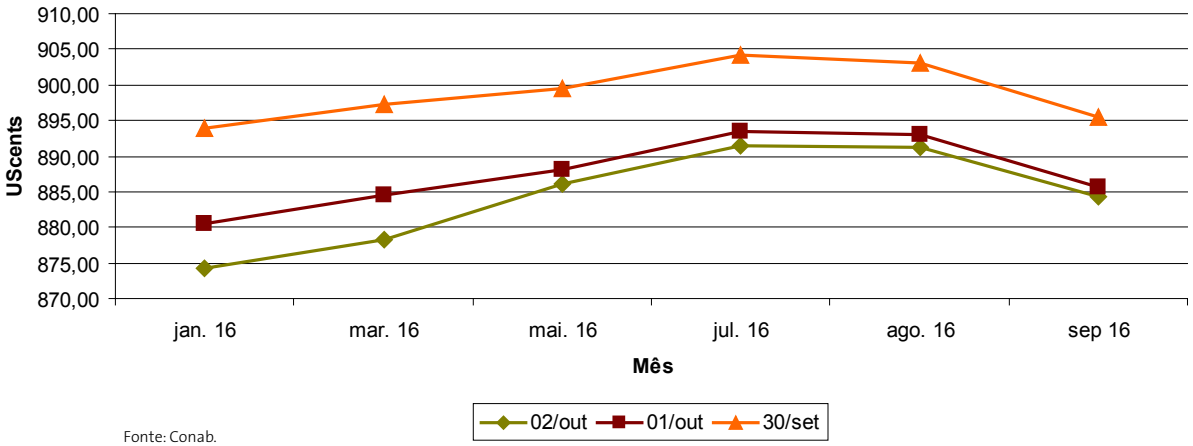
Gráfico 66 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R$/60kg



Fonte: Conab.

Para a próxima safra os preços internacionais devem continuar em baixa conforme podemos observar na tabela de preços futuros da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) abaixo e os preços nacionais só continuarão em alta caso o dólar continue nos patamares atuais

Gráfico 67 – Preços futuros (CBOT)



Fonte: Conab.

Assim, caso os preços continuem a girar entorno de USCents 900/bu e USCents 850/bu no mercado internacional, os preços nacionais devem ficar entre R$ 55,47/60kg e R$ 63,60/60kg em Sorriso (MT) e R$ 66,76/60kg e R$ 74,89/60kg em Cascavel (PR).

Tabela 54 – Expectativa de preços pagos ao agricultor – 2016

Expectativa de Preços Pago ao Agricultor 2016 (Sorriso - MT)								
Dólar (R$)								
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (US-cents/bu)	1.000	50,05	54,49	58,94	63,38	67,83	72,27	76,72
	950	46,79	51,02	55,25	59,48	63,71	67,94	72,16
	900	43,54	47,55	51,57	55,58	59,59	63,60	67,61
	850	40,29	44,09	47,88	51,68	55,47	59,27	63,06
	800	37,04	40,62	44,20	47,77	51,35	54,93	58,51

Obs: - Frete (Paranaguá-PR/Sorriso-MT) = R$ 280,00/ton. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 45,00/bu

Expectativa de Preços Pago ao Agricultor 2016 (Cascavel - PR)								
Dólar (R$)								
		3,00	3,20	3,40	3,60	3,80	4,00	4,20
CBOT (US-cents/bu)	1.000	61,33	65,78	70,22	74,67	79,11	83,56	88,00
	950	58,08	62,31	66,54	70,77	74,99	79,22	83,45
	900	54,83	58,84	62,85	66,86	70,88	74,89	78,90
	850	51,58	55,37	59,17	62,96	66,76	70,55	74,35
	800	48,33	51,90	55,48	59,06	62,64	66,22	69,79

Obs: - Frete (Paranaguá-PR/Cascavel-PR) = R$ 90,00/ton. - Premio Porto Paranaguá-PR = UScents 45,00/bu

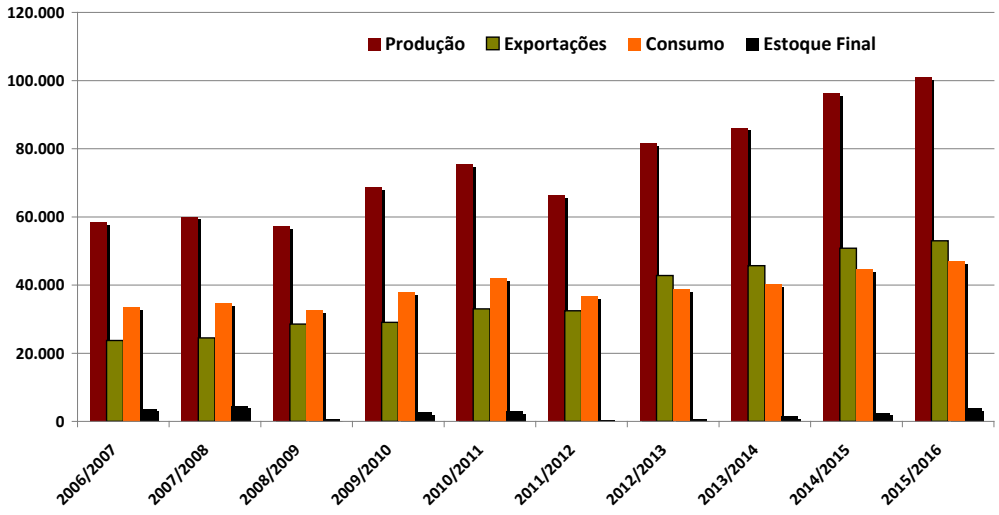
As exportações totais para a safra 2014/15 foram estimadas em aproximadamente 50,8 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a setembro de 2015 o Brasil exportou, aproximadamente, 49,55 milhões de toneladas de soja. Valor exportado 11,02% maior que no mesmo período do ano anterior. Em setembro as exportações brasileiras chegaram a 3,7 milhões de toneladas.

Para a safra 2015/16 a Conab estima uma produção média de 100,99 milhões de toneladas de soja em grãos. O consumo interno total deve chegar a 46,95 milhões de toneladas, levando em consideração o aumento de uso de sementes para plantio e principalmente o aumento de consumo de farelos de soja para a produção de frango que deve ser na ordem de 3%, além do aumento per capta do uso de óleo de soja para consumo humano e uso no biodiesel.

As exportações brasileiras de soja devem ser de aproximadamente 53 milhões de toneladas, contra o estimado em 50,8 milhões de toneladas de grãos da safra 2014/15. Este crescimento ocorre principalmente devido aumento de importação feita pela China que, segundo o Usda, passou de 77 para 79 milhões de toneladas, e o Brasil representa mais de 51% de todas estas importações.

Desta maneira, o estoque final brasileiro de soja para a safra 2015/16 deverá ser de 3,86 milhões de toneladas de soja em grãos.

Gráfico 68 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas dez safras (em mil toneladas)

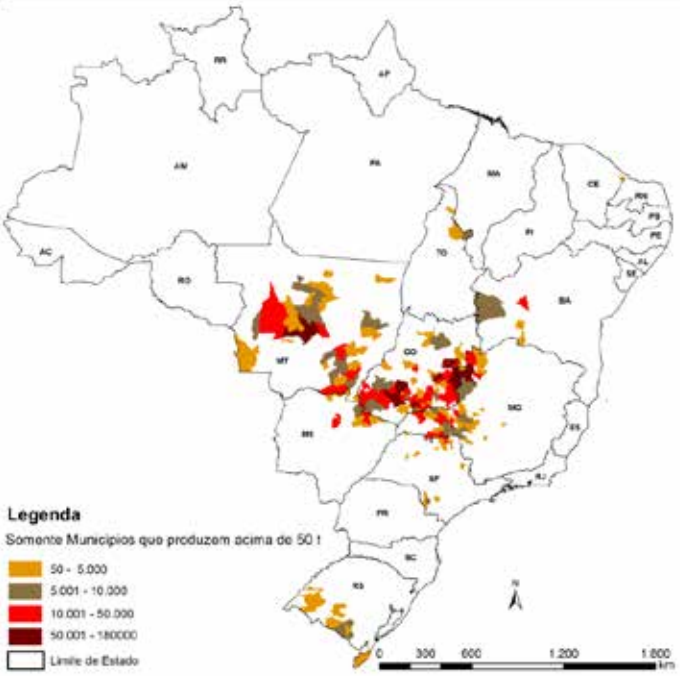


Fonte: Conab.

Nota: * expectativa

12.1.9. Sorgo

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 55 – Calendário de plantio e colheita – sorgo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %		Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	21,4	21,2	21,4	(0,9)	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	38,6	39,0	(2,5)	(1,5)
TO	21,4	21,2	21,4	(0,9)	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	38,6	39,0	(2,5)	(1,5)
NORDESTE	155,7	155,7	155,7	-	-	871	1.112	27,7	135,6	173,1	173,1	27,7	27,7
PI	6,2	6,2	6,2	-	-	2.548	1.888	(25,9)	15,8	11,7	11,7	(25,9)	(25,9)
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	0,9	(10,0)	(10,0)
RN	0,6	0,6	0,6	-	-	1.522	1.522	-	0,9	0,9	0,9	-	-
PB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PE	6,2	6,2	6,2	-	-	430	751	74,7	2,7	4,7	4,7	74,1	74,1
BA	142,0	142,0	142,0	-	-	811	1.091	34,5	115,2	154,9	154,9	34,5	34,5
CENTRO-OESTE	360,6	360,6	360,6	-	-	3.356	3.157	(5,9)	1.210,1	1.138,4	1.138,4	(5,9)	(5,9)
MT	111,7	111,7	111,7	-	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	276,8	(5,0)	(5,0)
MS	13,0	13,0	13,0	-	-	3.700	3.339	(9,8)	48,1	43,4	43,4	(9,8)	(9,8)
GO	232,6	232,6	232,6	-	-	3.661	3.441	(6,0)	851,5	800,4	800,4	(6,0)	(6,0)
DF	3,3	3,3	3,3	-	-	5.763	5.384	(6,6)	19,0	17,8	17,8	(6,3)	(6,3)
SUDESTE	174,4	174,4	174,4	-	-	3.696	3.276	(11,4)	644,5	571,3	571,3	(11,4)	(11,4)
MG	160,6	160,6	160,6	-	-	3.700	3.243	(12,4)	594,2	520,8	520,8	(12,4)	(12,4)
SP	13,8	13,8	13,8	-	-	3.645	3.662	0,5	50,3	50,5	50,5	0,4	0,4
SUL	10,5	10,5	10,5	-	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	25,5	-	-
RS	10,5	10,5	10,5	-	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	25,5	-	-
NORTE/ NORDESTE	177,1	176,9	177,1	(0,1)	-	989	1.197	21,1	175,2	211,7	212,1	20,8	21,1
CENTRO-SUL	545,5	545,5	545,5	-	-	3.447	3.181	(7,7)	1.880,1	1.735,2	1.735,2	(7,7)	(7,7)
BRASIL	722,6	722,4	722,6	-	-	2.844	2.695	(5,3)	2.055,3	1.946,9	1.947,3	(5,3)	(5,3)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

12.2. Culturas de inverno

Após um início de safra com algumas incertezas e especulações acerca das reduções de área e produtividade, hoje o quadro apresenta-se consolidado e a análise segue a partir do levantamento realizado em setembro de 2015.

O comportamento climático irregular vem sendo diagnosticado desde o início das safras de inverno. Durante os dois últimos decêndios de julho de 2015 houve excesso de chuvas em praticamente todas as regiões do Paraná e durante muitos dias seguidos, provocando atraso no manejo de pragas e doenças nos cereais de inverno. No entanto, as precipitações praticamente cessaram entre 20 de julho e 20 de agosto e os tratos culturais em fim puderam ser aplicados. No último decêndio de agosto e no primeiro de setembro as precipitações foram normais, porém abaixo do normal no decêndio seguinte. Em setembro as temperaturas apresentaram variações significativas, ficando, todavia, acima da média em determinados períodos, registrando ondas de calor muito intensas e baixa umidade relativa do ar. Também se verificaram vendavais e chuvas de granizo em diversas regiões. No final do inverno, entre 11 e 13 de setembro, novas geadas ocorreram nas regiões sul e sudoeste do estado, provocando prejuízo nas lavouras de trigo que se encontravam em fase susceptível ao fenômeno.

Na região norte do Paraná a colheita das culturas de inverno está bastante adiantada e o trigo apresenta redução de produtividade naquela região, pois, segundo os produtores, o excesso de chuva em julho, o período seco em agosto e as chuvas na pré-colheita são os principais fatores para a redução da produtividade do trigo na região.

Em Santa Catarina as características do inverno não foram diferentes do que ocorreu no Paraná. Conside-

rado atípico durante boa parte do período, também foi marcado por temperaturas altas, excesso de chuva associado à temporais com rajadas de vento e queda de granizo em alguns locais. A ocorrência de geadas tardias na fase reprodutiva causou impacto negativo em algumas regiões produtoras de trigo, resultando em perdas de produtividade.

Considerando as condições climáticas relatadas, observou-se relatos de aparecimento das principais doenças que atacam as culturas de inverno, tais como: Giberela - Gibberella zeae, Brusone - Pyricularia grisea (Cooke) Sacc. ou Magnaporthe grisea (T. Hebert) e Oídio - Blumeria graminis f. sp. tritici. Conforme VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale[5], as duas primeiras doenças são altamente influenciadas pelo ambiente e elas se desenvolvem sob condições de molhamento contínuo (superior a 10 horas) do início do emborrachamento até o final do enchimento de grãos. Para minimizar a probabilidade de danos por brusone, sugere-se evitar semeaduras no início do período definido no zoneamento agrícola. A Giberela (Gibberella zeae) é uma doença de infecção floral e de controle difícil, altamente influenciada pelo ambiente. As condições ambientais requeridas à infecção são temperatura de 20°C a 25°C e duração contínua do molhamento superior a 48 horas. O oídio, embora não seja veiculado pela semente, pode ser controlado em cultivares suscetíveis, pelo tratamento de sementes que também previne ao aparecimento do carvão (Ustilago tritici).

Da mesma forma, devido às temperaturas mais altas, o ciclo das culturas de inverno acabaram sendo mais curtos nos estado da Região Sul.

No Distrito Federal as altas temperaturas registradas ao longo do mês de setembro favoreceram o andamento da colheita das culturas de inverno, notadamente o trigo. O triticultor da região Central do Brasil tem a vantagem de o trigo do cerrado ser o primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização e com melhores preços, favorecidos pelo período de escassez do produto no mercado nacional.

Na Argentina as culturas de inverno sofreram inicialmente com a estiagem. Na sequência ocorreram alagamentos decorrentes do excesso de chuva, principalmente no norte da Província de Buenos Aires e centro sul da Província de Santa Fé. No que se refere ao trigo os dados indicam uma área plantada de 4 milhões de hectares, ante aos 5,26 milhões de hectares da safra passada, ou seja, 24% menor[6]. É importante que, diante dessa grande redução de área, fique-se atento ao desenvolvimento da cultura do trigo da Argentina. Pelo calendário de divulgação dos relatórios pelo Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca da Argentina, está previsto uma nova análise em 22 de outubro. As informações sobre a cultura do centeio nos últimos levantamentos realizados pela Conab são insuficientes para uma análise mais aprofundada, pois a cada ano reduz-se a área plantada. No Paraná a área cultivada será de apenas 1,3 mil hectares, no Rio Grande do Sul serão cultivados 500 hectares, demonstrando que esta cultura possui pequena importância econômica no cenário agrícola brasileiro.

A mesma situação ocorre com o triticale. Em todos os estados produtores, ou seja, Paraná (11,1 mil hectares), Rio Grande do Sul (5,7 mil hectares), São Paulo (4,2 mil hectares) e Santa Catarina (600 hectares), há uma estabilidade da área plantada, explicado, principalmente, pelo baixo valor comercial do cereal que é geralmente utilizado para ração.

12.2.1. Aveia

A área cultivada com aveia no Brasil terá um acréscimo de 23,6%, atingindo 189,9 mil hectares, sendo a segunda maior área plantada entre as culturas de inverno, ficando apenas atrás do trigo.

No Rio Grande do Sul, estado com maior área plantada, o aumento estimado é de 33% em relação à safra passada, alcançando 118,4 mil hectares. Com o início da colheita na região das Missões e Noroeste do estado se tem as primeiras avaliações sobre a produtividade. Nas primeiras áreas colhidas naquela região a produtividade foi baixa, 1.800 kg/ha e a qualidade compromete o uso para consumo humano. Há relatos da destinação de parte da lavoura para a silagem e as áreas mais atingidas pela geada serão dessecadas, ficando apenas como cobertura de solo para a implantação das culturas de verão. Nas áreas com semeadura intermediária o aspecto é mais animador e se o clima colaborar na colheita poderá gerar produto com melhor qualidade. Já na Região Nordeste, como a semeadura ocorreu mais tarde, os danos da geada foram maiores, mas a região é pouco expressiva na produção de aveia. A produtividade nessa safra será

5. Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale (2014: Canela, RS). Informações técnicas para trigo e triticale – safra 2015 / VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale ; Gilberto Rocca da Cunha e Eduardo Caierão, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2014. 229 p.

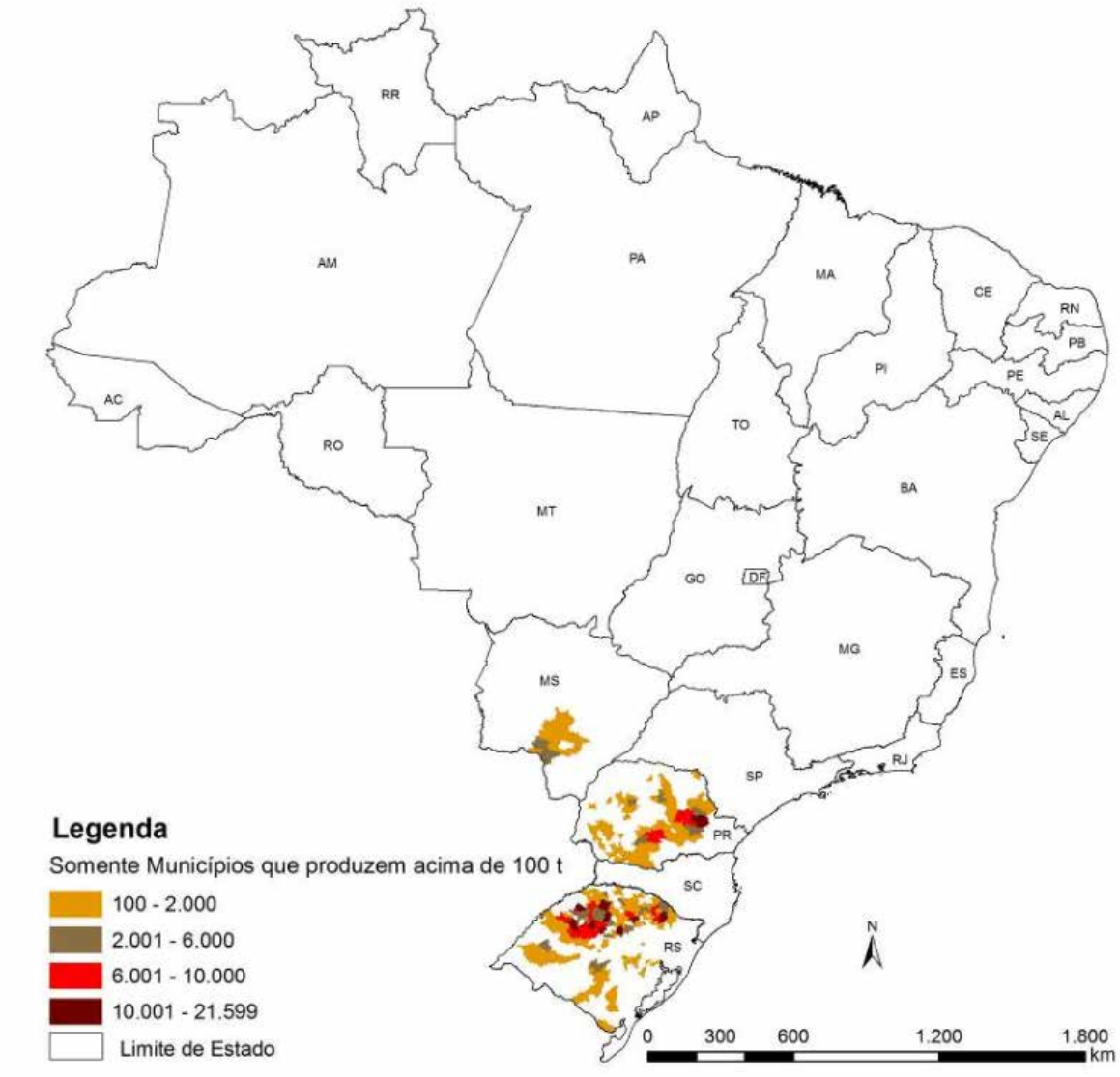
6. Referências extraídas documento "Estimaciones Agrícolas/Agosto 2015", publicado pelo Ministerio de Agricultura, Ganaderia y Pesca, Subsecretaría de Agricultura, Dirección Nacional de Información y Mercados. Disponível em: <http://dev.siia.gov.ar//_informes%5CEstimaciones_Agricolas%5CMensual/150820_Informe%20Mensual%20Estimaciones%20-%20Ago-2015.pdf> Acessado em 05/10/2015.

inferior ao potencial da cultura, avaliada até o momento em 2.100 kg/ha.

Houve relatos de falta de sementes de aveia em algumas praças do Planalto Médio gaúcho, pois o baixo custo de implantação das lavouras, a boa produção de massa seca e proteção do solo motivou os agricultores a plantarem a cultura. Há ainda a possibilidade de pastejo, que torna-se mais uma fonte de renda ao produtor. Com isso, muitos produtores acabaram comprando sementes de baixa qualidade, que influenciará o rendimento final da aveia.

No Paraná estima-se que 53% da área cultivada com aveia branca já foi colhida, registrando produtividade de 2.167 kg/ha. No caso da aveia preta estima-se que 41% da área foi colhida com produtividade de 1.243 kg/ha, porém a ampla maioria das áreas cultivadas com aveia preta destinam-se para outros fins que não à produção de grão (cobertura de solo, pastejo e semente). No geral, a área de aveia branca teve um acréscimo de 2,5% em relação à safra passada, com redução de 10,8% e 8,6% na produtividade e produção, respectivamente.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 37 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil.

Fonte: Conab

Tabela 57 - Calendário de plantio e colheita - aveia

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	• - sudoeste, centro sul, sudeste e leste do PR (F/FR), exceto regiões pontuais no sudoeste centro sul e sudeste.- nordeste, centro e sudoeste do RS (F/FR), exceto regiões pontuais	- regiões pontuais do norte e oeste do PR (C)**	- regiões pontuais do sudoeste, centro sul e sudeste do PR (F/FR)**- regiões pontuais do nordeste, centro e sudoeste do RS (F/FR)**- noroeste do RS (F/FR)	- norte e oeste do PR, exceto em regiões pontuais (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

Tabela 58 – Calendário de plantio e colheita – aveia

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 59 – Comparativo de área, produtividade e produção – aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	7,6	-	1.474	1.500	1,8	11,2	11,4	1,8
MS	7,6	7,6	-	1.470	1.500	2,0	11,2	11,4	1,8
SUL	146,1	176,9	21,1	2.027	2.122	4,7	296,2	375,4	26,7
PR	57,1	58,5	2,5	2.429	2.167	(10,8)	138,7	126,8	(8,6)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.100	18,6	157,5	248,6	57,8
CENTRO-SUL	153,7	184,5	20,0	2.000	2.360	18,0	307,4	386,8	25,8
BRASIL	153,7	184,5	20,0	2.000	2.360	18,0	307,4	386,8	25,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

11.2.2. Canola

A estimativa da safra da canola no Brasil é que haja uma produção de 61,4 mil toneladas, que apresenta um aumento de 69,1%, mesmo com a redução de 4,3% na área plantada. Tal fato é justificado pelo ganho na produtividade, a qual estima-se em 1.544 kg/ha, aumento de 90,1% em relação à safra 2013/14.

No Rio Grande do Sul a lavoura de canola atualmente encontra-se na fase final do ciclo, mais especificamente no estádio de enchimento das síliquas e maturação. Em geral, as plantas apresentam uma menor quantidade de síliquas em relação às safras anteriores. Com a colheita iniciada, até o momento, as lavouras apresentaram produtividade normal sem relatos de produtividade excepcional nem baixas significativas.

Segundo às empresas fomentadoras da cultura a semente disponível era suficiente para atender à demanda dos produtores, inclusive para o aumento da área. Porém, há relatos de sobra de semente devido à baixa procura. A justificativa é que o risco de que o cultivo não obtivesse êxito, principalmente por conta da maturação disforme das síliquas que acarreta perdas de rendimento.

Com isso estima-se que a área cultivada com canola no Rio Grande do Sul é de 35 mil hectares, com produtividade média de 1.352 kg/ha. O preço da canola é o maior incentivo para o produtor, uma vez que acompanha o preço da soja, ou seja, é mais que o dobro do preço do trigo. Além disso, o produto tem alta liquidez no mercado, haja vista que a maioria da produção é comercializada antes mesmo do início da safra, junto à indústria de óleos. Ademais, a canola tem muita importância na rotação de culturas, pois possui um sistema radicular que facilita a aeração do solo, substituindo o nabo que também tem a característica de aeração do solo, porém sem valor comercial.

No Paraná a área plantada com canola e a produtividade apresentam aumentos de 42,1% e 6,2%, respectivamente, fazendo com que a produção paranaense alcance 12,4 mil toneladas. Atualmente estima-se que 32% da área esteja colhida, com produtividade média de 1.525 kg/ha

Tabela 60 – Calendário de plantio e colheita – canola

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul	C							P				C
PR	C							P				C
RS	C							P				
Centro-Sul	C							P				
Brasil	C							P				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

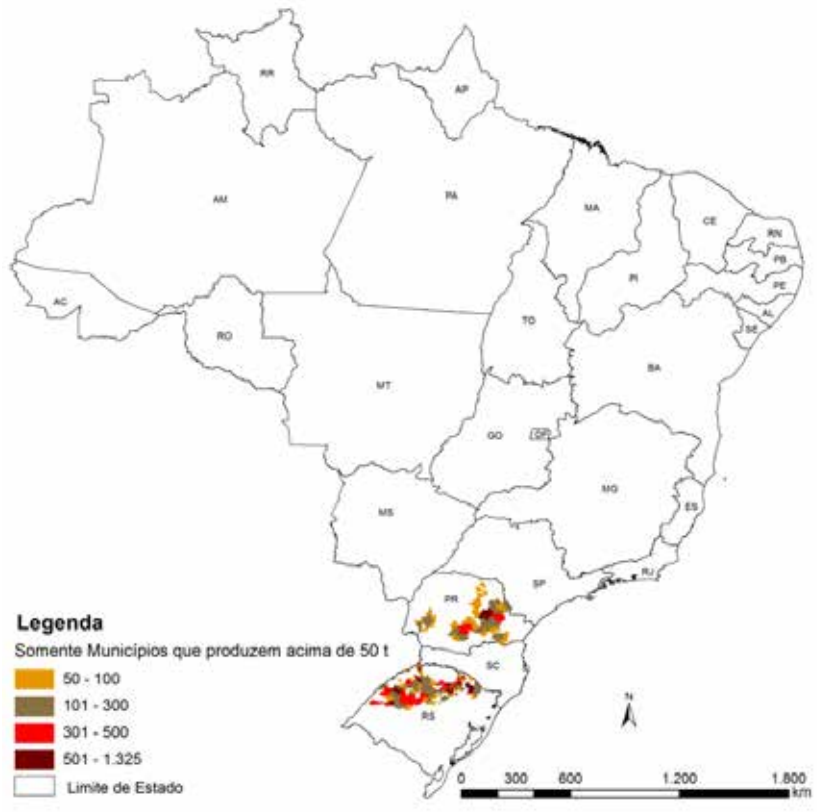
Tabela 61 – Comparativo de área, produtividade e produção – canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.425	75,5	36,3	61,4	69,1
PR	5,7	8,1	42,1	1.436	1.525	6,2	8,2	12,4	51,2
RS	39,0	35,0	(10,3)	720	1.400	94,4	28,1	49,0	74,4
CENTRO-SUL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.544	90,1	36,3	61,4	69,1
BRASIL	44,7	43,1	(3,6)	812	1.544	90,1	36,3	61,4	69,1

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – canola



Fonte: Conab/IBGE.

12.2.3. Centeio

Tabela 62 – Calendário de plantio e colheita – centeio

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/		09
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul		**C**							**P**			
PR		C							P			
RS		C						P	P			
Centro-Sul		C							P			
Brasil		C							P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 63 – Comparativo de área, produtividade e produção – centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9
PR	1,3	1,3	-	2.103	2.177	3,5	2,7	2,8	3,7
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.550	3,3	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9
BRASIL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – centeio

Fonte: Conab/IBGE.

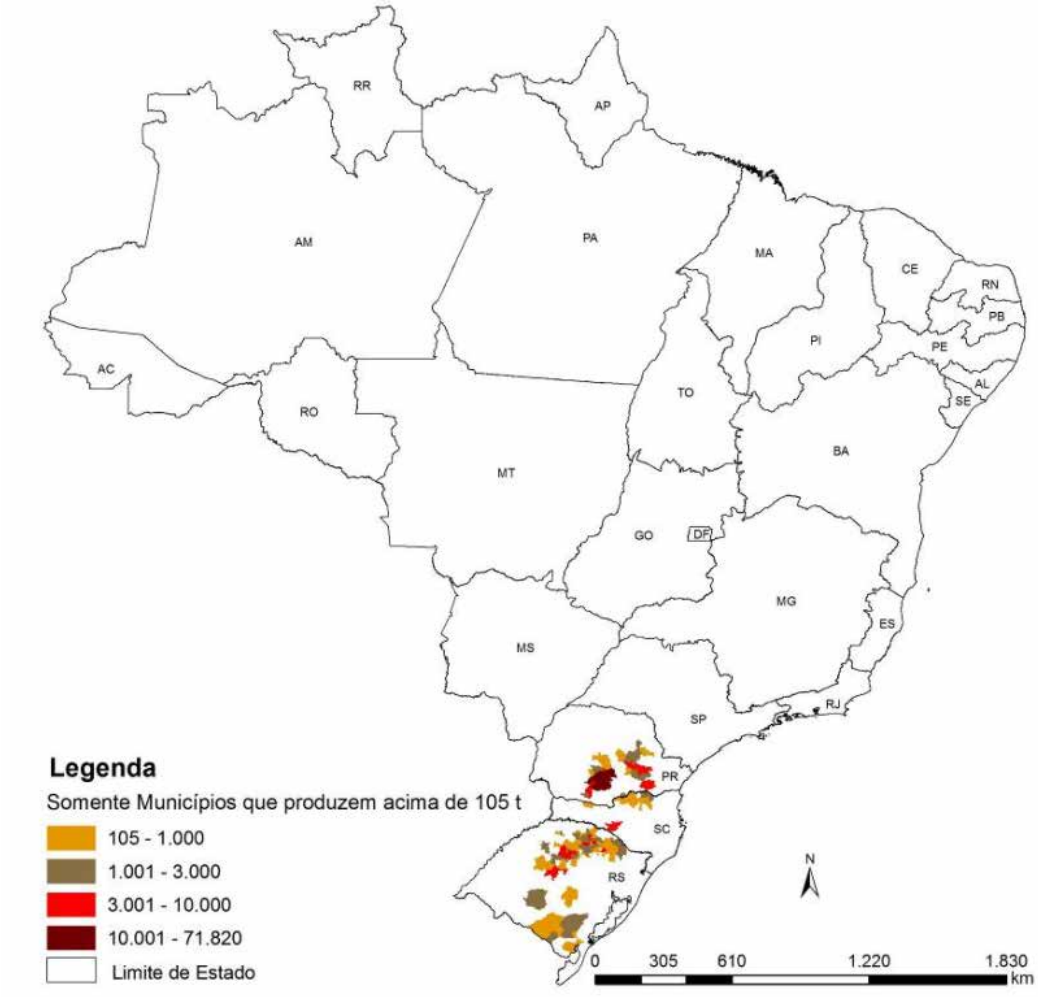
12.2.4. Cevada

A estimativa de área cultivada com cevada no Brasil é de 103 mil hectares, 12,1% menor do que na safra anterior. Contudo, com incremento na produtividade, que chegará a 3.376 kg/ha, a produção total alcançará 334,7 mil toneladas, 9,6% maior do que a safra 2014.

A cevada e a canola são culturas que recebem incentivos das indústrias interessadas em adquirir o produto, uma vez que estas empresas fornecem sementes e insumos e garantem a compra do produto por um preço mínimo.
No Rio Grande do Sul a área plantada com cevada prevista é de 49,5 mil hectares, distribuída no estado nas regiões com aptidão para o cultivo da cevada cervejeira e representa 21,4% menos do que a safra 2014/15. A produção total, porém, é estimada em 118,8 mil toneladas, 4,8% maior do que a safra passada.

Quando comparamos a produtividade prevista de 2.400 kg/ha com a previsão do último levantamento (agosto de 2015), 2.700 kg/ha, notamos uma redução de 11,1% em função das chuvas irregulares e da geada tardia. É importante frisar que há dificuldade para se obter informações mais detalhadas sobre essa cultura, haja vista que até mesmo a assistência técnica é vinculada à indústria. A preocupação dos agricultores se refere às condições climáticas no período que antecede a colheita, pois chuvas em excesso nesta fase influenciam sobremaneira a qualidade da cevada cervejeira.

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

Fonte: Conab

Tabela 64 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	• - centro sul, sudeste e leste do PR (F/FR), exceto regiões pontuais no sudeste e centro sul		- regiões pontuais do sudeste e centro sul do PR (F/FR)**- noro-este do RS (F/FR)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

No Paraná o diagnóstico inicial é que houve atraso na implantação das lavouras de cevada devido à umidade do solo nos primeiros 20 dias de julho. Atualmente as lavouras estão, em sua maioria, em floração ou frutificação. A estimativa é que a área cultivada com a cevada seja de 51,3 mil hectares, 3,6% menor do que a safra anterior. Porém, com o incremento de 13,6% na produtividade, a produção paranaense deverá alcançar 206,7 mil toneladas.

Em Santa Catarina, apesar de oscilações climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura, o resultado até o momento é considerado positivo. As lavouras de cevada foram implantadas mais tarde do que acontece normalmente, após o excesso hídrico do mês de julho.

As geadas ocorridas no início de setembro não afetaram negativamente a cultura de forma geral, pois boa parte das lavouras encontrava-se em estádio vegetativo. A cevada localizada no oeste do estado foram as mais prejudicadas pela geada, pois estavam mais suscetíveis. As chuvas estão ocorrendo de forma espaçada e em volumes normais, suprindo as necessidades da cultura. Os tratos culturais, como adubação e tratamento sanitário, estão sendo realizados normalmente. A preocupação, contudo, persiste no fato de haver previsão de excesso de chuva para os próximos meses, o qual pode prejudicar a formação do grão e prejudicar a colheita do cereal, o que resultaria em perdas de qualidade do produto destinado às maltarias.

Tabela 65 – Calendário de plantio e colheita – cevada

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/		09
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab

Tabela 66 – Comparativo de área, produtividade e produção – cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	103,6	(11,6)	2.606	3.231	24,0	305,4	334,7	9,6
PR	53,2	51,3	(3,6)	3.547	4.030	13,6	188,7	206,7	9,6
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	3.300	-	3,3	9,2	178,8
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	2.400	33,3	113,4	118,8	4,8
CENTRO-SUL	117,2	103,6	(11,6)	2.606	3.376	29,5	305,4	334,7	9,6
BRASIL	117,2	103,6	(11,6)	2.606	3.376	29,5	305,4	334,7	9,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

12.2.5. Trigo

A consolidação dos dados da cultura do trigo produzido no Brasil indica que haverá redução da área plantada em 9,8%, ficando em 2,48 milhões de hectares. Mesmo com o dado negativo espera-se que a produção fique em 6,6 milhões de toneladas, 11,4% maior do que a safra anterior, impulsionada, principalmente pelo aumento esperado na produtividade, que crescerá 23,6%, atingindo em média 2.675 kg/ha.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, os dados atualizados no último levantamento confirmam as expectativas iniciais de redução de 3,8% na área plantada, com uma leve queda de 0,6% na produtividade. Desta forma a produção total esperada naquele estado será 3,63 milhões de toneladas.

As lavouras de trigo foram castigadas por doenças,

principalmente a Giberela, a Brusone e as manchas foliares, além de bacterioses. Como a cultura é muito susceptível ao clima, teve produtividade e qualidade afetadas pelas condições climáticas. Os produtores encontram-se insatisfeitos com as produtividades das lavouras, principalmente quando se leva em conta a tecnologia e o investimento aplicado. Há informações de pedidos de acionamento do seguro agrícola em função de perdas. As lavouras mais prejudicadas foram as colhidas primeiro, onde a produtividade chegou a ter uma redução de 30%.

No Rio Grande do Sul a cultura do trigo apresentou, inicialmente, uma boa perspectiva ao agricultor. Porém ao se iniciar os cultivos a irregularidade climática prejudicou sobremaneira o desenvolvimento das lavouras. A aplicação do nitrogênio não pode ser feita no prazo correto em função do excesso de chuva e após, a estiagem de agosto fez com que a aplicação deste fertilizante não surtisse efeito, impactando principalmente no pouco perfilhamento. Pode-se afirmar que haverá quebra de produtividade quando comparamos com o levantamento anterior, porém, até o momento, a produtividade será melhor do que a safra passada.

Há unanimidade entre os entrevistados que no próximo levantamento poderá se estimar o verdadeiro efeito das geadas de setembro. O prejuízo não foi maior até o momento devido à amplitude do período de semeadura e, desta forma, as lavouras estavam em estádios de desenvolvimento diversos. Nas regiões: campos de cima da serra e serra, as perdas até o momento são pontuais, pois o calendário é mais tardio e as intempéries não foram prejudiciais à cultura. As regiões dos municípios de Frederico Westphalen e Palmeira das Missões serão as com maiores perdas em função da geada. Nessas localidades as perdas devem ultrapassar 40% em relação à perspectiva inicial de produtividade. Nas regiões mais a Oeste do estado as lavouras semeadas mais cedo estavam no terço final do ciclo reprodutivo, o que minimizou o efeito da geada. Na região Sul a lavoura de trigo tem pouca representatividade com relação à área cultivada no estado (cerca de 7,5 %) e os efeitos das adversidades climáticas, especialmente as geadas, não trouxeram maiores consequências ao desenvolvimento da cultura.

Diante disso pode-se afirmar que a produtividade prevista em agosto de 2015, 2.631 kg/ha, sofrerá uma queda de 6,04%, ficando em 2.472 kg/ha no levantamento de setembro de 2015. Porém ante à safra passada, a produtividade terá um acréscimo de 85,9%.

Os demais indicadores para o Rio Grande do Sul mostram que haverá uma redução de 19,8% na área plantada em relação à safra passada, porém uma produção total de 2,25 milhões de toneladas, 49% maior do que a safra passada.

A área plantada de trigo no Mato Grosso do Sul foi 25% superior à da safra passada, sendo plantados 15 mil hectares. Este aumento de área ocorre, provavelmente, em função das boas condições de comercialização do produto no mercado regional, além dos preços ficarem atrativos. A cultura encontra-se com a colheita encerrada. A produtividade manteve-se estável em 2.000 kg/ha. Não foi superior, pois em algumas localidades há uso de sementes de produção própria e ocorreu plantio realizado precocemente, que expuseram as lavouras a condições climáticas desfavoráveis. Esses fatores contribuíram para aumentar a incidência de doenças fúngicas como a Bruzone e Giberela. Diante do exposto espera-se uma produção total de 30 mil toneladas de trigo no Mato Grosso do Sul.
Em Minas Gerais o bom regime de chuvas entre março e julho favoreceu o estabelecimento do trigo e a colheita já foi concluída nas lavouras de sequeiro e encontra-se em fase final nas áreas irrigadas. Na região central do estado as chuvas do início mês provocaram perdas de produtividade e qualidade nas lavouras de trigo. Há registros de problemas com brusone devido às condições climáticas no trigo de sequeiro. Estima-se uma área plantada de 80,3 mil hectares, 18,1% maior em relação à safra anterior. A área total de cultivo apresenta cerca de 65 a 70% cultivada em regime de sequeiro e 30% a 35% conduzida com irrigação. O crescimento da área de plantio ocorreu sobre as áreas de feijão segunda safra devido ao difícil controle de mosca-branca, e sobre as áreas de feijão terceira safra e olericultura, conduzidas sob pivôs de irrigação. Espera-se uma produção de 245,7 mil toneladas, que representa um aumento de 20,3% em relação à safra passada. A produtividade média esperada é de 3.060 kg/ha, acréscimo de 1,9% em relação à safra anterior.

Os dados da cultura do trigo em São Paulo são positivos. Indicam um aumento de 44,6% na produtividade em relação à safra 2013/14, chegando a 3.477 kg/ha. Somando-se ao aumento de 5,9% na área plantada, se alcançará uma produção total de 230,2 mil toneladas, 53,2% maior do que a safra passada.
Entre as vantagens do trigo do cerrado, por ser plantado geralmente em sistema irrigado, é o controle do principal fator condicionante para a produção - a água.

A área plantada com trigo no Distrito Federal ficou definida em 1.600 hectares, 13,5% superior à safra anterior. A produtividade média é estimada em 6.000 kg/ha, a mesma da safra anterior e poderá resultar em uma produção de 9,6 mil toneladas, 14,3% maior do que a safra 2013/14. A colheita encontra-se em fase final, restando pouco mais de 5% à ser colhido.

Cabe-se destacar que em evento realizado pela Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal LTDA (Coopa/DF), apresentou-se resultados excelentes nos cultivos de trigo irrigado e de sequeiro, com variedades adaptadas e alta tecnologia. Em última análise conclui-se que o trigo passa a ser cada vez mais uma realidade e uma alternativa para os agricultores do cerrado.

Tabela 67 – Comparativo de área, produtividade e produção – trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	146,5	12,3	2.717	3.248	19,5	354,6	475,9	34,2
MG	68,0	80,3	18,1	3.004	3.060	1,9	204,3	245,7	20,3
SP	62,5	66,2	5,9	2.404	3.477	44,6	150,3	230,2	53,2
SUL	2.604,2	2.314,7	(11,1)	2.124	2.630	23,8	5.530,7	6.088,6	10,1
PR	1.388,5	1.335,7	(3,8)	2.731	2.715	(0,6)	3.792,0	3.626,4	(4,4)
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	3.120	6,2	222,5	202,8	(8,9)
RS	1.140,0	914,0	(19,8)	1.330	2.472	85,9	1.516,2	2.259,4	49,0
CENTRO-SUL	2.758,0	2.487,4	(9,8)	2.165	2.675	23,6	5.971,1	6.652,6	11,4
BRASIL	2.758,0	2.487,4	(9,8)	2.165	2.675	23,6	5.971,1	6.652,6	11,4

Fonte: Conab

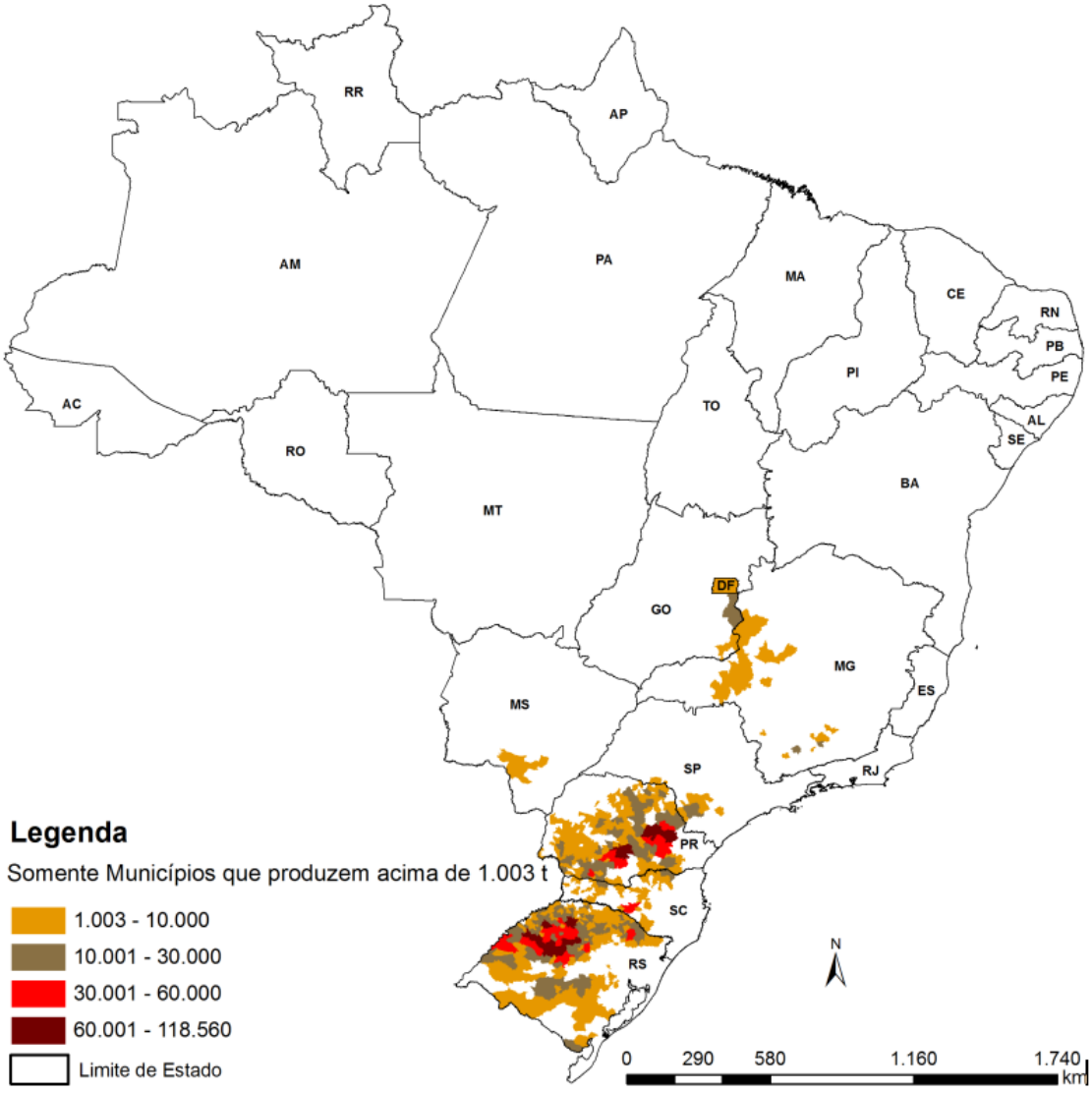
Nota: Estimativa outubro/2015

Tabela 68 – Calendário de plantio e colheita – trigo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 43 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

Fonte: Conab

Tabela 69 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	• - sudoeste, centro sul, sudeste e leste do PR (F/FR), exceto regiões pontuais no sudoeste, centro sul e sudeste.- oeste de SC (F/FR), exceto regiões pontuais- nordeste, centro e sudoeste do RS (F/FR), exceto regiões pontuais	- regiões pontuais do norte e oeste do PR (C)**- regiões pontuais do sul de SP (C)**	- regiões pontuais do sudoeste, centro sul e sudeste do PR (F/FR)**- regiões pontuais do oeste de SC (F/FR)**- regiões pontuais do nordeste, centro e sudoeste do RS (F/FR)**- noroeste do RS (F/FR)	- norte e oeste do PR, exceto em regiões pontuais (C)- noroeste e Triângulo de MG (C)- sul de SP, exceto em regiões pontuais (C)- sudoeste do MS (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab

12.2.5.1. Oferta e Demanda

A produção de trigo estimada pela Conab passou de 7.070,3 mil toneladas da avaliação do mês anterior, para 6.652,6 mil toneladas, ou seja, redução de 5,9%, mostrando, assim, os reflexos dos danos causados pelo clima nas culturas de trigo nas zonas de produção da Região Sul do Brasil.

Não obstante os danos causados na safra da ordem de 681,5 mil toneladas, as estimativas de importação foram mantidas em 5,35 milhões de toneladas, tendo em vista o fraco desempenho da atividade econômica, com reflexos no consumo doméstico.

Espera-se, pois, a substituição de importações da Região Nordeste por trigo nacional, devido ao câmbio elevado que torna o produto nacional muito competitivo frente ao estadunidense e argentino. Informações de mercado mostram que esse escoamento já se iniciou com a contratação de um navio de trigo do Paraná, via cabotagem. A Região Nordeste é tradicional importadora da commoditie, em volume próximo de 2 milhões de toneladas anuais.

Dessa forma, também foi mantida a previsão da moagem industrial em 10,5 milhões de toneladas, a mesma estimada pela Abitrigo.

Por outro lado estima-se que as exportações deverão ser de 1,3 milhão de toneladas, abaixo do número anterior, que foi de 1,5 milhão de toneladas. Menor disponibilidade interna devido à quebra da safra e maior demanda pelo produto nacional pelos moageiros do Brasil explicam esse comportamento.

Nessa conjuntura, o consumo interno deverá ser de 10,8 milhões de toneladas, viabilizando um estoque de passagem, em julho de 2016, de 1 milhão de toneladas, próximo a um mês de consumo.

12.2.6. Triticale

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – triticale

Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 70 – Calendário de plantio e colheita – triticale

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste								**P**				C
SP	C							P				C
Sul		**C**						**P**	**P**			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
Centro Sul								P				
Brasil												

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 71 – Comparativo de área, produtividade e produção – triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.400	2.640	10,0	48,0	52,8	10,0
SP	20,0	20,0	-	2.400	2.639	10,0	48,0	52,8	10,0
SUL	19,1	19,1	-	2.503	2.597	3,8	47,8	49,6	3,8
PR	12,8	12,8	-	2.713	2.853	5,2	34,7	36,5	5,2
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.600	-	1,6	1,6	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	39,1	-	2.450	2.588	5,6	95,8	102,4	6,9
BRASIL	39,1	39,1	-	2.450	2.588	5,6	95,8	102,4	6,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015

11. Balanço de oferta e demanda

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n. 1 - primeiro levantamento, outubro 2015.

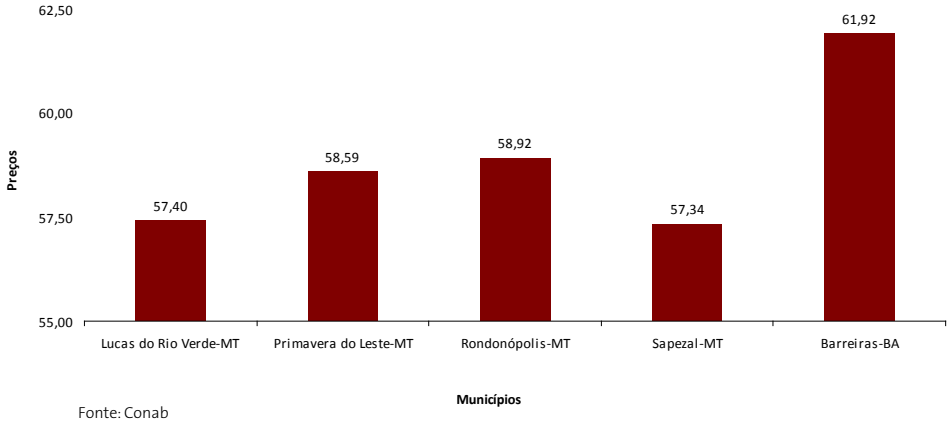
Tabela 72 - Balanço de oferta e demanda

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	820,0	748,6	502,0
	2014/15	502,0	1.532,8	5,0	2.039,8	780,0	790,0	469,8
	2015/16	469,8	1.547,0	5,0	2.021,8	810,0	780,0	431,7
Arroz em casca	2009/10	2.531,6	11.660,9	1.044,8	15.237,3	12.152,5	627,4	2.457,4
	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	650,0	13.966,9	12.000,0	1.250,0	716,9
	2015/16	716,9	12.089,4	600,0	13.406,2	12.000,0	1.000,0	406,2
Feijão	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.185,1	110,0	3.598,9	3.350,0	90,0	158,9
Milho	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	85.456,5	350,0	97.642,0	55.959,5	27.241,1	14.441,4
	2015/16	14.441,4	83.108,8	500,0	98.050,1	58.197,9	28.000,0	11.852,2
Soja em grãos	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.691,0	1.415,8
	2014/15	1.415,8	96.243,3	300,0	97.959,1	44.638,9	50.800,0	2.520,1
	2015/16	2.520,1	100.993,0	300,0	103.813,1	46.946,0	53.000,0	3.867,1
Farelo de Soja	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.175,0	13.333,5	703,8
	2013/14	703,8	28.336,0	1,0	29.040,8	14.745,0	13.716,0	579,8
	2014/15	579,8	31.570,0	1,0	32.150,8	15.150,0	14.800,0	2.200,8
	2015/16	2.200,8	33.071,5	1,0	35.273,3	15.600,0	16.120,0	3.553,3
Óleo de soja	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.611,0	1.362,5	133,4
	2013/14	133,4	7.176,0	0,1	7.309,5	5.804,0	1.305,0	200,5
	2014/15	200,5	7.995,0	12,0	8.207,5	6.550,0	1.400,0	257,5
	2015/16	257,5	8.375,3	12,0	8.644,8	6.850,0	1.500,0	294,8
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,9	6.642,4	13.698,0	11.381,5	47,4	2.269,1
	2014	2.269,1	5.971,1	5.328,8	13.569,0	10.713,7	1.680,5	1.174,8
	2015	1.174,8	6.652,6	5.350,0	13.177,4	10.873,1	1.300,0	1.004,3

Nota: Estimativa em outubro/2015./ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

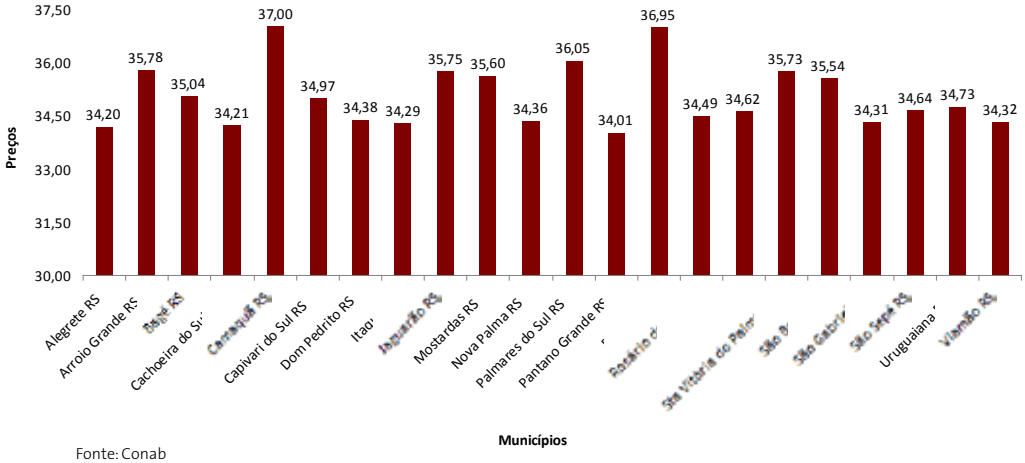
12. ANEXOS

Gráfico 72 - Preço, por município, de algodão em pluma (15 kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



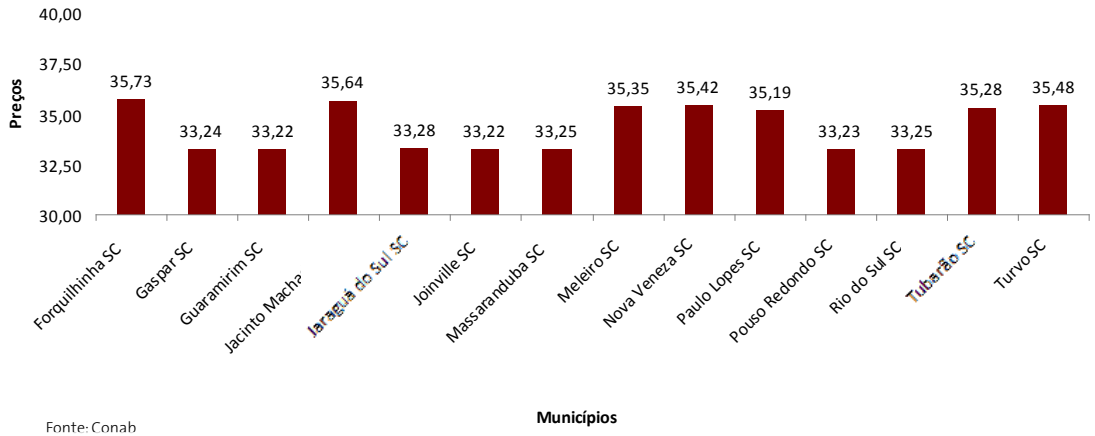
Fonte: Conab

Gráfico 73 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



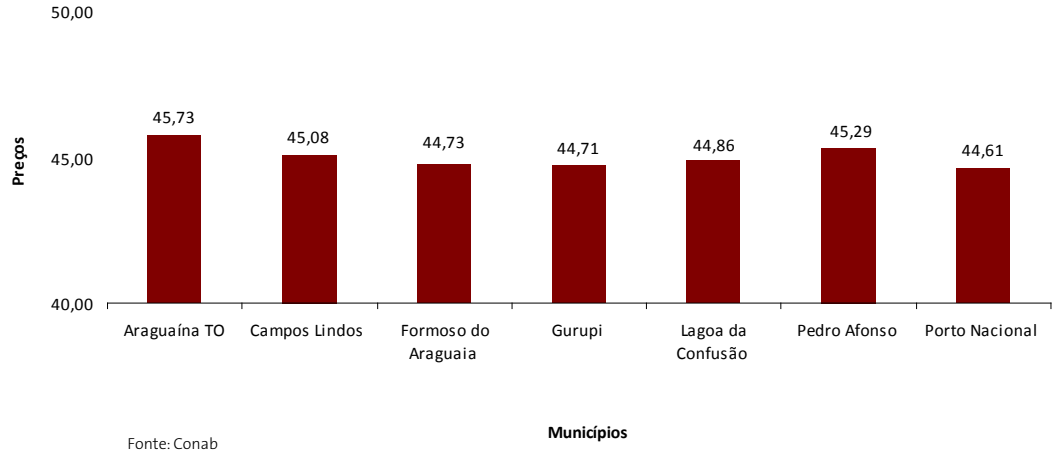
Fonte: Conab

Gráfico 74 - Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



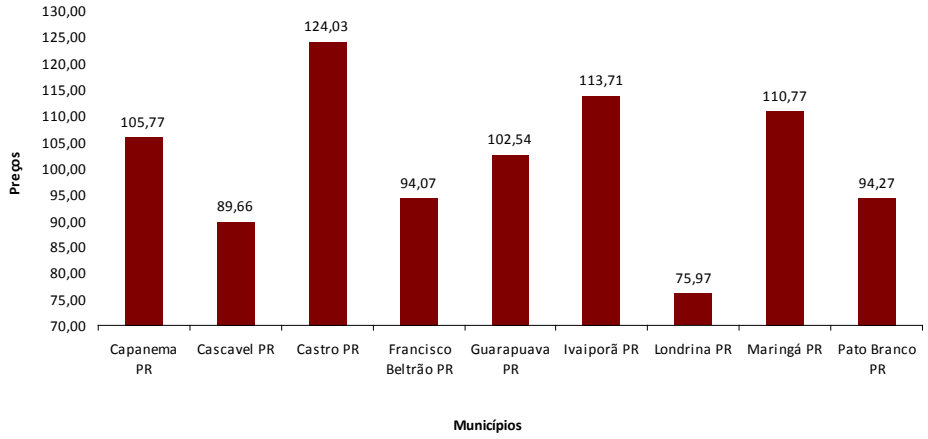
Fonte: Conab

Gráfico 75 - Preço, por município, de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



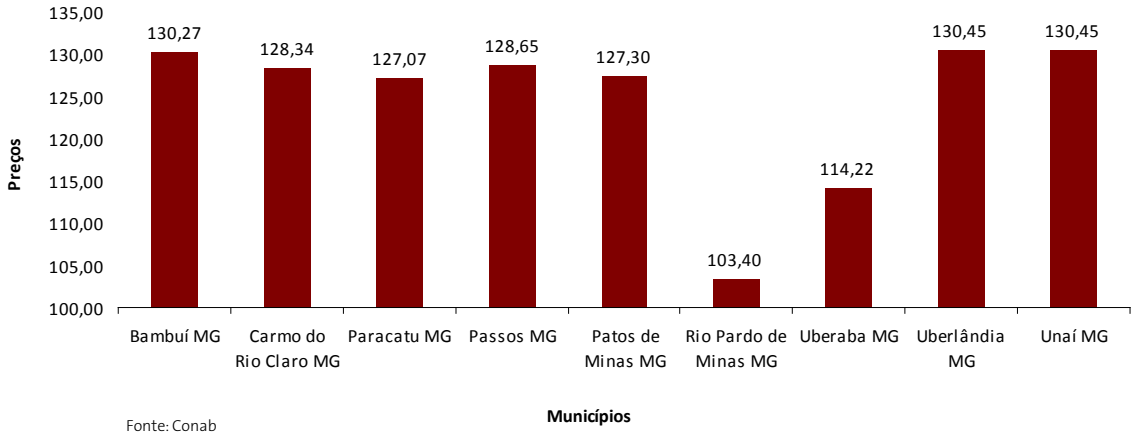
Fonte: Conab

Gráfico 76 - Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



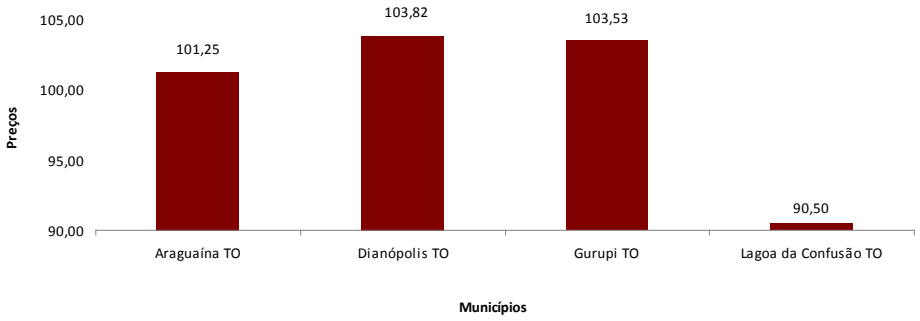
Fonte: Conab

Gráfico 77 - Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



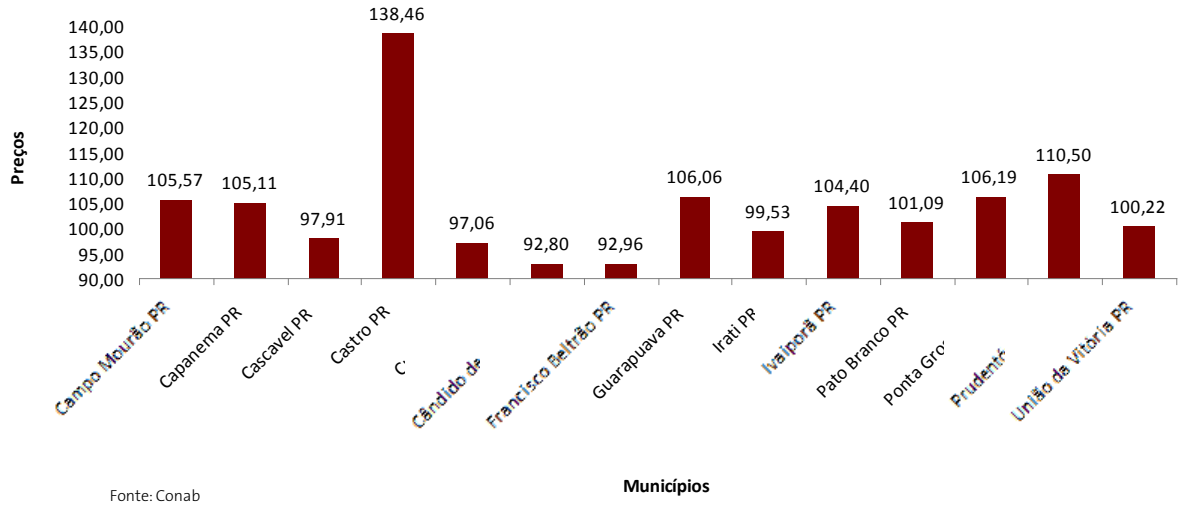
Fonte: Conab

Gráfico 78 - Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



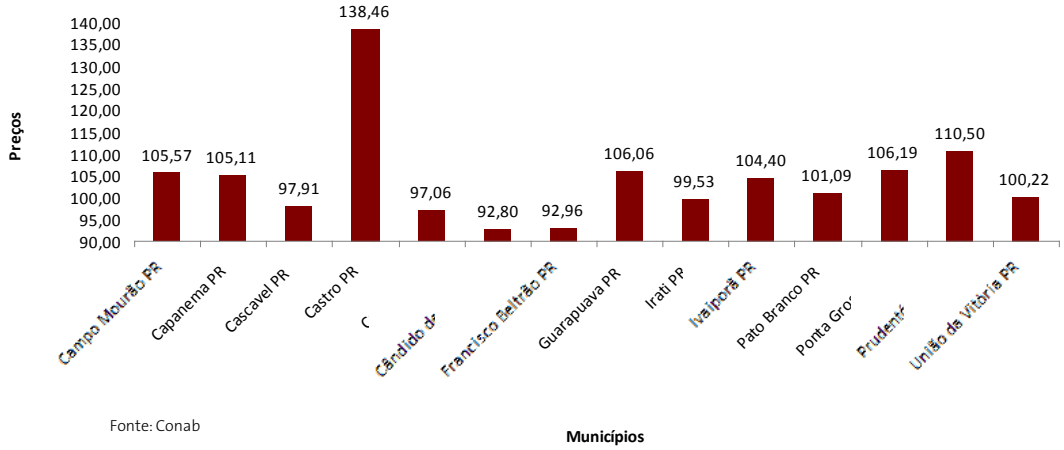
Fonte: Conab

Gráfico 79 - Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



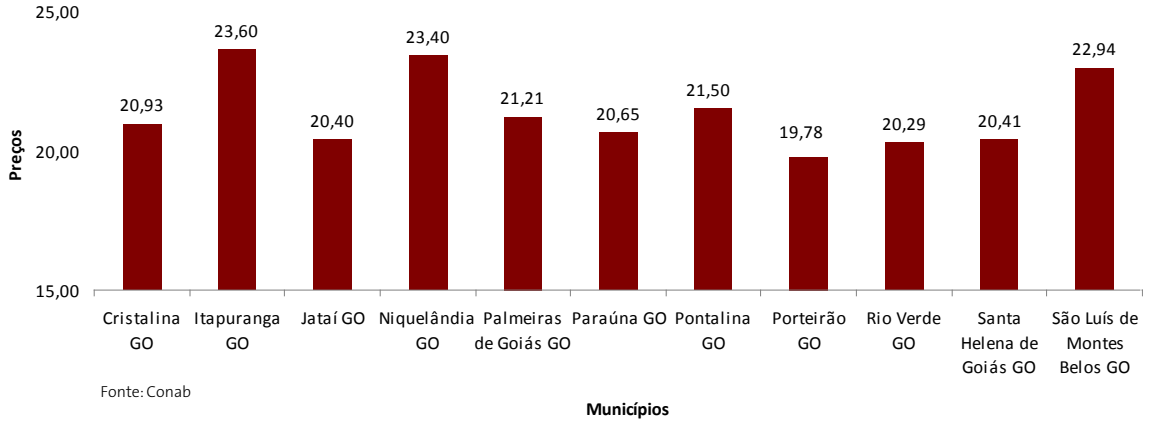
Fonte: Conab

Gráfico 80 - Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



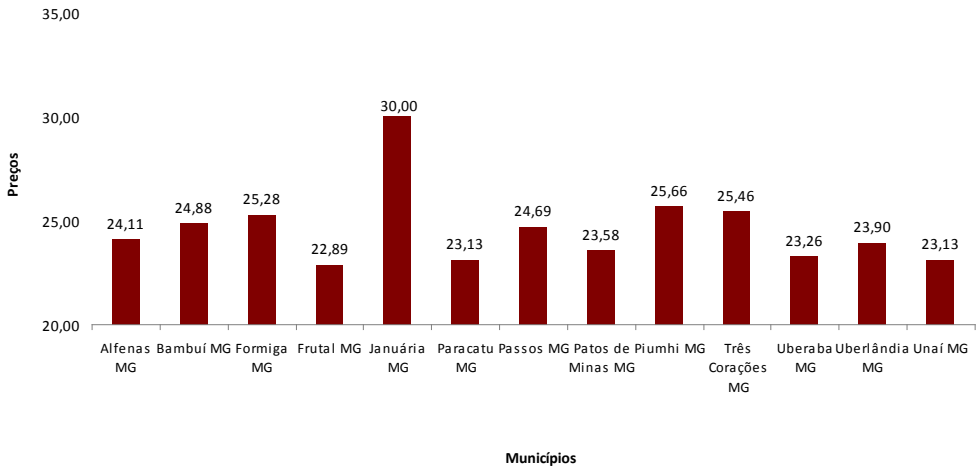
Fonte: Conab

Gráfico 81 - Preço, por município, de milho (60 Kg) – Goiás – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



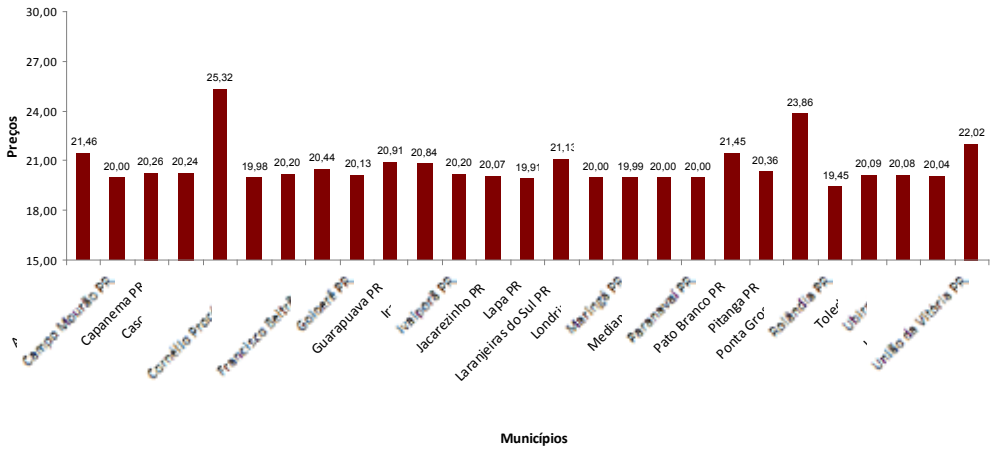
Fonte: Conab

Gráfico 82 - Preço, por município, de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



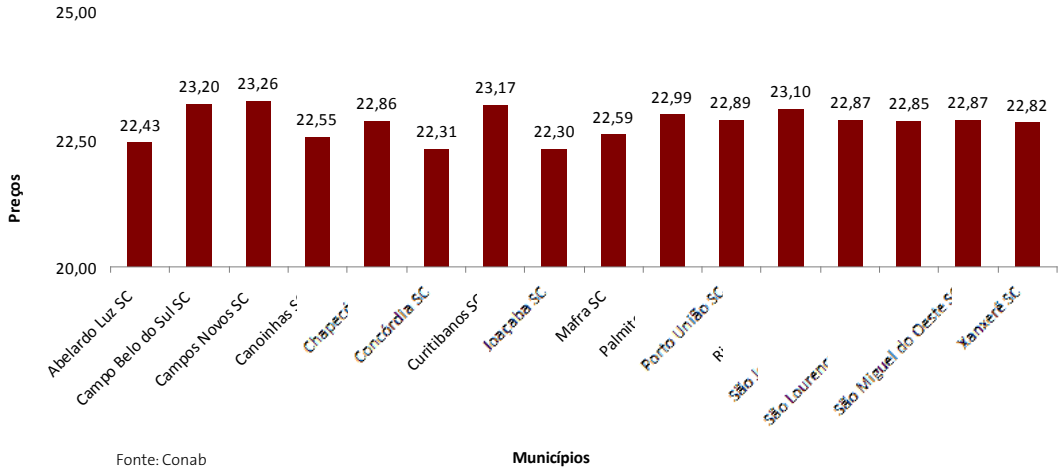
Fonte: Conab

Gráfico 83 - Preço, por município, de milho (60 Kg) – Paraná – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



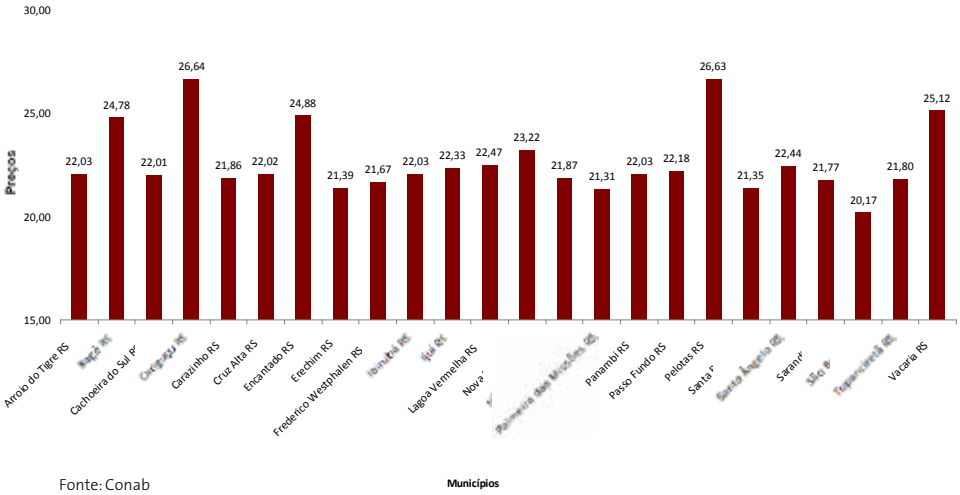
Fonte: Conab

Gráfico 84 -Preço, por município, de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



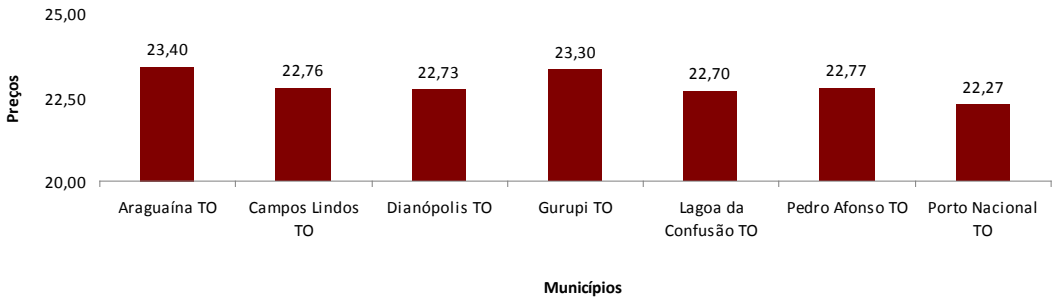
Fonte: Conab

Gráfico 85 -Preço, por município, de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



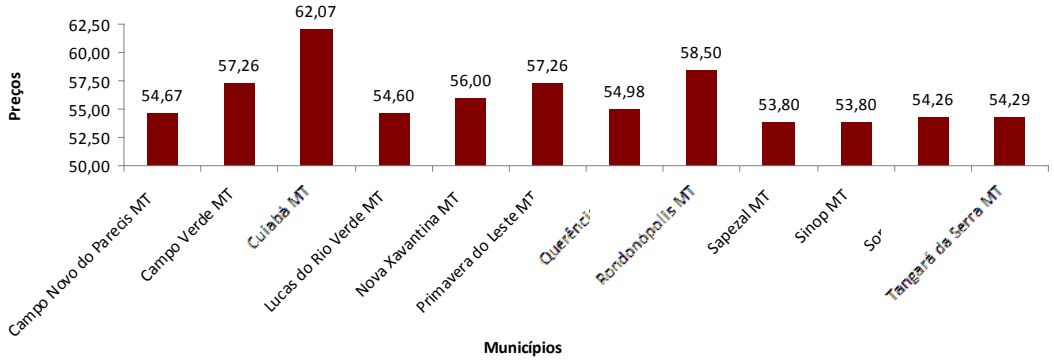
Fonte: Conab

Gráfico 86 -Preço, por município, de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



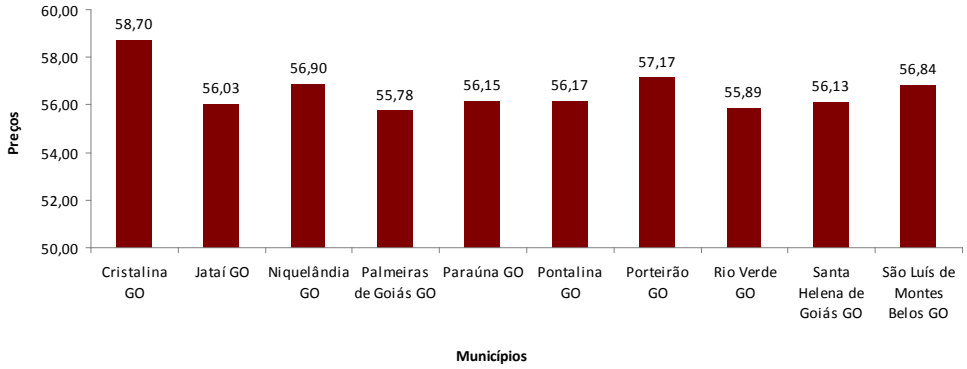
Fonte: Conab

Gráfico 87 -– Preço, por município, de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



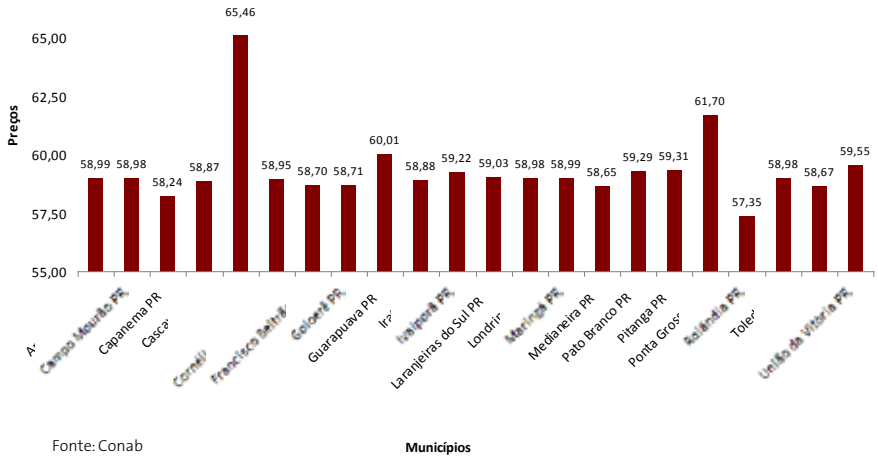
Fonte: Conab

Gráfico 88 - Preço, por município, de soja (60 Kg) – Goiás – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



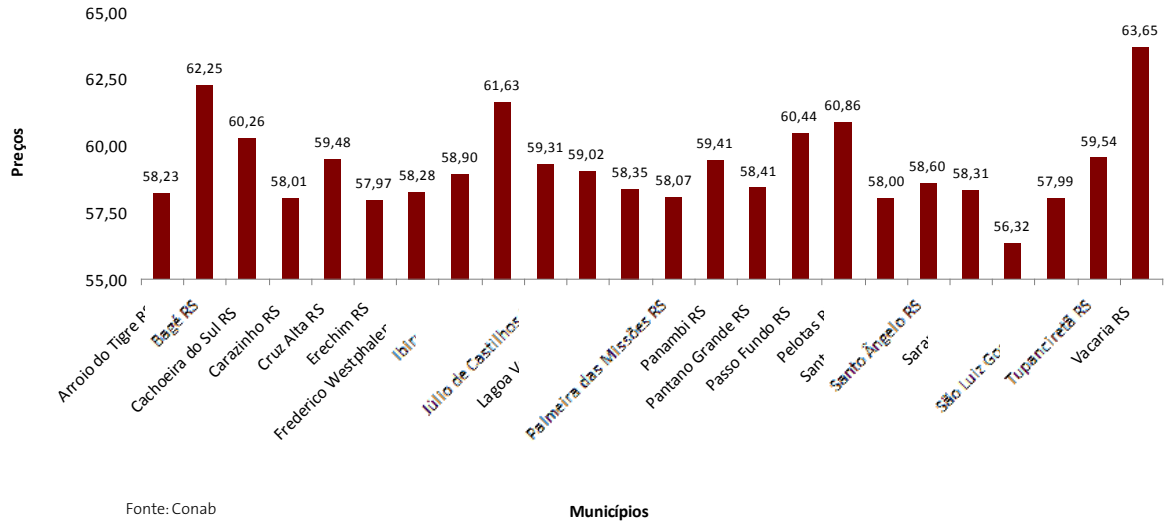
Fonte: Conab

Gráfico 89 - Preço, por município, de soja (60 Kg) – Paraná – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



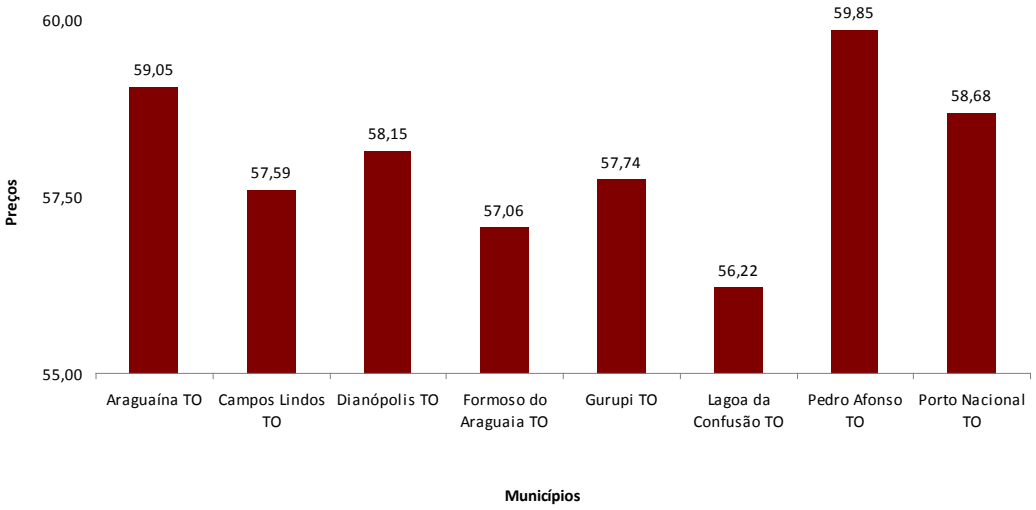
Fonte: Conab

Gráfico 90 - Preço, por município, de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



Fonte: Conab

Gráfico 90 - Preço, por município, de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: setembro de 2014 a setembro de 2015



Fonte: Conab

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6230
http://www.conab.gov.br / geasa@conab.gov.br

9 772318 685002

Conab

Ministério da
Agricultura, Pecuária e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA